

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

Camila Carvalho Gomes da Silva

A identidade valenciana no *Jornal Local*

Juiz de Fora
2014

Camila Carvalho Gomes da Silva

A identidade valenciana no *Jornal Local*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, na linha de pesquisa Comunicação e Identidades, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientadora: Profa. Dra.: Christina Ferraz Musse

Juiz de Fora
2014

Silva, Camila Carvalho Gomes da.

A identidade valenciana no *Jornal Local* / Camila Carvalho Gomes da Silva.

– 2014. 154 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Comunicação)-Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

1. História da imprensa. 2. Identidade local. 3. Jornalismo regional. 4. Memória. I. Título.

Camila Carvalho Gomes da Silva

A identidade valenciana no *Jornal Local*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, na linha de pesquisa Comunicação e Identidades, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientadora: Profa. Dra. Christina Ferraz Musse.

Dissertação aprovada em 14/02/2014.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Christina Ferraz Musse (UFJF) – Orientadora

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (UFJF)

Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa (UFRJ) – Convidada

Juiz de Fora
2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que sempre me guia e me protege. A Ele devo tudo que sou e tudo que consegui até hoje.

Aos meus pais, pelos valores que me passaram e pela certeza que me deram de que o caminho da honestidade e da sinceridade é sempre o melhor a ser seguido. Em especial, a minha mãe, por suportar com paciência meu mau humor, nos dias em que minha dissertação não evoluía como eu desejava.

Ao meu grande amigo, companheiro de viagens, e exemplo de vida, professor Paulo Roberto Figueira Leal, que plantou em mim a vontade de me aventurar na vida acadêmica, e a quem eu sempre pude recorrer nos momentos de dúvidas e incertezas metodológicas da minha pesquisa.

À minha querida orientadora, Christina Ferraz Musse, tão atenciosa e paciente, grande mestra, sempre capaz de enxergar além, que caminhou ao meu lado neste longo caminho de dois anos do mestrado. Obrigada professora, por estar sempre disposta a ouvir e respeitar as opiniões de seus alunos!

Aos professores Doutores Paulo Roberto Figueira Leal e Marialva Carlos Barbosa, por terem gentilmente aceitado compor a banca desta dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela bolsa concedida no último ano do mestrado, que tornou possível a minha dedicação exclusiva à pesquisa e à dissertação.

Aos meus amados irmãos Paola e Dudu, e ao meu tio Beto, pessoas que acreditaram na minha capacidade e no meu “talento literário” talvez até mais do que eu mesma.

A toda a equipe do *Jornal Local*, pela presteza e carinho com que trataram-me quando solicitei, inúmeras vezes, informações pertinentes à pesquisa.

Aos meus amigos,

Haydê, companheira de momentos de aflição e angústia, sentimentos próprios de todos os pesquisadores.

Marcello, sempre tão prestativo e incentivador das minhas empreitadas acadêmicas.

Vinicius, que com seu estilo “don’t worry, be happy” soube trazer para minha vida a leveza muitas vezes necessária para que nos tornemos um bom observador do mundo.

Ana, secretária do nosso Programa de Pós-Graduação em Comunicação, sempre tão prestativa e atenciosa.

RESUMO

A dissertação investiga a trajetória do *Jornal Local*, periódico impresso semanal de Valença, no sul fluminense, com o objetivo de analisar de que forma este periódico narra a cidade, e, assim, que tipo de identidade do espaço urbano o jornal ajuda a construir. Para tanto, utilizam-se autores dos Estudos Culturais como principal referência para o desenvolvimento da questão identitária na contemporaneidade. Além disso, levantou-se na bibliografia cânone local ideias-força definidoras da identidade valenciana tradicional, com o intuito de verificar se é esta a identidade valenciana emergente nas narrativas do *Jornal Local*. Foram pesquisadas 12 edições do impresso em foco, abrangendo as edições de 18 de julho de 2013 a 03 de outubro de 2013, através da metodologia da Análise de Conteúdo. O objetivo do trabalho, mais do que levantar o espaço que o *JL* dedica a problematização do tema identidade valenciana, foi examinar como e com que intensidade o impresso trata o assunto. A pesquisa ainda caracterizou-se por um forte viés historiográfico, ao expor, além da história da cidade, a trajetória histórica da imprensa valenciana.

Palavras-chave: História da imprensa; Identidade local; Jornalismo regional; Memória.

ABSTRACT

This dissertation investigates the history of *Jornal Local*, a weekly printed newspaper of Valença, in southern Rio de Janeiro, with the goal of analyzing how this newspaper chronicles the city, and thus what kind of urban space identity the newspaper helps build. For this, we used authors of Cultural Studies as the main reference for the development of the identity issue in contemporary times. In addition, we researched local canonical bibliography for key defining ideas of traditional valencian identity, in order to verify if this is the emerging valencian identity narratives in the *Jornal Local*. Twelve editions of the newspaper were analyzed, covering the issues of July 18, 2013 to October 3, 2013, using Content Analysis methodology. The goal, more than merely exposing the space dedicated by *JL* to questioning the valencian identity theme, was to examine how and with how much intensity the newspaper treats the subject. The research was also characterized by a strong historiographical focus, to expose, beyond the city's history, the historical trajectory of the Valencian press.

Keywords: History of printing; Local identity; Regional journalism; Memory.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1 – A identidade na contemporaneidade	177
1.1 A identidade do “novo” homem do século XXI	17
1.2 Cultura, mídia e meio social	20
1.3 Valença, um “entre-lugar”	22
1.4 Rastros de reconhecimento: a identidade valenciana na literatura local.....	26
1.5 O Café no Brasil.....	28
1.6 O café em Valença	311
1.7 Ciclo do Café: época dos áureos tempos de Valença.....	32
1.8 A exaltação aos grandes vultos	35
1.9 Laços afetivos de pertencimento à flor da pele	40
1.10 Silêncio na senzala: a escravidão velada em terras valencianas	444
Capítulo 2 – História da Imprensa.....	48
2.1 A relevância da mídia na sociedade brasileira.....	48
2.2 Breve incursão na história da imprensa valenciana: da origem aos tempos atuais .	588
2.3 Raras lembranças	61
2.4 Um pouco de história.....	622
2.5 Os impressos da atualidade	70
Capítulo 3 – De que identidade(s) estamos falando?.....	76
3.1 A Análise de Conteúdo e sua trajetória	76
3.2 Um retrato do <i>Jornal Local</i>	82
3.3 Rotinas informativas	84
3.4 <i>Jornal Local</i> , um jornal “de casa”.....	88
3.5 O passo a passo da análise	91
3.6 Edição de 18 de julho de 2013	95
3.7 Edição de 25 de julho de 2013	99
3.8 Edição de 01 de agosto de 2013	103
3.9 Edição de 08 de agosto de 2013	108
3.10 Edição de 15 de agosto de 2013	112
3.11 Edição de 22 de agosto de 2013	116
3.12 Edição de 29 de agosto de 2013	122

3.13 Edição de 05 de setembro de 2013.....	125
3.14 Edição de 12 de setembro de 2013.....	127
3.15 Edição de 19 de setembro de 2013.....	129
3.16 Edição de 26 de setembro de 2013.....	133
3.17 Edição de 03 de outubro de 2013.....	136
3.18 Dados gerais do material esquadrinhado	138
Considerações finais	142
Referências Bibliográficas	151
Anexo - Arquivo em CD com fotos de alguns exemplares analisados	

Introdução

Antes de tratarmos especificamente de nosso tema central, é relevante explicitar algumas premissas na qual nos baseamos para o desenvolvimento desta pesquisa. Neste sentido, a primeira proposição nos é fornecida por Musse, quando afirma que nos jornais os relatos tornam possíveis a criação do sentimento de pertencimento, construindo desta maneira a noção de lugar (MUSSE, 2008, p.97).

É interessante também comentar, no que tange ao surgimento das cidades, o pensamento de Janice Caiafa. De acordo com a autora, a cidade é um local de convergência de trajetórias, onde diversos indivíduos, originários de diferentes locais, ao se sentirem atraídos através do estabelecimento de marcas e códigos, se territorializam. Sendo assim, considero ser a memória do passado de opulência de Valença¹, quando a cidade foi uma das maiores produtoras de café do país, uma destas marcas capazes de agir como “um imã” para pessoas das mais diversas origens que vão ocupar este espaço de incessante movimento, que é a cidade (CAIAFA, 2007, p.118).

A respeito da relação entre identidade e memória é crucial esclarecer que compartilhamos a ideia de que identidade é uma operação narrativa. Somos não só o que os outros dizem que somos, mas também aquilo que dizemos de nós mesmos. (RIBEIRO, 2007, p.144-145). Neste sentido, é pertinente explicitar o que a autora Fernanda Lima Lopes, citando Lowental (1989, p.83) diz sobre o vínculo entre identidade e memória. Segundo este pensamento de Lowental, a memória também é capaz de estabelecer coerência e sentido à narrativa que construímos de nós mesmos, pois saber o que fomos, de certa maneira, confirma o que somos. Logo, a memória é uma dimensão fundamental dos processos identitários.

Ainda no que tange à memória, ressalta-se que ela é sempre constituída pelo par lembrança/esquecimento, motivada por interesses do presente, o que faz com que o grupo esteja constantemente reconfigurando aquilo que ele acha mais importante sustentar como lembrança (COLOMBO *apud* RIBEIRO, 2007, p.146). Cabe aqui mencionarmos que no nosso caso específico, lembra-se do “passado de opulência de Valença”, mas o fato desta

¹ O município de Valença, no sul fluminense, possui uma área total de 1.304,813 km². É o segundo maior município, em extensão territorial, do Estado do Rio de Janeiro. Sua população é de 71.843 habitantes (IBGE - 2010). Valença está a 160 Km do Rio de Janeiro, 460 Km de São Paulo, 385 Km de Belo Horizonte e a 105 Km de Juiz de Fora. Tornou-se cidade em 29 de setembro de 1857 (MAIA, 2000, p.7).

riqueza, mencionada ao se comentar sobre o passado desta cidade, ter se baseado no trabalho escravo dos negros nas fazendas cafeeiras é convenientemente esquecido.

Avançando um pouco mais na nossa exposição, é fundamental também falar do tensionamento existente entre global/local nos processos de construção das identidades. Segundo Aluísio Trinta a experiência identitária² passa por perceptíveis transformações com o advento da globalização. E os resultados dessa experiência seriam, por um lado o surgimento de uma “cultura popular transnacional”, e por outro, a revalorização do que é local, como as tradições e as peculiaridades de uma determinada região. Dessa forma, o *Jornal Local*³ estaria procurando ser um canal para o fortalecimento da identidade local valenciana através da divulgação de um discurso sobre um passado que deveria ser “motivo de orgulho por parte dos valencianos”.

Discutir a globalização é essencial para entender essa dinâmica entre local e global. O termo “globalização” é base e também ponto principal de uma vasta gama de discussões na atualidade. Em geral, os pesquisadores reduzem o fenômeno como o processo de intensificação das relações internacionais, capaz de originar uma atmosfera supranacional, possuidora de relativa autonomia, mas suficiente para que os estudiosos aí identifiquem uma dinâmica própria (PRADO, 2001, p.67).

Adotaremos como base para o trabalho a ser desenvolvido a visão de Antônio Albino Canelas Rubim, defensor do termo “glocalização” em substituição ao termo globalização. Segundo esse autor, tal fenômeno, por ser sentido de forma singular em cada região do mundo, merece ser nomeado de maneira diferente daquela utilizada pela maioria dos pesquisadores (PRADO, 2001).

A “glocalização” se estabelece, segundo Rubim, no primeiro momento como consequência da necessidade de expansão do capital e a partir dessa esfera econômica, todas as outras esferas - política, cultural, social, entre outras, vão paulatinamente se inserindo nesse processo, pois afinal, todos esses campos estão em constante contato, um influenciando e sendo influenciado pelos outros. (PRADO, 2001).

² “Identidades em mutação vêm adquirindo dinamismo próprio, em contextos sociais e ambientes culturais que são os da Modernidade e o da Contemporaneidade (...)”. (TRINTA in LAHNI; PINHEIRO, 2008: p.31).

³ O *Jornal Local*, periódico impresso semanal de Valença, publicado todas as quinta-feiras, começou a circular na primeira semana de novembro de 2006. Sua equipe era formada pelos jornalistas Gustavo Abruzzini de Barros e Paulo Henrique Nobre; a publicitária Camila Araújo Alves, responsável pelo design gráfico do jornal; Ricardo Reis, fotógrafo autônomo; além de alguns colaboradores. A parte de impressão e a área comercial sempre foram terceirizadas (Informações fornecidas por e-mail pelo editor do *Jornal Local*, Gustavo Abruzzini de Barros, em setembro de 2011).

A liberdade gerada pela “glocalização”, numa visão crítica, seria a liberdade dos empecilhos provocados pelos Estados à expansão do capital. O que surge como consequência do enfraquecimento do Estado e dos seus símbolos, que antes sustentavam uma identidade nacional, são renovadas referências culturais para a construção das identidades locais, regionais, etc. Os veículos de comunicação então se destacam e se fortalecem neste contexto, passando a ser uma das fontes fornecedoras de valores e costumes. Logo, demonstramos assim o motivo da escolha do jornal impresso em questão – *Jornal Local* – como possível instrumento fornecedor de uma das representações imagináveis da identidade valenciana.

Mas, afinal, como a ideia de local (de comunidade) se encaixa nesse contexto de “glocalização”? Para Raquel Paiva, o globalismo exacerba a competitividade e o individualismo. Com isso, produz um paradoxo: à medida que o indivíduo perde sua identidade, ou melhor, tem que escolher quem ele é, já não recebe essa identidade naturalmente como herança grupal, ele procura se encaixar num determinado microuniverso (PAIVA, 2003, p.26). Sendo assim, no contexto da atualidade os meios de comunicação podem se configurar em instrumento para (re)construção do sentimento de pertencer a uma localidade, que neste caso específico é o município de Valença.

Partindo do pressuposto apresentado pela autora Iluska Coutinho, que diz que no Brasil os telejornais se constituem atualmente como uma nova praça pública; onde substancial parte da população brasileira realiza se não o único, o mais relevante encontro rotineiro com informações jornalísticas (COUTINHO *in* LAHNI; PINHEIRO, 2008, p.14); qual seria então a justificativa para a escolha do *Jornal Local*, um jornal impresso, como objeto de estudo do presente trabalho?

É relevante expor que os telejornais a que Coutinho se refere são aqueles de abrangência nacional. Nos telejornais regionais o que se constata é justamente o contrário: em pesquisa realizada entre os dias 09 de agosto e 09 de setembro de 2010⁴ com o principal telejornal da região onde Valença se situa, chegou-se a conclusão de que raramente este veículo comunicacional traz notícias sobre o referido município: a análise feita durante um mês com o telejornal em foco mostrou que somente 2,9% das reportagens apresentadas eram referentes a Valença.

⁴ Resultado obtido através de pesquisa realizada pela autora do presente trabalho no telejornal de 19h da TV Rio Sul, a afiliada da Rede Globo na região Sul Fluminense.

Seguindo esta linha de raciocínio, a proposta dessa pesquisa foi analisar qual é a representação da identidade valenciana emergente através da veiculação de notícias referentes ao município de Valença (RJ), no periódico impresso semanal denominado *Jornal Local*. Em outras palavras, ao ter como premissa a ideia que os meios de comunicação se configuram em arena privilegiada para o processo de construção das identidades atuais – sejam elas de classe, religiosa, institucional, grupal, ou de qualquer outro tipo – nossa intenção foi examinar como o *Jornal Local* fornece uma entre as muitas possibilidades de representação da identidade valenciana.

Além disso, a presente pesquisa procurou, indiretamente, investigar como o *Jornal Local* busca fortalecer o sentimento de pertencimento dos habitantes de Valença – utilizando como ferramenta principal uma narrativa construída com base na valorização do passado glorioso que esta cidade sul fluminense possuiria – no contexto do processo de globalização.

Em relação ao passado áureo de Valença, cumpre mencionar o fato de que existem alguns historiadores que partilham do ponto de vista de que Valença foi uma cidade de notoriedade na época do ciclo do café. Com base nisso, procuramos estudar na bibliografia cânone local ideias-chave que norteiam uma dita identidade valenciana tradicional. Destacamos aqui, como um exemplo de autor pertencente a este grupo, Rogério da Silva Tjader, um dos escritores que se dedica ao assunto, cujas algumas obras se converteram em fontes para nosso trabalho.

Procuramos explicitar ainda a importância dos meios de comunicação na formação das identidades, fato primordial para a dissertação, uma vez que o discurso que circula pela mídia é, cada vez mais, uma fonte fundamental para os processos de reconhecimento, adesão e projeção identitária dos sujeitos.

Vale esclarecer também os motivos que levaram-nos a realizar a pesquisa. Em relação à relevância acadêmica, destacamos o intuito de tornar a imprensa valenciana mais conhecida. Afinal, a história dos veículos de comunicação da cidade já possui mais de 180 anos e, impressiona a nós o fato de esta rica trajetória ter sido muito pouco estudada, havendo poucas obras que tratam do tema.

Além disso, nosso esforço na elaboração desta pesquisa também se deu para contagiar os estudiosos da cidade com o vírus da curiosidade, instigar a sede de saber, ou seja, julgamos que nosso trabalho será uma forma de incentivo para que outros estudos acadêmicos, nas mais diversas áreas, sejam realizados sobre Valença, e, assim, quem sabe os filhos desta terra não mais precisem deixá-la para alcançar êxito profissional em locais distantes.

Aliado a estas questões, ainda existe o fato de que procuramos fugir da prática acadêmica de analisar somente os grandes veículos de comunicação. Idealizamos contribuir com uma nova perspectiva investigativa, que tem ganhado força nos últimos anos na área de pesquisas científicas, de voltar-se para objetos de estudo locais.

Quanto às motivações pessoais, o maior peso recaiu sobre nossa própria identidade profissional, pois nosso forte *ethos* jornalístico leva-nos a querer, frequentemente, nos dedicarmos a examinar meios de comunicação. É primordial revelar ainda que, apesar de sabermos das deficiências do *Jornal Local*, sempre nutrimos admiração pela coragem de seu idealizador. Afinal, por termos conhecimento sobre o meio jornalístico valenciano, conhecemos um pouco as dificuldades de trabalhar neste campo: disputa de egos, críticas infundadas sobre atuação profissional, e muito “amadorismo jornalístico”.

Sobre os objetivos gerais, podemos dizer que uma de nossas metas foi procurar evidenciar a importância da imprensa valenciana ao longo de seus 180 anos de história, além de levar ao conhecimento de um público mais amplo, que ultrapasse os limites regionais já alcançados, a existência do *Jornal Local*. Almejamos também produzir um trabalho pioneiro com o *Jornal Local*, visto que, este periódico ainda não tinha sido estudado com o enfoque sobre a identidade valenciana. Neste sentido, também tentamos despertar o interesse de outros pesquisadores de imprensa por este periódico.

Já em relação aos objetivos específicos, nos propusemos a explorar o pensamento de que o *Jornal Local* é um dos atores sociais responsáveis pela disseminação de uma, das muitas identidades valencianas possíveis, através da defesa de ideias, consagradas na bibliografia cânone local, tidas como “essência genuína” da identidade valenciana. Além disso, nos dedicamos a buscar elementos capazes de comprovar ou refutar nossa hipótese inicial de que o *Jornal Local* segue os padrões já estabelecidos em relação à caracterização da identidade valenciana, utilizando como subterfúgio para tal fim um discurso enaltecido de um passado memorável.

No que tange à metodologia utilizada na pesquisa, é crucial por em relevo seu forte viés historiográfico. Nesse sentido, é importante fazer menção aos autores da história da imprensa brasileira, como Nelson Werneck Sodré e Marialva Barbosa. Em particular, com relação a esta pesquisadora, vale ressaltar que compartilhamos seu argumento de que, apesar de haver uma extensa bibliografia sobre a história da imprensa brasileira, esta história é vista muitas vezes sob a ótica de outros contextos, ou seja, a história da comunicação no Brasil é analisada, majoritariamente, sem abarcar as particularidades deste processo no território brasileiro, o que não seria interessante para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Portanto,

foi primordial para o avanço de nossos estudos encontrar obras que desvendassem a trajetória comunicacional brasileira sobre um ponto de vista que contempla a ambiência da comunicação em nosso país.

A realização de revisão bibliográfica, ainda dê-se com o intuito de fazer o levantamento de pontos básicos dentro do tema Comunicação e Sociedade e, depois, afunilamos o enfoque da pesquisa para Comunicação e Identidades. Autores tidos como referência nesta área, como Jesús Martin-Barbero, Nestor Garcia Canclini, Stuart Hall, entre outros, foram consultados nesta etapa do trabalho, com a intenção de contextualizar o que vem a ser a identidade no momento pós-moderno – ou contemporâneo – em que vivemos.

Vale ressaltar que também realizamos uma investigação sobre os autores que poderiam ser usados como fontes da bibliografia tradicional de Valença, pesquisamos, mais especificamente, quais poderiam ser as obras fornecedoras de ideias-força com relação à identidade tradicional valenciana. Destes autores, selecionamos os mais conhecidos, com o intuito de tornar mais fácil o acesso ao material, dado que são obras literárias, em sua maioria, muito antigas, e que, portanto, somente são encontradas em bibliotecas públicas, onde não é possível fazer empréstimos destes livros, já que são exemplares raros. Também foi feita uma revisão bibliográfica para criar uma linha do tempo da história da imprensa a nível local.

Dados fornecidos pelo site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foram utilizados para fazer a contextualização de Valença. Foram feitas entrevistas com o fundador/editor do periódico em questão para levantar o histórico do jornal, informações sobre o cotidiano da redação, o relacionamento com leitores e colaboradores do *JL*, entre outras coisas.

O *corpus* da pesquisa se concentrou nas edições do *Jornal Local* durante o período de 18 de julho de 2013 a 03 de outubro de 2013. Vale ressaltar que a escolha deste intervalo de tempo não foi aleatória. Na verdade, optamos por averiguar estas edições por elas abarcarem duas datas comemorativas de Valença, a Festa de Nossa Senhora da Glória, padroeira de Valença, evento ocorrido na primeira quinzena de agosto, e o aniversário da cidade, festividade realizada em 29 de setembro.

Para realizar a análise destes exemplares, utilizamos a metodologia de Análise de Conteúdo. Baseados nas ideias-chave que norteiam a definição da identidade valenciana tradicional, encontradas na bibliografia cânone sobre a cidade, criamos três categorias de análise – história da cidade, personalidades do município e especificidades de Valença –, e, a partir delas, buscamos as narrativas do *JL* que poderiam ser encaixadas nesta classificação. Diante da constatação de que o texto pertencia às categorias, procuramos vestígios das ideias

que tais narrativas alimentavam. Desta forma, o esforço de nossa pesquisa deu-se no sentido não só de quantificar estas ideias-chave nos textos do *Jornal Local*, mas, principalmente, de mensurar a intensidade das mesmas nas narrativas examinadas.

No primeiro capítulo, nosso objetivo foi, além de lapidar o conceito contemporâneo de identidade, que perpassou toda a dissertação, evidenciar as principais ideias-chaves sobre a identidade valenciana tradicional encontrada nas obras literárias locais. Vale esclarecer que o estudo do conceito de identidade foi feito a partir de uma leitura baseada nos Estudos Culturais, que admite identidade como um fenômeno simbólico discursivo surgido da estruturação social da realidade e efetiva dona vida cotidiana. Ainda neste capítulo, discutimos os aspectos identitários peculiares aos moradores de Valença. Em outras palavras, fizemos uma contextualização dessa identidade local.

Sobre o segundo capítulo, é interessante mencionar que tratamos brevemente da relevância da imprensa na história da sociedade brasileira. Trabalhamos a influência desta mídia na política, economia e principalmente na área social do país. Procuramos discutir ainda conceitos específicos da área jornalística. Afinal, nosso objeto de estudo é uma produção jornalística e, portanto, foi preciso ter uma base teórica que discutisse a práxis desta profissão. Explicitamos também a história da imprensa valenciana, para melhor entender de que “ambiente midiático” surgiu o *Jornal Local*.

O capítulo 3 concentrou-se na discussão pormenorizada da metodologia adotada e, majoritariamente, no estudo empírico da identidade valenciana encontrada nos textos do *Jornal Local*. Na verdade, nesta parte de nossa pesquisa, nos esforçamos para expor os aspectos mais representativos de nossa análise, com o intuito de tornar mais inteligível o estudo efetivado.

Por fim, nas considerações finais assinalamos as ponderações alcançadas através da pesquisa, ou seja, realizamos as considerações finais a respeito do estudo. Vale dizer que também apresentamos na conclusão os argumentos no sentido de comprovar o resultado à que chegamos sobre nossa hipótese inicial de que o *Jornal Local* segue os padrões já estabelecidos em relação à caracterização da identidade valenciana.

Capítulo 1 – A identidade na contemporaneidade

O objetivo dessa parte de nosso trabalho é lapidar o conceito contemporâneo de identidade, que irá perpassar toda a dissertação. O estudo do conceito será feito a partir de uma leitura baseada nos Estudos Culturais e no Interacionismo Simbólico, que admitem identidade como um fenômeno simbólico discursivo surgido da estruturação social da realidade e efetivado na vida cotidiana.

Além disso, serão discutidos os aspectos identitários peculiares aos moradores de Valença. Em outras palavras, faremos uma contextualização dessa identidade local. Sendo assim, para falarmos da identidade valenciana, também buscamos autores da própria cidade, no intuito de inventariar ideias-força presentes nestas narrativas e estruturantes de uma das possíveis leituras feitas sobre a identidade valenciana.

1.1 A identidade do “novo” homem do século XXI

A primeira premissa teórica a ser apresentada deve dizer respeito à palavra identidade. De acordo com o “Dicionário do Pensamento Social do Século XX”, este termo advém da raiz latina *idem*, que significa igualdade e continuidade. Esta palavra – identidade – teria uma extensa história filosófica “que examina a permanência em meio à mudança e a unidade em meio à diversidade” (BOTTOMORE; OUTHWAITE, 2000, p. 369).

O referido termo só se popularizou no século XX, principalmente em decorrência da publicação, na América do Norte, de livros como “The Lonely Crowd” (RIESMAN, 1950) e “Identity and Anxiety” (STEIN, 1960). Estes relatavam o aumento da perda de significado e a posterior busca por ela numa sociedade de massa. A partir deste momento, a palavra em foco passou a ser utilizada nas descrições dessa procura por respostas à questão “quem realmente eu sou?”. “Tratando inicialmente das crises enfrentadas por negros, judeus e minorias religiosas, ela foi, em última análise, generalizada para o todo da sociedade moderna.” (BOTTOMORE; OUTHWAITE, 2000, p. 369).

No campo das ciências sociais, as discussões referentes à identidade apresentam duas vertentes, a psicodinâmica e a sociológica. A visão escolhida para orientar este trabalho é a da vertente sociológica, e por este motivo a exposição de seus argumentos teóricos será mais detalhada do que a da psicodinâmica, que apenas será citada a seguir: “A teoria psicodinâmica

ênfatisa o cerne de uma estrutura psíquica como tendo uma identidade contínua (embora, em geral, conflitante)” (BOTTOMORE; OUTHWAITE, 2000, p.369).

Por sua vez, a tradição sociológica da teoria da identidade está intimamente unida ao Interacionismo Simbólico, e emerge tendo por base a teoria pragmática do eu discutida por William James e George Herbert Mead.

O eu é uma capacidade caracteristicamente humana que permite às pessoas ponderar de forma reflexiva sobre sua natureza e sobre o mundo social através da comunicação e da linguagem. Tanto James quanto Mead encaram o eu como um processo com duas fases – o Eu que é sabedor, interior, subjetivo, criativo, determinante e inescrutável; e o Eu Mesmo, que é a fase mais conhecida, exterior, determinada e social (...). É o Eu Mesmo que está mais ligado à identidade – ao modo pelo qual chegamos a nos tornar a nós mesmos como objetos através do ato de vermos a nós mesmos e aos outros (BOTTOMORE; OUTHWAITE, 2000, p.369-370).

É interessante mencionar que, de acordo com esta abordagem, a identificação é um processo discursivo, de outorgar nome, de nos colocarmos em categorias construídas socialmente. Desta forma, a linguagem torna-se um fator decisivo no processo de descobrimento de nossa identidade.

Para concluir, em relação à tradição sociológica, cabe ressaltar ainda os autores Erving Goffman e Peter Berger, que encaram a identidade como sendo socialmente outorgada, sustentada e transformada. Para Goffman e Berger, os indivíduos edificam suas identidades a partir da cultura da qual fazem parte (BOTTOMORE; OUTHWAITE, 2000, p.369- 370).

Adotaremos também nesta pesquisa a visão de um dos autores ligados à teoria dos Estudos Culturais, Stuart Hall. Hall (2001) expõe em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade”, o parâmetro conceitual de identidade que nos servirá de base. Vale ressaltar que Hall partilha a abordagem feita pela tradição sociológica no que tange à definição do termo identidade.

De acordo com Hall (2001), historicamente, podemos considerar a existência de três concepções distintas de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Interessa-nos mais diretamente para este trabalho as considerações feitas pelo autor sobre o sujeito pós-moderno, que é o homem de nosso tempo, contemporâneo a nós, e por isso concentraremos a discussão teórica nesta concepção, apenas explicando resumidamente as outras.

Com relação ao sujeito do Iluminismo, que possuía como pano de fundo uma concepção individualista, pode-se dizer que este era um indivíduo centrado, unificado, com uma identidade fixa (HALL, 2001, p.10).

Já o sujeito sociológico carregava implícita uma concepção interativa de identidade e do eu. A noção deste sujeito era a de que o núcleo interior da pessoa é formado a partir da relação estabelecida por esta com os indivíduos importantes para sua vida. Sobre este sujeito Hall salienta que ele “ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que estes mundos oferecem” (HALL, 2001, p.11).

Por sua vez, o sujeito pós-moderno é qualificado como um indivíduo possuidor de uma identidade fragmentada, como se nós abrigássemos vários eus. Nesse sentido, Hall argumenta:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2001, p.13).

Mas, como se deu esta transformação do sujeito ao longo dos tempos? O primeiro passo relevante para a ocorrência destas modificações na estruturação da identidade do sujeito foram as transformações vindas com a modernidade, que “liberaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas.” (HALL, 2001, p.13).

Antes do Iluminismo, a crença predominante era a de que tais estruturas sociais e as tradições eram divinamente estabelecidas. Todavia, o aparecimento do “ ‘indivíduo soberano’, entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, representou uma ruptura importante com o passado” (HALL, 2001, p.13).

Muitos movimentos culturais ocidentais ajudaram a fazer surgir esta concepção do sujeito individualista e soberano. Dentro deste grupo, Hall destaca:

A Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista, que colocou o Homem (*sic*) no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao Homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da Natureza; e o Iluminismo, centrado na imagem do Homem racional (...) (HALL, 2001, p.26).

No entanto, com o aumento da complexidade das sociedades modernas, estas foram paulatinamente assumindo uma forma mais coletiva, mais social.

Emergiu, então, uma concepção mais *social* do sujeito. O indivíduo passou a ser visto como mais localizado e “definido” no interior dessas grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna. Dois importantes eventos contribuíram para articular um conjunto mais amplo de fundamentos conceituais para o sujeito moderno. O primeiro foi a biologia darwiniana (...). O segundo evento foi o surgimento das novas ciências sociais (HALL, 2001, p.30).

Cabe aqui por em relevo que foi neste mesmo século XX, quando emergiu o sujeito sociológico, que surgiram as bases para o nascimento do sujeito pós-moderno. Segundo Stuart Hall, “um quadro mais perturbado e perturbador do sujeito e da identidade estava começando a emergir dos movimentos estéticos e intelectuais, associado com o surgimento do modernismo”. (HALL, 2001, p.32).

O que vemos então é a última transformação – até agora – vivida pela concepção de identidade norteadora do sujeito. “Encontramos, aqui, a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano de fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal” (HALL, 2001, p.32).

Desta maneira, o sujeito, antes visto como possuidor de uma identidade fixa e estável, foi perdendo força, e aos poucos deu lugar ao sujeito com uma identidade em aberto, inacabada, em constante transformação, fragmentada, uma identidade própria da cultura hibridizada dos dias atuais. E é este o sujeito pós-moderno ao qual iremos nos referir na presente pesquisa.

1.2 Cultura, mídia e meio social

Com relação ao termo cultura, cumpre destacar o pensamento de Felix Keesing, citado por Roque de Barros Laraia em seu livro “Cultura - um conceito antropológico”:

Não existe correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição dos comportamentos culturais. Qualquer criança humana normal pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado (LARAIA, 2009, p.17).

Neste sentido, é relevante destacar novamente que uma das premissas deste trabalho é a ideia de que o mundo que nos cerca é construído através de um discurso, de uma narrativa. Desta maneira, a cultura não nos é naturalmente dada, ela nada mais é do que uma construção social. Assim, podemos afirmar que o determinismo biológico, que ainda é defendido por algumas teorias, representa a ideia oposta àquela que é uma das bases estruturadoras desta pesquisa.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, também discordamos do determinismo geográfico, que defende que as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural. Neste sentido, é esclarecedor o trecho abaixo:

A partir de 1920, antropólogos como Boas, Wissler, Kroeber, entre outros, refutaram este tipo de determinismo e demonstraram que existe uma limitação na influência geográfica sobre os fatores culturais. E mais: que é possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico⁵ (LARAIA, 2009, p.21).

Ainda de acordo com as exposições de Laraia, foi com a definição de cultura exposta acima que Tylor abrangeu em um só termo todas as possibilidades de realização humana, também marcando fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à tese de que esta seria obtida de forma inata, transmitida biologicamente.

Convém neste momento transportar a discussão da identidade do sujeito pós-moderno, tendo como premissa a definição de cultura apresentada, para o campo da comunicação. Segundo Douglas Kellner, existe uma cultura que nos atinge através das imagens, sons e espetáculos midiáticos, que nos ajudam a construir nosso dia a dia, “modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade” (KELLNER, 2001, p.9).

Assim, para o autor, a cultura fornecida pela mídia nos dá o material responsável pela criação das “identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global” (KELLNER, 2001, p.9). Nesta cultura, definida por Kellner como “Cultura da Mídia”,

As pessoas passam um tempo enorme ouvindo rádio, assistindo à televisão, freqüentando cinemas, convivendo com música, fazendo compras, lendo revistas e jornais, participando destas e de outras formas de cultura veiculada pelos meios de comunicação. Portanto, trata-se de uma cultura que passou a dominar a vida

⁵ É possível adquirir mais informações sobre esta questão no livro “Cultura - um conceito antropológico”, do autor Roque de Barros Laraia.

cotidiana, servindo de pano de fundo onipresente e muitas vezes de sedutor primeiro plano para o qual convergem nossa atenção e nossas atividades, algo que, segundo alguns, está minando a potencialidade e a criatividade humana (KELLNER, 2001, p.9).

A partir da exposição realizada sobre a relação entre mídia e construção identitária, torna-se patente a importância central dos meios de comunicação como uma das bases estruturadoras da identidade do homem pós-moderno.

Por fim, é interessante ressaltar que, apesar do homem pós-moderno experienciar uma sensação de desconforto, por se sentir um “ser não-definido”, possuidor de uma “identidade intervalar”, uma “existência fronteira”, nascida através do cruzamento de diferentes papéis sociais assumidos conforme o tempo e o espaço do agora exigem, assumimos posição idêntica ao autor Homi Bhabha (1998), que declara: “Como criaturas literárias e animais políticos, devemos nos preocupar com a compreensão da ação humana e do mundo social como um momento em que algo está fora de controle, mas não fora da possibilidade de organização” (BHABHA, 1998, p. 34). Em outras palavras, cabe a nós, então, trabalhar no sentido de compreender o momento pelo qual este “novo homem” do século XXI está passando, para elaborar um plano de ação capaz de fornecer o mínimo de segurança de que necessitamos para viver.

1.3 Valença, um “entre-lugar”

A cidade de Valença, no Sul do Estado do Rio de Janeiro, possui atualmente uma população de 71.843 habitantes, distribuídos em uma área territorial de 1.304,813 Km² e tem uma densidade demográfica de 55,06 habitantes por Km² (IBGE. Censo 2010). Valença está a 160 Km do Rio de Janeiro, 460 Km de São Paulo, 385 Km de Belo Horizonte e a 105 Km de Juiz de Fora (Revista Expansão Nacional, 2000, p.7). Geograficamente, o município encontra-se limitado pelo Rio Paraíba do Sul e pelo Rio Preto, que faz a divisa com o Estado de Minas Gerais, e foram as terras férteis destes rios que levaram à ocupação do local⁶.

O município, o segundo maior do Estado do Rio de Janeiro em extensão territorial⁷, possui seis distritos: Valença (sede), Barão de Juparanã, a "Cidade dos Barões" (2º

⁶ Informações retiradas do livro “Uma pequena História de Valença”, de Rogério Tjader; e também de “Valença de Ontem e de Hoje - 1789 - 1952 - Subsídios para a História do Município de Marquês de Valença”, do autor Leoni Iório.

⁷ O maior município fluminense, em extensão territorial, é Campos, no norte do Estado.

distrito), Santa Isabel do Rio Preto (3º distrito), Pentagna (4º distrito), Parapeúna (5º distrito) e Conservatória, a "Cidade das Serestas" (6º distrito)." (TJADER, 2003, p. 64-65). Seu PIB *per capita* a preços correntes é de R\$ 13.727,11 reais. O valor de rendimento médio mensal dos domicílios da área rural é de R\$ 1.649,79; e o valor do rendimento médio mensal dos domicílios da área urbana é de R\$ 2.177,09 (IBGE. Censo 2010).

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é 0,738 (2010). O município encontra-se na faixa de Desenvolvimento Humano Alto, visto que o limite máximo deste índice é 1. Valença teve um crescimento no seu IDHM de 39, 77% nas últimas duas décadas, taxa que ficou abaixo da média de crescimento nacional (47,46%), mas acima da média de crescimento estadual (32,81%). Vale por em relevo que as áreas de maior crescimento, entre aquelas que têm relevância para a mensuração do IDHM, foram educação, seguida por longevidade e renda.

A cidade ocupa a 823ª posição no ranking de IDHM (2010), em relação ao total de 5.565 municípios brasileiros. Em outras palavras, 14, 77% dos municípios do Brasil estão em situação melhor que Valença, enquanto 85,23 % dos municípios encontram-se em situação igual ou pior. Em comparação aos outros 92 municípios do estado do Rio de Janeiro, Valença ocupa a 15ª posição, ou seja, 14 municípios fluminenses se encontram em situação melhor e 78 estão em situação pior ou igual.

A população de Valença tem uma taxa média de crescimento anual de 0,80% entre 2000 e 2010, enquanto esta mesma taxa é de 1,01% no estado e também no país. Vale ressaltar que a taxa de urbanização da cidade cresceu 4, 73% nas últimas duas décadas. A estrutura etária da população, no ano de 2010, está distribuída entre 21,25% de pessoas com menos de 15 anos, 68,20% de valencianos com idade entre 15 e 64 anos, e 10,55 % com 65 anos ou mais. Já o índice de envelhecimento é de 10,55% (2010).

Sobre os dados econômicos dos valencianos, é interessante evidenciar que a taxa de atividade (percentual da população economicamente ativa) da população com 18 anos ou mais, para o ano de 2010, é de 64,53%. Nesta faixa etária, 9,07% trabalham no setor agropecuário, 0,24 % na indústria extrativa, 11,76% na indústria de transformação, 8,12% no setor de construção, 0,98 % nos setores de utilidade pública, 16,15% no comércio, e a maioria (49,51%) no setor de serviços.⁸

Desde o fim do século XVIII Valença foi local obrigatório de passagem dos tropeiros que vinham de Minas Gerais com destino ao Rio de Janeiro. Iório comenta que “os tropeiros

⁸ Todas as informações relativas ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Valença foram extraídas do endereço eletrônico http://www.atlasbrasil.org.br/2013/perfil/valenca_rj.

mineiros, na sua árdua missão, entravam, assim, triunfalmente, na velha cidade de Valença, cuja população, transbordante de alegria imensa, os recebia com festas e aplausos. (...)” (1953: p.110). Segundo o autor, era ali, “no coração da cidade” que as tropas pousavam e descansavam, para no dia seguinte seguirem para a Côrte onde descarregariam as mercadorias transportadas (IÓRIO, 1953: p.110). Foi inclusive em homenagem a estes viajantes que os valencianos batizaram o principal logradouro da cidade de Rua dos Mineiros (IÓRIO, 1953, p.113).

É relevante frisar também que Valença pode ser caracterizada como “local de passagem” (MUSSE, 2008) por possuir um considerável número de estudantes universitários vindos das mais diferentes localidades do país para cursar uns dos 13 cursos de graduação oferecidos pela Fundação Educacional Dom André Arcoverde (FAA)⁹, tradicional instituição de ensino superior de Valença. Esta população flutuante, atraída principalmente pelo curso de Medicina oferecido pela FAA, não tem vínculos de pertencimento com a cidade, e dificilmente permanece em Valença após o fim de seus estudos, ou seja, estes jovens não criam laços afetivos com o município durante o período em que nele vivem.

Há ainda que ser considerado o fato de que Valença é uma região fronteira: seu 5º distrito, Parapeúna, faz divisa com o município mineiro de Rio Preto. Os próprios moradores de Parapeúna dizem estar muito mais ligados a Rio Preto do que a Valença, afinal, para chegar à cidade mineira, é preciso somente atravessar uma ponte, enquanto que para chegar à sede de Valença existe a necessidade de percorrer alguns quilômetros.

Existe até quem diga que os valencianos são mais mineiros do que fluminenses, visto que Valença está mais próxima de Juiz de Fora (105 Km) do que da capital do estado do Rio de Janeiro (160 Km).

Cumprido esclarecer neste momento a origem da expressão “entre-lugar”, usada no título desta parte de nosso trabalho. Na verdade este termo foi apresentado pelo escritor Homi K. Bhaba, em sua obra “O local da cultura” (1998). Segundo o autor, o lugar onde uma cultura é construída, e conseqüentemente onde se dá a formação das identidades originárias desta ambiência cultural, são sempre “entre-lugares”, regiões fronteira, interstícios. Na

⁹ Em 29 de março de 1965, através de uma deliberação da Câmara Municipal de Valença, cujo projeto foi elaborado pelo então vereador Prof. Miguel Augusto Pellegrini, foi criada a *Fundação Educacional Dom André Arcoverde (FAA)*. O projeto foi então sancionado pelo prefeito da época, Luiz Gioseffi Jannuzzi, tendo este se tornado o primeiro presidente da instituição. A FAA “foi criada em Assembléia-Geral de 03 de julho de 1966, como pessoa jurídica de direito privado, sendo uma entidade educativa de natureza filantrópica, com sede e foro na cidade de Valença, Estado do Rio de Janeiro (...)” Hoje a FAA possui 13 cursos de graduação, como Direito (106 vagas noturnas e 40 diurnas por ano) e Medicina (60 vagas por ano), entre outros. Além disso, a instituição ainda possui alguns cursos de pós-graduação e de formação técnica (Informações retiradas do endereço eletrônico <http://www.faa.edu.br/institucional.php>).

verdade, o “local da cultura” é aquela região onde há o encontro de parâmetros culturais diferentes, como se este lugar fosse a escada capaz de ligar o porão e o primeiro andar de uma casa. Importante se faz esclarecer ainda que Bhabha admite ser o fenômeno de edificação identitária um processo em constante mudança (BHABHA, 1998).

Vale ressaltar que temos como uma das premissas de nossa pesquisa o fato de que não existe, e nem nunca existiu, a pureza cultural sonhada por muitos. Afinal, como nos diz Jesús Martín Barbero a grande verdade cultural das Américas, é a mestiçagem (BARBERO, 2009, p.28). A esta argumentação, une-se a ideia de que hoje vivemos o hibridismo cultural, o multiculturalismo (BHABHA, 1998), (HALL, 2001). As culturas nacionais, por exemplo, vivem um momento de redefinição. “Cada vez mais, as culturas ‘nacionais’ estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas” (BHABHA, 1998, p. 25).

Bhabha (1998) sustenta a tese de que hoje vivemos uma sensação de desorientação. As categorias classificatórias que antes eram fortes referências para a formação das identidades modernas (classe, gênero, religião, entre outras) já não são capazes de fornecer “bases inquestionáveis” de orientação identitária. As identidades de diferença (negro/branco, eu/outro, homem/mulher) já não estão mais predominando. O que vivenciamos hoje é a construção de identidades dialéticas, ou, nas palavras do autor, “identidades expandidas”. Já que as identidades pós-modernas passaram a incorporar aquilo que está além, e que antes estava fora, distante, e era definido como sendo “a negação do que eu sou”:

Estar no “além”, portanto, é habitar um espaço intermédio. (...) Mas residir “no além” é ainda (...) ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunalidade humana, histórica; **tocar o futuro em seu lado de cá**. Nesse sentido, então, o espaço intermédio “além” torna-se um espaço de intervenção no aqui e no agora [grifo no original] (BHABHA, 1998, p. 27).

Mas, por que mostrar o arcabouço teórico descrito para tratar de identidade valenciana? A resposta para justificar este trajeto narrativo é muito clara. Objetivamos não deixar dúvidas sobre a nossa posição de que sabemos existir inúmeras identidades valencianas. Entretanto, optamos por investigar se nosso objeto de estudo, o *Jornal Local*, adota uma postura conservadora, ou melhor, queremos averiguar se o impresso em foco assume em seu discurso uma identidade valenciana tradicional, uma das possíveis identidades assumidas pela população deste município.

É crucial mencionar ainda que consideramos como “identidade tradicional valenciana” aquela que emerge nas narrativas das principais obras literárias cujos temas giram

em torno da história de Valença. Tais obras nos apresentam algumas ideias-força, das quais elencamos as mais constantes para termos como guia para nossa pesquisa no *Jornal Local*.

1.4 Rastros de reconhecimento: a identidade valenciana na literatura local

“A tradição vive o passado, alimenta o presente e modela o futuro. Sem ela não há História, e sem história não há povo forte” (NUNES *apud* MENEZES, 2011, p.5).

Esta citação do poeta valenciano Arnaldo Nunes (1890-1966) é sintomática das ideias sustentadoras da identidade valenciana que vem sendo construída ao longo da história do município. É interessante, antes de apresentarmos as ideias-chaves ancoradoras desta identidade, inventariar alguns títulos de obras de autores de Valença que podem nos fornecer pistas do que encontraremos como fonte para a construção identitária deste local na literatura tradicional valenciana.

O levantamento destes títulos foi realizado tendo como fonte a obra “Catálogo de livros de autores valencianos e afins”, de Walter Menezes. Convém elucidar que serão citadas somente as publicações que se relacionarem de alguma maneira às ideias-chaves que possivelmente fundamentam o processo de formação da identidade valenciana. Ressaltamos que o gênero literário das obras não foi fator de inclusão ou exclusão destas no inventário realizado, apenas colocaremos entre parênteses a informação à qual gênero literário a obra pertence para que fique evidente que a emotividade, a subjetividade, também se fizeram e se fazem fortemente presentes quando o assunto é a formação identitária de um grupo.

Já na primeira página do catálogo podemos encontrar os títulos “Reminiscência” (História/ Prosa/ Poesias), de Albino Macedo, e “Crônicas da minha saudade” (Crônicas), de Alkindar Costa (MENEZES, 2011, p. 22). “História de cafés, casarões, sinhás e outras delícias” (Ciclo do Café/ História), de Ana Seraphim (MENEZES, 2011, p. 24), e “Mercador de sonhos” (História), de Arnaldo Mazza (MENEZES, 2011, p. 26) e entre as diversas obras de Arnaldo Nunes colocamos em relevo “A alma valenciana” (Conferência) e “Valença e sua História, a fundação da aldeia” (História) (MENEZES, 2011, p. 28-29).

Entre os títulos relacionados a Conservatória, um dos distritos de Valença, estão “A linguagem romântica dos sons” (História/ Conservatória) e “Lembrando Silvio Caldas” (História), de Ayrton Baffa (MENEZES, 2011, p. 30), além de “Conservatória: um pedaço de

mim” (Prosa e Verso), cujo autor é Barra Sobrinho (MENEZES, 2011, p. 30), “Conservatória e notícias” (História), de Claudino de Lima Paranhos (MENEZES, 2011, p. 33), “Conservatória – Canções que a serenata eternizou / vol. I e vol. II” (Canções/ Coletânea) (MENEZES, 2011:p.37), de Eladio da Silva Nunes, e por fim “Cantos de Conservatória” (Poesias) (MENEZES, 2011, p. 56), de Pedro Avelino.

Podemos perceber a abordagem de variados temas, como a questão educacional em “Lembranças sobre o Alvorecer da criação do ensino superior em Valença” (História) (MENEZES, 2011, p. 35), de Custódio Clemente de Souza Pinto, ou a questão econômica em “Valença – indicadores ao planejamento para a retomada do desenvolvimento” (Economia) e “Pentagna – fazendo o futuro” (Economia) (MENEZES, 2011, p. 42), ambos de José Gomes Graciosa, e em “Valença – indicação de projetos alternativos adaptáveis às diferentes realidades municipais” (História/ Economia) (MENEZES, 2011, p.48), obra coordenada por Marcos Alexandre Pentagna.

Seguindo a averiguação bibliográfica ainda podemos citar “Ramo de Saudades” (Poesias) (MENEZES, 2011, p. 35), de Custódio Costa, “Poesias, endereço: Valença” (Antologia/ Poesias) (MENEZES, 2011, p. 37), obra organizada por Eduardo do Carmo Castro e Giedre Aparecida Alves, “Memórias de um imigrante” (Memórias) (MENEZES, 2011, p. 38), de Francisco Cupello, “O poder do sonho: História da Associação Balbina Fonseca” (História da Associação Balbina Fonseca) (MENEZES, 2011, p. 39), de Gustavo Abruzzini de Barros, “Dos Barões aos Coronéis” (História/ Vale do Rio Preto) (MENEZES, 2011, p. 40), de autoria de Joaquim Manoel de Oliveira Monteiro, “Valença de Ontem e de Hoje” (História) (MENEZES, 2011, p. 45), de Leoni Iório, “História de Valença (1803-1924)” (História) (MENEZES, 2011, p. 46), de Luiz Damasceno Ferreira, “Valença e Fazendas” (História) (MENEZES, 2011, p. 56), de Paulo Murat, entre outros títulos.

Vale lembrar os exemplares que se inserem no assunto cultura: “Rainha Quelé – Clementina de Jesus” (Biografia) (MENEZES, 2011, p. 45), organizada por Lena Frias Hermínio B. de Carvalho, Nei Lopes, Paulo César de Andrade e Heron Coelho, “Jongo do Quilombo São José” (História) (MENEZES, 2011, p. 48), coordenado por Marcos André e Luciane Menezes, “Flores de Valença” (Poesias), “Antologia de poetas valencianos” (Poesias) e “Galeria Valenciana” (Biografias) (MENEZES, 2011, p. 53), de Nabor Fernandes (MENEZES, 2011, p. 53).

Por fim, expomos algumas das obras do historiador Rogério da Silva Tjader, conhecido em Valença pelo número considerável de livros já publicados¹⁰. Entre suas obras destacamos: “Monarquia? Por quê?” (Regime Político), “História de Valença em Quadrinhos” (História/ Lit. Infantil), “Uma pequena história de Valença” (História), “Visconde do Rio Preto, o esplendor de Valença” (História), “Cada conto uma saudade” (Contos), e “Resumo Histórico da transmigração da família real portuguesa para o Brasil nos anos de 1807 - 1808” (História) (MENEZES, 2011, p. 58-59).

Por meio dos títulos citados podemos inferir a relevância dada ao período cafeeiro de Valença, em contraste com a época quando a mais significativa atividade econômica da cidade era a indústria têxtil, ramo de atividade pelo qual Valença também adquiriu notoriedade. Vários títulos reportam-se à era do café, contudo, não há nenhuma referência à era industrial da cidade.

Ao ter esta verificação como ponto de partida, tornou-se essencial investigar mais a fundo esta pista descoberta. Para tanto, foi realizada apuração nas duas bibliotecas municipais de Valença (Biblioteca Dom Pedro II e Biblioteca Luiz Damasceno Ferreira), onde nossa hipótese se confirmou: não há nestes locais nenhuma publicação cujo tema central seja a fase industrial valenciana. Há somente partes de livros que se dedicam a relatar o auge da indústria têxtil em Valença, como em “companhia industrial de Valença (fábrica de tecidos e algodão)” (FERREIRA, 1973, p. 108-110), e “companhia fiação e tecidos Santa Rosa” (FERREIRA, 1973, p.111-113), e no subtítulo “como surgiu a indústria têxtil”, de Iório (1953, p. 205).

Seguindo a averiguação feita na pesquisa, exporemos as principais ideias-força emergentes na bibliografia tradicional sobre a cidade, já que partimos do princípio de que tais ideias são orientadoras da identidade canônica dos valencianos. A partir do exame das tradicionais obras literárias que contam a história de Valença, elencamos cinco ideias-chave.

1.5 O Café no Brasil

A frutinha vermelha, adocicada, oriunda da Etiópia, servia de alimento, inicialmente, para cabras, mas logo caiu no gosto dos pastores, que a consumiam sob a forma de bebida, conseguida através de infusão feita da semente do café. Já em meados do século VIII foi

¹⁰ O catálogo pesquisado traz no total dez títulos de sua autoria.

levado pelos islâmicos na invasão árabe à Europa, e tornou-se bebida apreciada nas principais cortes européias.

Entretanto, somente caiu no gosto popular no reinado de Luís XIV, quando, na cidade de Paris, foi inaugurado o primeiro café público, o Palais Royale. Foi neste mesmo país, ainda sob a Monarquia de Luís XIV, déspota apaixonado pela bebida, que estabeleceu-se uma plantação em larga escala. Mas o café não se adaptou ao solo do local. Então sua majestade resolveu desenvolver o cultivo da planta em uma das suas colônias, onde havia condições naturais favoráveis para a lavoura. Assim, o café chegou à Guiana Francesa, no fim do século XVII, dando origem aos primeiros cafezais americanos.

Mas, o que teria a Guiana Francesa a ver com a chegada do café em terras brasileiras? É uma longa história, que começa com a Guerra de Sucessão da Espanha, na qual Portugal, antigo aliado dos ingleses, participou contra a França. A guerra terminou sem vencedores, levando os oponentes a firmarem o tratado de Methuen. Este tratado determinou, entre Portugal e França, uma demarcação de fronteiras entre suas colônias na América do Sul, que só foi possível ser realizada graças ao apoio dado pelo governador francês da Guiana, monsieur Claude d'Orvillers.

Como demonstração de gratidão pela ajuda de d'Orvillers, o governo português enviou uma missão diplomática a Caiena, chefiada pelo sargento-mor Francisco de Mello Palheta, que cuidava de Belém do Pará. Foi em Caiena, que Palheta conheceu “aquela bebida apaixonante, negra, forte, levemente adocicada, que restaurava a disposição orgânica” (TJADER, 2004, p.87).

O sargento-mor logo pensou em trazer algumas mudas para o Brasil. Todavia, as autoridades francesas tinham proibido a exportação da rubiácea. Palheta insistiu, mas de nada adiantaram suas alegações. Foi então, que, com a ajuda de madame d'Orvillers, esposa do governador monsieur Claude d'Orvillers, Palheta burlou a vigilância francesa e conseguiu trazer para o Brasil, mais especificamente para o Pará, cinco mudas e mil e tantas sementes da planta, dando origem, no ano de 1727, aos cafezais brasileiros. Logo depois, o café foi plantado na Bahia, pois esta região era a então capital do Brasil, mas a planta não se adaptou ao local.

As primeiras mudas de café somente chegaram ao Rio de Janeiro em 1761, com o funcionário público João Alberto Castelo Branco, que veio para a província fluminense transferido do Pará. Estas sementes foram cultivadas pelos frades capuchinhos, no largo da Carioca. Em função do clima fluminense, o cultivo de café se adaptou na baixada, daí chegando ao Vale do Rio Paraíba do Sul, onde a planta encontrou habitat ideal.

Já em 1817, D. João VI recebeu sementes de um café especial, proveniente da costa da África. Era o “café crioulo”, conhecido por seu elevado índice de produção. Foi neste momento que El Rei pensou que se o café dera certo em alguns locais do Brasil, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, esta lavoura proliferaria em toda a Província Fluminense. Com esta ideia na cabeça, D. João VI distribuiu aos grandes proprietários de terras do interior fluminense sementes de café, e os ensinou a maneira correta de plantá-las.

Vale salientar a maneira como o café chegou ao sul fluminense. Desde 1739, o governo distribuía sesmarias nas regiões entre a aldeia de Itaguaí, e Passa Três, incentivando os colonos a repelir “os selvagens”. Isto posto, os indígenas, acudados, se deslocaram em direção ao Rio Paraíba do Sul. Por volta de 1785, houve então novas partilhas de sesmarias, ocasião em que o bacharel José de Carvalho Resende adquiriu seu quinhão de terra. José de Carvalho Resende logo construiu várias fazendas, iniciando a plantação de café, “foi de Resende o início dos cafezais, responsáveis pelo enriquecimento, pelo desbravamento, bem como pelo esplendor que tanto enobreceu a ‘Velha Província’, tornando opulento o Brasil, numa ascensão vertiginosa (...)” (TJADER, 2004, p. 90).¹¹

É interessante ainda colocar em evidência nosso pensamento de que em nossa pesquisa não vemos as regiões como “regiões geográficas” ou “regiões político-administrativas”. Afinal, como argumenta a autora Mônica R. de Oliveira (2005), os acontecimentos históricos muitas vezes não se submetem a “determinismos da natureza” (OLIVEIRA, 2005, p. 24).

Sendo assim, relevante se faz dizer que não é pelo fato de Valença estar localizada no Vale do Paraíba que esta cidade apresentará a mesma trajetória histórica que os muitos outros municípios desta região. Mesmo porque, há o Vale do Paraíba fluminense, ao qual Valença pertence, e o Vale do Paraíba paulista. E, dentro destes subgrupos, cabe frisar mais uma vez, cada cidade possui suas peculiaridades históricas. É por este motivo que apresentaremos a história do café no município valenciano.

¹¹ Todas as informações referentes à trajetória histórica do café em terras brasileiras foram retiradas da obra “Visconde do Rio Preto: o esplendor de Valença” (2004, p.85-90), de Rogério da Silva Tjader.

1.6 O café em Valença

Começamos a contar esta história usando como subterfúgio artigo de E. Taunay, intitulado “Da cana e do trigo ao ouro e ao café”, publicado no *Jornal do Comércio*, em 29 de setembro de 1937, onde ele começa a narrar a saga dos irmãos portugueses Leite Ribeiro, que após emigrar para o Brasil em idos de 1700, por algum tempo se dedicaram a lavouras de cana, cereais e criação de animais, e logo depois requereram terras no veio do Rio Preto e no de diversos ribeirões deste afluente, tendo suas solicitações atendidas (TAUNAY *apud* IÓRIO, 1953, p.167).

Desta descendência vem o Barão de Aiuruoca, “que teve larga atuação como propagandista da lavoura cafeeira, nas terras de Barra Mansa, Piraí e Vassouras. Em seguida, passou depois a frequentar Valença (...)” (TAUNAY *apud* IÓRIO, 1953, p.167). E daí em diante, surgiram numerosos ramos da árvore genealógica dos Leite Ribeiro, que se espalharam pelas regiões fluminense, mineira e paulista. Dos que permaneceram em terras fluminenses, principalmente Floriano e Anastácio, irmãos do Barão de Aiuruoca, “todos iniciaram importantes lavouras de café em terras de Valença” (TAUNAY *apud* IÓRIO, 1953, p.168).

Por sua vez, Alberto Lamego, em seu livro “O Homem e a Serra”, diz que “dos sadios contingentes de mineiros e portuguêses para ali emigrados, um famoso escol de fazendeiros de café deveria surgir” (LAMEGO *apud* IÓRIO, 1953, p.173), como os Ribeiro de Resende, os Alves Barbosa, os Machado da Cunha, os Nogueira da Gama, os Pereira de Faro, os Souza Barros, os Araújo Maia, os Cústódio Guimarães, “e outras estirpes, tôdas a forjarem os seus brasões com o aço das foices, dos machados e das enxadas, na contínua faina das lavouras de café” (LAMEGO *apud* IÓRIO, 1953, p.173).

Já Alberto Carlos de Araújo Guimarães, em sua obra “O esplendor fluminense”, recorda que os descendentes de Inácio de Souza Werneck, um dos fundadores da aldeia de Valença, inauguraram nesta região “o período sedutor da fartura”. Segundo A. Guimarães,

aos engenhos de cana datados da era colonial e formadores da abastança fluminense, de certo em pouco sobrepujavam as fazendas cafeeiras. Em algumas regiões mesmo, abandonaram-se os belos canaviais, na febre intensa pelo grão arábico. Ao ciclo do açúcar que tanto contribuiu para enriquecer a capitania do Rio de Janeiro, sucedeu o ciclo do café (GUIMARÃES *apud* IÓRIO, 1953, p.168).

Seguindo em seu raciocínio, A. de Araújo Guimarães afirma que, em Valença, como em outros municípios fluminenses, o progresso foi vertiginoso. “Os descendentes dos primeiros povoadores da região, requerentes de sesmarias, em pouco tempo tornaram-se os grandes proprietários rurais, prestigiados pelas grandezas das fortunas, o vulto das escravaturas, e celebrizados pelo fausto que os cercava (...)” (GUIMARÃES *apud* IÓRIO, 1953, p.168).

E, dessa maneira, o café tornou-se, paulatinamente, “o ouro verde que fazia a grandeza de Valença”, com sua elite que “gozava de grande prestígio na Côrte, onde os valencianos desfrutavam a maior simpatia e o melhor conceito” (IÓRIO, 1953, p.172).

1.7 Ciclo do Café: época dos áureos tempos de Valença

Ao examinar as obras cãnone da história de Valença, a ideia que percebemos emergir com maior pujança é o atrelamento da identidade valenciana aos tempos idos do auge da produção cafeeira. É como se a cidade tivesse parado no tempo. Podemos perceber claramente que, do passado e do presente, a mais forte marca identitária é a Valença cafeeira. Ousamos até dizer que este constitui-se o “mito fundador” do município.

Prova cabal da predominância e da exacerbação da importância destes tempos no processo de construção da identidade valenciana é o espaço dado ao tema nas obras literárias de origem local. Enquanto na publicação “Valença de Ontem e Hoje - 1789-1952”, há 36 páginas sobre a era do café (IÓRIO, 1953, p.167-202), apenas sete páginas discorrem sobre a era industrial (IÓRIO, 1953, p.205-212). Além disso, ao longo das obras consultadas, mesmo onde o foco principal não é o período cafeeiro, comenta-se muito mais sobre esta época do que sobre as outras.

A própria escolha das citações presentes nas obras denota a importância dada ao ciclo do café nestas terras:

Provaram as terras de Valença, em altitudes próximas ao *optimum* para o café, serem altamente produtivas. E com o crescente fluxo comercial entre o Rio de Janeiro e os sertões de Minas, através da zona municipal, em breve a sua evolução acelerar-se-ia. Com sucessivas e intensificadas plantações, deixa de ser a primitiva estrada um corredor aberto em mata-virgem, onde espaçadamente se dilatavam as principais derrubadas. Ao longo dela, numerosos colonos tenazmente atacam a floresta. Filas, e a seguir exércitos de pé de café sobem pelos morros, avançam por todos os quadrantes do novo município. Doravante a sua importância vai crescer durante o Império. Portugueses, fluminenses, mineiros sobretudo afluem para Valença,

disputam suas magníficas terras para café, conquistam apressadamente as suas selvagens matarias (...) (LAMEGO *apud* IÓRIO, 1953, p. 61).

A todo momento os autores colocam Valença como uma região de grande prestígio durante o século XIX, auge da produção cafeeira até que fosse assinada a Lei Áurea em 1888. Referindo-se aos tempos de 1850, Tjader comenta que Valença e as localidades próximas viviam do plantio de subsistência, pecuária e um pequeno comércio. De acordo com o autor, “ao lado destes pequenos produtores, havia um grande número de fazendas enormes, que cuidavam da riqueza maior, que era o café (...). Em meados do século XIX, já Valença representava um dos pilares da economia da Província do Rio de Janeiro” (TJADER, 2003, p.29). E, enaltecendo ainda mais este período, diz:

(...) com o advento do café, cujas sementes foram distribuídas em larga escala pelo então Príncipe Regente, depois Rei D. João VI, e graças à exuberância do seu solo, Valença lançou-se a produção desta rubiácea, vindo a se tornar o maior produtor da região sul da velha Província. Aqui vale lembrar que o Visconde do Rio Preto (...) foi um dos maiores produtores individuais de café de todo o Brasil. Foram, sem sombra de dúvida, os imensos cafezais os verdadeiros responsáveis pela opulência das plagas valencianas. Valença foi, na gloriosa era imperial, uma cidade prestigiada na província fluminense, haja vista o número acentuado de titulares agraciados pelo Imperador. Em terras valencianas viveram inúmeros barões, viscondes, condes, marqueses e até mesmo um duque (...) (TJADER, 2003, p.38).

Surge ainda, atrelada à glorificação da era do café, um forte sentimento saudosista, é o “banzo imperial”¹² de que nos fala o historiador Alexandre Fonseca, possível de ser identificado no texto de Iório sobre a Rua dos Mineiros, “artéria principal da cidade”,

Rua dos Mineiros! Reflexo vivo da antiga Valença sonhadora. Ei-la, na sua tradição histórica, revivendo uma época, um passado, que é a sua própria vida. (...) Rua dos Mineiros! Quem não lhe quer bem? Sedutora na política de outras épocas, nas futilidades mundanas, nos “flirts”, nas intrigas e nos mexericos de todos os tempos, ei-la agasalhando carinhosamente um passado, que nela é a própria alma da cidade. Lutas e conquistas, empreendimentos e ideais foram alí as vozes de épocas memoráveis. Rua dos mineiros de ontem e de hoje! (IÓRIO, 1953, p. 113).

Seguindo a mesma linha de pensamento, podemos expor outro trecho, este de autoria de Rogério Tjader:

¹² O termo “banzo imperial” é uma releitura feita pelo historiador valenciano Alexandre Fonseca. Na verdade, a expressão original é do historiador Ricardo Salles que escreveu o livro “Nostalgia Imperial”. Na introdução, Salles se serve de uma passagem de “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Hollanda, para explicar seu conceito: as matrizes da identidade nacional e do imaginário político e cultural brasileiros estão enraizadas na sociedade escravista do Segundo Reinado. Salles sustenta que nem mesmo a abolição e a cultura política republicana conseguiram apagar da nossa identidade as marcas daquelas matrizes imperiais (Informações obtidas em entrevista com o historiador Alexandre Fonseca, realizada via rede social em 06/08/2013). Vale observar que, através da nossa pesquisa sobre a formação identitária valenciana, podemos dizer que o pensamento de Salles, apesar de se referir à formação da identidade brasileira, serve também para o caso de Valença.

Quando se revive estas épocas longínquas, uma suave e saudosa recordação povoa as mentes. Ao se fechar os olhos, parece ainda ouvir-se ao longe, o som de um velho piano. Em Valença, raras eram as casas de famílias de boas posses que não ostentassem um instrumento desses. As valsinhas, os chorinhos bem como as polcas eram melodias populares muito apreciadas por todos (TJADER, 2003, p.40).

O saudosismo encontra-se tão entranhado nestas publicações que até mesmo em suas contracapas e “orelhas” tal sentimento é facilmente notado. É o que ocorre no último parágrafo da obra “Visconde do Rio Preto, o esplendor de Valença”, quando a narrativa adverte que “o presente livro merece ser lido por todos quantos amam Valença, *sua História e seu passado glorioso*” [grifos meus] (TJADER, 2004).

Por fim, cumpre apresentar também o enaltecimento ao regime Monarquista e às suas figuras mais importantes, que se mostram aliados ao discurso de engrandecimento dos “áureos tempos do café”. Tal fato pode ser notado nas narrativas realizadas sobre as figuras da realeza, quando, por exemplo, ao referir-se a D. João VI, Tjader (2004, p.88) destaca a “sagacidade” deste. Ou ainda, quando o autor declara que “D. João VI foi, sem sombra de dúvidas, um gênio político ainda não muito bem compreendido por alguns historiadores” (TJADER, 2004, p. 75).

O discurso monarquista se faz presente ao longo de todas as obras consultadas, em graus de intensidade diversos. Há aqueles autores que se apresentam, indiscutivelmente, monarquistas. É o caso do historiador Tjader. Todavia, há também aqueles que preferem divulgar suas ideias nas entrelinhas, de maneira sutil, como é inteligível em citação do poeta Manoel Quintão sobre a Proclamação da República, utilizada por Iório,

Dos bailes, colhe aqui citar um só, por episódio de maior evento nacional. No dia 15 de novembro de 1889, ninguém ouviu o apito da locomotiva (...). Sem notícias da côrte, avultavam boatos e conjecturas, em face da exaltação política dos últimos tempos. Não me ocorre, porém, (...) em consequência da Abolição, alguém aventasse a hipótese da mudança do regime político, qual se deu (...). No dia 16, pela manhã (...) anunciavam revolução, mas não determinavam a extensão nem o caráter do movimento. Afinal, quando chegou o trem com a notícia de que a República fôra proclamada, a estupefação foi maior que a alegria. (...) Zé Meirinho, prêto de qualidade que fizera a guerra do Paraguai e vira o Imperador em Uruguaiana, — Zé Meirinho que era, de cotio, um riso aberto, fechara a carranca(...). A seguir, foi o baile oficial (...). Lanternas chinesas, escudos e galhardetes, profusão de luzes, palmas e flores. Bebidas, também (...). Enfim, um baile de arromba, como se dizia então (...) (IÓRIO, 1953, p. 274).

Até mesmo o carinhoso apelido pelo qual Valença é conhecida, a “Princesinha da Serra”, está diretamente vinculado às ideias de valorização dos tempos do Império no Brasil e

de seus nobres. Relata-se que, em ocasião da inauguração da Estrada de Ferro União Valenciana, na manhã de 18 de maio de 1871, “em meio a uma festa jamais vista na cidade e que contou com a ilustre e honrosa presença de Sua Majestade, o Imperador D. Pedro II”, ao descer do trem, exclamou: - “Esta é, realmente, a Princesa das Serras Fluminenses” (TJADER, 2003, p. 37).

1.8 A exaltação aos grandes vultos

No que tange a esta ideia-força, é relevante chamar a atenção para o fato de que já os primeiros habitantes valencianos são evidenciados por sua bravura, coragem e iniciativa. Este é o caso de Inácio de Souza Werneck, tido como um dos responsáveis pelo aparecimento do povoado de Valença. Iório (1953) comenta que, em função da importância da “atuação direta” de Werneck na formação histórica de Valença, esta personalidade merece destacado registro, e cita partes extraídas do “Livro da Família Werneck”. Segundo esta obra, Werneck, nascido em 1742, foi internado por seu pai no Seminário São José, e, devido ao alistamento a um batalhão de estudantes, organizado pelo governo para conter perturbações de ordem política, alcançou o posto de sargento-mor (RAMOS *apud* IÓRIO, 1953, p. 15).

Após ficar viúvo, “golpe tão profundo que o levou a dedicar-se a uma vida puramente espiritual”, aproveitou seus estudos no seminário e ordenou-se padre em 1813, já com 71 anos. Assim, conseguiu dispensa das obrigações de sargento-mor, que o levavam a construir estradas pelos sertões e a “domesticar índios”,

O Sargento-Mor foi, na Côrte, um vulto de grande valimento. Ésse posto só o conseguiu Werneck por fôrça de suas atitudes de benemerência. Werneck, que também era fazendeiro e considerado, construiu a *Estrada Werneck*. A primeira estrada batida para o sertão de Valença foi trabalho do grande desbravador. (...) O Juiz de Sesmária da Côrte, Alexandre José dos Passos Herculano, numa representação ao governo, escreveu, em 3 de dezembro de 1820, sôbre esse fundador da família Werneck, como se verifica na caixa 26 dos Documentos do Arquivo Nacional: “ ... nos sertões de Valença, onde existiam alguns índios dispersos das tribus *Buchamaris*, *Purús*, *Coroados* etc. que todavia já trilhavam vantajosamente idéias de sociedade pelos bem patentes cuidados, ou antes, gênio, prudência e filantropia de um major Werneck que hoje existe ordenado e velhinho” [grifos no original] (RAMOS, *apud* IÓRIO, 1953, p. 16).

Ainda sobre outro fundador da aldeia de Valença, José Rodrigues da Cruz, nota-se a atribuição das mesmas qualidades. Iório (1953) cita documentos históricos apresentados pelo

escritor Alfredo Moreira Pinto, em seu “Dicionário Geográfico, Topográfico e Histórico do Império do Brasil”, dos quais vale expor:

José Rodrigues da Cruz, (...), senhor de engenho e vastos canaviaes, e a quem o nosso município deve o seu desenvolvimento, *homem intrépido e empreendedor, dotado de philantropia e animado de verdadeira caridade christã*, procurou, por meios diferentes dos empregados até então por seus compatriotas, fazer desaparecer este estado de cousa, tão afflictivo quão desesperador. Pondo-se em comunicação com estes índios no anno de 1790, *soube pela doçura de seu trato captar-lhes a confiança e inspirar-lhes respeito, prodigalizando-lhes immensos benefícios, e promovendo-lhes com o mais decidido afincio e maior desinteresse a sua catechese. Este benemérito cidadão* em suas explorações às margens setemptrionaes do rio Parahyba, acompanhado por seus escravos, atravessava essas invias florestas em picadas que mandava abrir, e levava para os índios o sustento, as ferramentas para os seus rústicos trabalhos e remedios (...) [grifos meus] (PINTO *apud* IÓRIO, 1953, p.95).

Outra obra consultada merece ser lembrada justamente por ser dedicada à comemoração dos 200 anos de nascimento de Domingos Custódio Guimarães, o Visconde do Rio Preto, “homem de personalidade, grande benfeitor que muito contribuiu para o esplendor de Valença” (TJADER, 2004, p. 2). Já na apresentação do livro, intitulado “Visconde do Rio Preto: o Esplendor de Valença”, é possível identificar vestígios do discurso enaltecedor do Visconde, discurso este indiscutivelmente predominante nas páginas da obra.

Segundo Tjader, “difícil encontra-se, na história dos homens públicos, um acervo de qualidade capaz de agregar numa só pessoa tanta dignidade, tanto desprendimento além de tanta prodigalidade” (TJADER, 2004, p. 7). O autor ainda diz que aquilo que Valença proporcionou a este Visconde, possibilitando-lhe o alcance de “imensa fortuna”, recebeu de volta através da colaboração deste nobre em diversas entidades, públicas ou privadas, “sempre no intuito de engrandecer o bem comum, minorando o sofrimento dos mais necessitados, promovendo e projetando Valença no cenário fluminense e nacional, fazendo desta cidade um local aprazível, confortável, digno de nele se viver” (TJADER, 2004, p. 8).

As doações do Visconde, tanto ao município quanto à Santa Casa de Misericórdia de Valença, entidade da qual foi provedor, também foram alvo de várias citações no livro de Tjader, como nos trechos entre as páginas 153 e 157, onde o autor relata, por exemplo, a iniciativa do Visconde de fazer, às suas custas, o passeio em volta da Praça D. Pedro II (TJADER, 2004, p. 153).

Já em relação à sua “profícua administração” na Santa Casa, o Visconde, “homem aficionado pelo progresso, de visão adiante das coisas de seu tempo” (TJADER, 2004, p. 154), deu ordem para concluir as obras então paralisadas por falta de verbas, “constando de

acomodações assoalhadas e forradas, com a finalidade de receber pessoas inválidas, carentes. Determinou ainda que se fizesse uma varanda na parte fronteira ao hospital, para melhor ventilação” (TJADER, 2004: p. 155). Salienta-se ainda que todas essas obras foram custeadas pelo Visconde do Rio Preto, não sendo por isso necessário mexer na conta da irmandade.

Necessário se faz também comentar a publicação “O poder do sonho: história da Associação Balbina Fonseca”, de Gustavo Abruzzini de Barros. Chamamos a atenção para o fato de que o livro mais parece uma biografia, pois, em sua maior parte, se concentra em contar a trajetória do “benemérito” José Fonseca, o fundador da mencionada associação. Sendo assim, seria mais coerente se o título da publicação fosse alusivo ao “ilustre valenciano” em foco.

Já na primeira página da introdução do livro é possível perceber o discurso enaltecido desta personalidade valenciana (José Fonseca), apresentado como grande homem, grande benfeitor, possuidor de notável estima por sua terra Natal: Valença.

José de Siqueira Silva da Fonseca nasceu como outro qualquer haveria de nascer naqueles tempos. Estava-se na primavera de 1877 em Valença, (...) onde produzia-se boa parte do ouro cafeeiro.(...) Como era de costume, em casa e com a ajuda de uma parteira, a luz da vida o iluminou pela primeira vez. Ninguém, ali em tal momento, poderia supor o quanto aquele nascimento representaria para o lugar. Iluminada trajetória iniciava-se. O destino reservara para Valença a dádiva de embalar a infância e a adolescência daquele que jamais se desvincilharia das suas recordações do passado. Uma pessoa fadada ao sucesso e, por conta própria, comprometido em estender este sucesso a sua cidade natal. Hoje, o nome de José Fonseca representa vários sinônimos. É hospital, é colégio, é biblioteca, é rua, mas é, sobretudo, história. Senão a parte mais conhecida, com certeza a mais singela, significativa e marcante. Uma história que surpreende, enaltece e dignifica. Uma história de Valença (BARROS, 1998, p. 12).

Mais à frente, ainda na introdução do livro, podemos notar o tom elogioso que perpassa toda a obra. Referindo-se aos valencianos cujas trajetórias de vida são contadas no livro, Barros diz:

(...) Homens que, não sem esforço pessoal, inscreveram seus nomes nas, às vezes ingratas, páginas da história de Valença. E, sobretudo, inscreveram o nome da cidade onde viveram a maior parte de suas vidas, no coração das crianças, autoridades, políticos, religiosos, operários, estudantes, professores, funcionários públicos e comerciantes, que por causa deles tiveram orgulho de aqui viver e de por aqui, terem passado (BARROS, 1998, p.15).

É notável a intenção de Barros de enaltecer os grandes feitos de José Fonseca, o personagem principal deste livro. Prova disso são alguns títulos dos capítulos da obra, como

“A iniciativa industrial” (p.25-36), “A filantropia” (p.51-64), “Os donativos” (p. 111-114), “Uma ideia ousada” (p. 129-138) e “O poder do sonho” (p. 139-148) (BARROS, 1998, p.5).

Acima de tudo, estes valencianos são retratados como grandes figuras humanas. É possível também encontrar na obra relatos que apontam estes grandes benfeitores como pessoas sempre preocupadas com o bem-estar de seus funcionários. Barros ressalta que, apesar dos direitos dos trabalhadores brasileiros só serem regulamentados com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, em 1930, “José Fonseca e Benjamin Guimarães há muito já haviam inovado em matéria de assistência ao trabalhador. Data de junho de 1914, o primeiro regulamento interno da empresa” (BARROS, 1998, p. 45). O autor ainda completa enumerando as muitas inovações deste regulamento “avançado para a época”: “aviso prévio de quinze dias, garantias ao operário de poder queixar-se aos seus superiores toda vez que se julga prejudicado em seus direitos e a criação de uma caixa de previdência” (BARROS, 1998, p.45).

Cabe aqui fazer um parêntese para explicar em que circunstâncias a empresa de José Fonseca e Benjamin Guimarães surgiu. Esta indústria têxtil, denominada “Companhia Industrial de Valença”, foi fundada em 1906. A ideia da fundação começou a ganhar força quando José Siqueira da Fonseca propôs a seu amigo coronel Ferreira Guimarães a associação neste empreendimento.

José Fonseca apresentou ao coronel Ferreira Guimarães as vantagens por ele conseguidas – a efetivação da compra do edifício onde funcionaria a fábrica, transporte gratuito de todo material e maquinismo pela estrada de ferro União Valenciana (hoje desativada), abatimento de 50% nos fretes das matérias primas e produtos manufaturados, doação de metade da queda d’água sobre o Rio das Flôres, e contrato com a Câmara para fornecimento de energia elétrica, pública e particular para a cidade, com isenção de impostos aduaneiros para o maquinário e material elétrico – e assim conseguiu convencer o amigo de seu objetivo de fundar uma fábrica de tecidos de algodão em Valença (IÓRIO, 1953, p. 205).

Ao abordar a organização da empresa, Iório (1953) mostra nas entrelinhas o “homem de fibra” que era José Fonseca. O escritor afirma que não foi fácil para José Fonseca alcançar o capital para o soerguimento da fábrica,

(...) com a pobreza e a decadência da cidade, notava-se geral desânimo nos negócios, ainda com o fracasso da primeira indústria em Valença. (...) E foi nesse ambiente de boa vontade que nasceu a indústria têxtil em Valença, graças ao decidido e incomparável esforço de amigos da terra valenciana (IÓRIO, 1953, p. 206).

É comum ainda, nas diversas obras consultadas (BARROS, 1998; IÓRIO, 1953; FERREIRA, 1978; TJADER, 2003; TJADER, 2004) encontrar trechos alusivos às homenagens feitas aos grandes beneméritos valencianos, provavelmente com a intenção de demonstrar o quão queridos eles eram. Exemplo disto é a narrativa feita por Barros (1998) sobre a volta de José Fonseca a Valença, em novembro de 1913, após viagem à Europa para restabelecimento de sua saúde:

Ao repor os pés em Valença, é alvo de grande manifestação promovida pelos amigos e funcionários da Companhia Industrial que em grande número lotam a gare da estação. A chegada do trem, fez-se ouvir a banda de música regido pelo professor Ernesto Mattos, além do espoucar de foguetes. Ali mesmo, Manoel Ferreira Guimarães fez uma pequena alocução de boas vindas. Dali, o casal Fonseca foi acompanhado por todos até a casa de Dona Joaquina Fonseca, mãe de José, onde ainda aguardava para novos discursos de homenagens o advogado Hiram Kirk e o presidente da Câmara, Frederico de La Vega (BARROS, 1998, p.43).

Vale ressaltar ainda a este respeito que na obra “Visconde do Rio Preto: o Esplendor de Valença”, o historiador Rogério Tjader dedica nada menos do que nove páginas (161 a 170), mais precisamente um capítulo inteiro do livro, para narrar as “honras prestadas a Domingos Custódio”, o Visconde do Rio Preto (TJADER, 2004).

Por fim, trataremos de mais uma coincidência constatada em nossas referências bibliográficas que abordam a história de Valença. É a usual menção aos filhos ilustres da cidade, pessoas que conseguiram notável destaque profissional.

Na obra de Iório, por exemplo, é possível encontrar as biografias das principais personalidades de Valença. No fim deste livro há 33 páginas, no trecho compreendido entre as páginas 355 e 388, sobre a vida de valencianos como o advogado e também jornalista Dário de Mendonça (1871-1932), que trabalhou em impressos como o carioca *Jornal do Comércio*, tendo sido em 1920 presidente da Associação Brasileira de Imprensa (IÓRIO, 1953, p.363), ou como a atriz de teatro Dulcina de Moraes, nascida em Valença no ano de 1907, nacionalmente conhecida (IÓRIO, 1953, p.387-388).

Ainda sobre estas personalidades, é interessante comentar que, para algumas, o êxodo de Valença representou uma ruptura definitiva com sua terra natal. Em outras palavras, após deixar a cidade em busca de sucesso profissional, apesar de continuarem a demonstrar o apego à cidade de origem, elas não mais retornaram. No entanto, muitas destas pessoas, após conquistar certa estabilidade na área profissional, retornaram a Valença, onde permaneceram até o fim da vida. Há também que ser destacado o fato de que alguns valencianos, como José

Fonseca, após o afastamento de Valença, voltaram, buscando trazer para a cidade, através de seu empreendedorismo, atividades capazes de alavancar o desenvolvimento da cidade.

Para Tjader (2003), nomes ilustres é algo que não falta na história de Valença. No campo das artes, os destaques são, além de Rosinha de Valença e da sambista Clementina de Jesus, os apresentadores de televisão Sérgio Chapelin e Edney Silvestre. Na área administrativa, os nomes proeminentes são dos administradores de empresas de porte internacional Sérgio Leite de Andrade, um dos diretores da Usiminas, e Paulo Felipe Rachid Novaes, engenheiro eletrônico naval. Há também militares que alcançaram notoriedade, como o almirante Maximiliano da Fonseca, que chegou a ser Ministro da Marinha, mesmo sem ser político. O autor ainda finaliza: “Embora não nascido em Valença, aqui viveu por alguns anos, no então distrito de Santa Teresa, hoje cidade de Rio de Flores, o Pai da Aviação, Alberto Santos Dumont (...)” (TJADER, 2003, p. 69).

Cabe lembrar que também no livro de Barros, “O poder do sonho: história da Associação Balbina Fonseca”, encontramos no fim da obra biografias daqueles que foram presidentes da instituição (José Fonseca, Theodorico Fonseca, Osvaldo Fonseca e Paulo Demarchi Gomes) (BARROS, 1998, p.191-209).

1.9 Laços afetivos de pertencimento à flor da pele

Começaremos a discorrer sobre esta temática usando uma citação presente no início do livro de Iório (1953). Trata-se de uma carta escrita pelo autor e endereçada aos valencianos:

Não é pequena a emoção que experimento ao ver publicada “Valença de ontem e de hoje”. Tenho razões muito humanas para dizê-lo. Um dia, em 1924, surgiu-me a figura respeitável e querida de Luiz Damasceno, valenciano de alto quilate social, que me trazia, com distinta dedicatória, um exemplar da sua “História de Valença”, publicada naquele ano. Ao ofertar-me o precioso livro, hoje esgotado, disse-me estas palavras, textualmente: “Aí está a pequenina história da nossa terra. Agora espero que você seja o continuador dela.” Foi uma ordem que recebi do venerando e saudoso Damasceno, e, para cumpri-la, aqui trago, para os valencianos, este ensaio que não será perfeito, porque nada o é entre os homens. Mas será de alguma utilidade, e, com certeza, um livro honesto, produto do devotamento à terra do meu berço, que tem a sua história cheia de espiritualidade, onde a pátina do tempo, que precisa ser conservada, vai dando ao ar ambiente o perfume dos belos tempos idos. Esta desprezível obra, é o fruto do coração, para o coração dos meus conterrâneos. Pelo menos, um manancial sincero para obra mais completa: a pedrinha de Valença no edifício do Estado, para engrandecimento do Brasil (Iório, 1953, p.5).

Nestas linhas é patente a supervalorização à cidade natal, discurso comum nos demais livros consultados, como em “Uma pequena história de Valença”, que já traz na apresentação do livro a argumentação de que o tamanho desta obra “é inversamente proporcional à magnificência de Valença, quer no campo natural, quer na ação dos seus filhos ou dos que a adotaram como terra-mãe” (TJADER, 2003, p.3). E mais à frente, Tjader diz: “A pujança da terra, o sossêgo das matas, o encanto das cachoeiras, a paz das águas tranquilas dos rios, regatos e ribeirões, o gorjeio dos seus pássaros multicoloridos, a hospitalidade do seu povo acolhedor, tudo contribui para que Valença seja conhecida” (TJADER, 2003, p.5).

Os distritos de Valença ganham espaço quando o objetivo da narrativa é aguçar o sentimento de pertencimento à terra natal através da valorização das belezas naturais da região. É o que pode ser constatado em várias partes da obra “Uma pequena história de Valença”, onde Tjader evidencia, no primeiro momento, as qualidades de Pentagna (4º distrito), local que goza de clima seco e temperado, sendo este clima o motivo da visita de muitos turistas. “Inúmeras casas de veranistas vem sendo edificadas em Pentagna que, além do seu afamado clima, oferece encantos naturais, como a bela corredeira do Rio Bonito, na sede do distrito” (TJADER, 2003, p 84).

Sobre Parapeúna, 5º distrito de Valença, o historiador salienta que “sua riqueza natural oferece condições ideais para o turismo histórico e o eco-turismo” (TJADER, 2003: p.89). Ainda segundo ele, o local pode proporcionar inúmeras atividades de lazer, como “visitas às fazendas históricas, passeios ecológicos, banhos de cachoeiras e uma boa pescaria” (TJADER, 2003, p.89).

Sobre Conservatória, 6º distrito de Valença, Tjader conta que a economia do lugar, antes chamado Santo Antônio do Rio Bonito, acompanhou Valença no plantio do café, de cana de açúcar e de outros produtos agrícolas básicos, sofrendo por um tempo grande retração econômica com o êxodo da classe produtora de café. Mas,

Aos poucos o marasmo foi desaparecendo e, ao que tudo indica, Conservatória ressurgiu com força total, oferecendo um comércio variado, uma rede hoteleira que em nada deixa a desejar no tocante ao conforto, além da fama nacional e até mesmo internacional de ser a “Cidade das Serestas” (TJADER, 2003, p.93).

No âmbito educacional também se faz presente o intuito de incentivar o amor à terra natal, sempre através de um discurso onde a cidade é destacada pelas suas boas condições de vida. Neste sentido, podemos perceber que Valença é apontada como local privilegiado, por

possuir instituições de excelente qualidade. Sobre as duas mais conhecidas escolas do município, o Colégio Estadual Theodorico Fonseca e o Instituto de Educação Deputado Luiz Pinto, Tjader diz que estes estabelecimentos de ensino tem a seu favor “um corpo docente do mais elevado preparo, razão da formação intelectual e educacional de milhares de jovens, que apresentam uma excelente formação” (TJADER, 2003, p.51). Além disso, ressalta que os referidos colégios capacitam de tal maneira seus alunos que permitem serem oferecidas a estes as melhores oportunidades no mercado de trabalho e na vida social (TJADER, 2003, p.51).

Ainda no campo cultural, Tjader segue colocando em relevo instituições que fazem de Valença um magnífico lugar para se viver. O autor cita então a Academia Valenciana de Letras, fundada em 1949, “local onde se reuniam os intelectuais, para *memoráveis* discursos, canto e jogos florais. A Academia Valenciana de Letras continua em atividade, respeitada e notabilizada pelo elevado nível sócio-cultural dos seus pares” [grifo meu] (TJADER, 2003, p.52). Rogério Tjader ainda comenta:

Visando um melhor desenvolvimento na área cultural, o idealista engenheiro Luiz Gioseffi Jannuzzi, organizou e fundou, em 1965, uma entidade, sem fins lucrativos, que permitisse a Valença oferecer um ensino de 3º grau aos estudantes de toda a região e circunvizinhanças (...) dando origem à “Fundação D. André Arcoverde”, que inaugurou, em 1967, a pioneira, “Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Valença”. Logo seguiram-se outras, tais como as de Direito, Economia, Odontologia, Medicina (...). Alunos de incontáveis municípios de todo o Brasil foram e vem sendo beneficiados por esta obra criada e executada por um homem que muitas vezes, sacrificou o próprio patrimônio em benefício da entidade e de um ideal. Uma vez mais, Valença oferecia sua contribuição ao desenvolvimento do Brasil” (TJADER, 2003, p.52).

Deve ser considerado o fato de procurar-se defender a ideia de que Valença, apesar de já ter passado sua época áurea, continua oferecendo ótima qualidade de vida para seus moradores:

Assim, Valença vai crescendo, acompanhando o desenvolvimento global, independentemente das crises que assolam a terra neste alvorecer de milênio (...). Mesmo com a retração no campo têxtil – que de fato criou um grave problema social e econômico –, a população vem aumentando, contribuindo para que o número de valencianos ilustres que ocupam posições de destaque no cenário fluminense e nacional prestígiem, de forma inequívoca, a elevação do nome glorioso das terras que um dia constituíram uma simples aldeia de índios coroados (TJADER, 2003, p.70).

Cabe chamar a atenção para a conclusão do livro de Tjader, onde ele argumenta que cada cidade tem alguma característica própria capaz de torná-la famosa. No caso de Valença,

o destaque fica por conta da “quantidade invulgar de pontos de atração, quer no aspecto sócio-turístico, quer no cultural, quer no econômico” (TJADER, 2003: p.99). Segundo o escritor, “seu clima ameno, seu povo hospitaleiro, alegre, feliz, uma infraestrutura de hotelaria de muito bom porte (...) fazem de Valença um município ideal para nele se viver ou, simplesmente passear” (TJADER, 2003: p.99).

Tjader segue enumerando os notáveis atributos da “Princesinha da Serra”, como por exemplo, as riquezas na área artesanal - pintura, bordado, escultura, tricô e crochê - que atraem para o município “apreciadores vindos de outras localidades, fato que faz de Valença um pólo de visitação permanente” (TJADER, 2003, p.99), ou o ambiente agradável de Valença com ruas “limpas, bem cuidadas, assim como seus atraentes jardins, muitos deles apresentando uma bela variedade de flores. Os prédios públicos apresentam bom aspecto (...)” (TJADER, 2003, p.99). E conclui:

Enfim, Valença é, por si só, um privilégio da natureza, uma dádiva de Deus e que merece ser visitada, conhecida, não apenas pelos que a procuram em busca dos seus mais variados encantos, mas e sobretudo, pelos filhos da terra, que devem dela muito ser orgulhar, pela excelência do que ela é e representa. Caminhar por Valença, representa um passeio que se faz orando, numa prece de agradecimento a Deus, pela exuberância da sua criação (TJADER, 2003, p.99-100).

Merece ser lembrado, por fim, a escolha das citações feitas por Iório no começo de sua obra. Não é difícil constatar nesta narrativa a intenção de valorizar a terra valenciana através de suas belezas naturais. Inclusive, é claramente perceptível um discurso um tanto quanto poético. Iório usa citações de Matoso Maia Forte, em “Viagens pela Província do Rio de Janeiro”, onde o autor discorre sobre as impressões do botânico francês Saint-Hilaire:

Embevecido, deixava-se levar pelo entusiasmo, frente à soberania caprichosa da vegetação incomum dêsse espaço da gleba fluminense, em sua natureza pródiga e esbanjadora de viço onde tudo respirava um ritmo solene de originalidade e de luxúria no recesso das riquezas inexploradas. A região teve sobre si uma predestinação admirável: as bênçãos dadivosas da terra de berço, a amenidade do clima, as graças do Alto. Os brindes recebidos pela natureza farta cercaram-nos de um halo de circunstâncias propícias, admiradas pelo naturalista francês (...). Saint-Hilaire era o cientista que se tornava poeta pelos imperativos mesológicos, realizando a sua marcha triunfal pelo sertão fluminense (...) (IÓRIO, 1953, p.8).

Desta maneira, concluímos a argumentação sobre a preponderância da supervalorização das terras valencianas fortemente marcadas nas obras consultadas.

1.10 Silêncio na senzala: a escravidão velada em terras valencianas

“Dado que a cultura popular é transmitida oralmente e não deixa vestígios escritos, é necessário pedir á repressão que nos conte a história do que reprime”. (MUCHEMBLED *apud* BARBERO, 2009, p. 131).

No que tange a esta ideia-força averiguada na bibliografia que nos serviu de base, é interessante frisar a omissão dos autores relativa às usuais práticas no tratamento dos escravos. Ao contrário, constatamos que as exceções, ou seja, o bom tratamento dado a alguns negros escravizados surge neste discurso canônico como se fosse algo costumeiro. É pertinente destacar também nestas narrativas a tentativa de evidenciar os fazendeiros de Valença daquele século XIX como “bons senhores”.

Boas provas destas constatações se encontram nas obras do historiador Rogério Tjader. Em seu livro “Uma pequena história de Valença”, destacamos trechos onde tal ideia é nítida:

Nos imensos cafezais do Visconde trabalhavam, de sol a sol, os escravos, que foram, de forma efetiva, os verdadeiros construtores braçais da riqueza valenciana. Ao contrário do que, porventura, viesse a ocorrer em outras regiões do Brasil, os escravos valencianos eram muito bem tratados por seus senhores. Alguns viajantes estrangeiros que por aqui passaram, deixaram suas impressões a este respeito, nas quais afirmavam como “os escravos valencianos eram bem vestidos, limpos e de aspecto tranquilo” (TJADER, 2003, p.38).

E Tjader ainda completa:

Somente como exemplo, merece ser citado que o Visconde do Rio Preto fazia ensinar música aos fiéis servidores, ostentando em sua Fazenda do Paraíso, nada menos do que duas orquestras, cujos componentes desfilavam garbosamente uniformizados nas paradas ou participavam compenetrados, nas missas solenes, fúnebres, onde tocavam os “réquiem” de músicas clássicas. Aliás, este exemplo de bom trato aos escravos, foi seguido por um grande número de outros senhores de terras (TJADER, 2003, p.38-39).

Ainda sobre este autor, vale por em relevo algumas citações retiradas de sua obra “Visconde do Rio Preto, o esplendor de Valença”, onde Tjader discorre sobre o tratamento alimentar dado pelo fazendeiro Domingos Custódio Guimarães, o Visconde do Rio Preto, a seus escravos, comentando que neste quesito “também se faz presente a preocupação do

Visconde, modificando, enriquecendo e multiplicando as refeições dos escravos”. (TJADER, 2004, p.125).

Em relação ao trabalho dos negros nas fazendas do Visconde do Rio Preto, Tjader diz que raras vezes foi exigido destes trabalhadores fazer serão, acontecimento corriqueiro em muitas fazendas, nos diversos países onde adotava-se o sistema escravocrata. Segundo o autor, “domingos e dias santos de guarda eram rigorosamente respeitados, quanto ao descanso da escravaria excetuando-se, é claro, o serviço essencial pelos quais os escravos encarregados recebiam compensações de várias outras maneiras” (TJADER, 2004, p.126).

Outro fato nos salta aos olhos. Os principais livros que nos serviram de base para a estruturação daquela que seria a identidade valenciana imaginada e cultivada através dos tempos poucas referências fazem à figura do negro nesta cidade. Contudo, sabe-se que o negro era um ator comum neste cenário social, como nos conta Marialva Barbosa, ao mencionar em seu livro “História da Comunicação no Brasil” a narração do holandês Dierick Ruiters, que ficou em torno de um ano preso na cidade do Rio de Janeiro no século XVIII:

Vi, certa feita, um negro faminto que, para encher a barriga, furtara dois pães de açúcar. Seu senhor, ao saber do ocorrido, mandou amarrá-lo de braços a uma tábua e, em seguida, ordenou que um negro o surtasse com um chicote de couro. Seu corpo ficou, da cabeça aos pés, uma chaga aberta, e os lugares poupados pelo chicote foram lacerados à faca. Terminado o castigo, um outro negro derramou sobre suas feridas um pote contendo vinagre e sal. O infeliz, sempre amarrado, contorcia-se de dor. Tive, por mais que me chocasse, de presenciar a transformação de um homem em carne de boi salgada e, como se isso não bastasse, de ver derramarem sobre suas feridas piche derretido. O negro gritava de tocar o coração. Deixaram-no toda uma noite, de joelhos, preso pelo pescoço a um bloco, como um mísero animal, sem ter as suas feridas tratadas (RUITERS, D.In: FRANÇA, 2000 *apud* BARBOSA, 2013, p.19-20).

Todavia, não podemos ocultar a informação de que algumas poucas vezes encontramos alusões aos negros nas publicações consultadas. Entretanto, nestas escassas passagens o negro dificilmente é personagem principal da narrativa, como podemos confirmar no trecho referente à construção dos dois principais jardins de Valença:

(...) o então presidente da Câmara Municipal, Coronel João Rufino, fez construir os dois primeiros jardins públicos que existiram em Valença. Inicialmente foi o da Praça da Câmara, hoje Visconde do Rio Preto. Foram obras difíceis, para aquele tempo em que não existiam máquinas nem tratores. Todo o serviço de embelezamento daquela área, que incluía desaterros, nivelamentos, foi feito à mão, por pedreiros especializados auxiliados por escravos (TJADER, 2003, p. 33).

Há também que ser mencionado que a abordagem feita a respeito do tema escravidão depende muito da época em que o livro foi escrito. Esta diferença no modo de falar sobre o assunto torna-se manifesta se compararmos as duas principais obras cujo enfoque é a trajetória histórica do município pesquisado. Enquanto no título “História de Valença – (1803-1924)”, de Luiz Damasceno Ferreira, cuja primeira edição data de 1924, não descobrimos nenhuma parte discorrendo sobre a escravidão de maneira crítica, já na obra “Valença de Ontem e Hoje - 1789-1952 - Subsídios para a História do Município de Marquês de Valença”, de Leoni Iório, escrita em 1953, é possível encontrar algumas poucas passagens neste sentido. Vale ressaltar também que Iório menciona alguns negros valencianos no subtítulo “Tipos populares” (IÓRIO, 1953, p.145-150). Porém, é crucial atentar para o fato de que Iório caracteriza essas figuras de maneira caricata.

A invisibilidade do negro nestas obras literárias que nos contam a história de Valença corrobora a ideia de que, antigamente, na época em que estes livros foram escritos, a história era contada somente pelos “vencedores”. Hoje, como comprova o livro de Marialva Barbosa, já não é raro perceber nas obras a voz, antes silenciada, dos grupos marginalizados da sociedade brasileira.

É crucial comentar ainda a ausência de menção a algum tipo de letramento dos escravos valencianos na bibliografia tradicional da cidade. Em nenhum momento das obras de Leoni Iório, Luiz Damasceno, ou Rogério Tjader alude-se à capacidade de ler e/ou escrever dos escravos (ou à capacidade e à vontade de interpretar imagens expostas nos jornais impressos do final do século XIX).

Já no livro de Barbosa (2013, p.149-177) boa parte do capítulo “Imaginação visual: a caminho do novo século” trata do tema. No referido capítulo, um dos cenários apresentados “se refere à capacidade leitora e escriturária dos escravos” (BARBOSA, 2013, p.149). Podemos supor que, apesar de não terem sido encontrados rastros deste letramento dos escravos nas obras sobre Valença, os negros escravizados que viviam nesta região possuíam certo grau de instrução, já que alguns tinham condições de compor bandas de música, como aquela patrocinada pelo Visconde do Rio Preto (TJADER, 2004, p. 124-125).

É interessante expor também o caso relatado por Barbosa sobre um crioulo que, em 11 de dezembro de 1873, foi ao Juizado de Órfãos da cidade de Valença para entrar com processo requerendo sua liberdade. O negro, que atendia pelo nome de Romão, assinou no processo seu pedido de liberdade. A autora salienta que tal assinatura “está postada, com letra firme, denotando o manejo das artes da escrita. A letra (...) não é tremida, nem desenhada. Romão escreve seu nome de maneira clara. (...) Romão, crioulo, era capaz de, com firmeza,

escrever seu próprio nome” (BARBOSA, 2013, p. 154). Vale ressaltar o fato de que na literatura tradicional de Valença, não há menção a este acontecimento. Talvez, em trabalhos acadêmicos locais mais recentes, seja possível achar acontecimentos semelhantes ao caso do negro Romão. Mas, como o foco do nosso trabalho foi a literatura tradicional, para justamente elencar ideias-chave, nestas obras, sustentadoras de uma identidade valenciana “oficial”, não buscamos averiguar esta hipótese.

Ainda sobre a questão, Barbosa esclarece que o crioulo mencionado não era uma exceção à regra. Segundo a autora, existem muitos indícios reveladores de outros negros escravizados capazes de ler e/ou escrever (BARBOSA, 2013, p.156). Após expor cartas e diversos outros tipos de documentos históricos escritos ou somente assinados por escravos, Barbosa ainda comprova a existência daqueles que eram capazes até mesmo de criar poemas, mesmo que os versos sejam decifráveis apenas se os lermos em voz alta, visto que sua grafia é feita à maneira que se falava na época (BARBOSA, 2013, p.158-159).

É relevante ressaltar também que a partir da segunda metade do século XIX os homens e mulheres escravizados, grupo que correspondia ao maior contingente populacional das cidades, defrontou-se com a intensificação da cultura do impresso e com a reprodução da palavra impressa em modelo visual, misturando-se a suas maneiras orais de se comunicar:

Percebendo a palavra escrita de múltiplas maneiras, (...) os escravos do século XIX misturavam nas suas práticas leitoras e escriturárias o mundo da oralidade e do letramento. Entretanto, entrar no novo mundo era também a possibilidade de encobertar a exclusão e o aviltamento da condição escrava. (...) saber ler e escrever permitia a eles poderem enunciar nos modos orais uma liberdade que ainda não existia”. (BARBOSA, 2013, p. 164).

Acreditamos que o mesmo argumento serve para justificar a participação dos escravos pertencentes às propriedades rurais do Visconde do Rio Preto em uma banda de música patrocinada por este. Em outras palavras, fazer parte de um grupo de “artistas”, que por vezes se apresentava a um público da elite valenciana¹³, provavelmente fizesse com que estes escravos se sentissem mais livres e mais donos de suas próprias vidas.

¹³ Em seu livro “Visconde do Rio Preto: o esplendor de Valença” Tjader nos conta que certa vez a nora do Visconde mandou celebrar missa de ação de graças na Catedral de Nossa Senhora da Glória, em Valença. E que nesta ocasião a orquestra de escravos, patrocinada pelo Visconde, se apresentou com seus 60 instrumentistas, na companhia de 50 vozes de pequenos escravos (TJADER, 2004, p.125).

Capítulo 2 – História da Imprensa

“Los medios de masas (...) constituyen solo un aspecto del proceso de socialización, pero sería muy sorprendente en verdad si no desempeñaran un cierto papel en la modelación de nuestras actitudes respecto a la vida, de nosotros mismos y de los demas” (HALLORAN apud ARRUETA, 2010, p. 217).

Ao longo da história do nosso país, desde o surgimento dos primeiros impressos brasileiros até os dias atuais, a mídia assumiu posição de destaque em momentos decisivos. Seja para o bem ou para o mal, os meios de comunicação têm se apresentado como arena privilegiada para a discussão de questões de interesse público. Exemplos disso são os episódios de redemocratização do país, quando a mídia teve participação substancial ao divulgar a grande mobilização da sociedade através das Diretas Já, ou no famoso caso da exibição do debate eleitoral entre os candidatos à presidência Lula e Collor, no segundo turno das eleições de 1989, quando a Rede Globo editou o debate à favor deste.

Enfim, este capítulo de nosso trabalho é dedicado a resgatar um pouco da história desta relação entre a sociedade e os veículos de comunicação, além de evidenciar a maneira como as notícias são produzidas, e também narrar a trajetória da imprensa do município de Valença, para entendermos melhor o contexto onde se insere nosso objeto de estudo, o *Jornal Local*.

2.1 A relevância da mídia na sociedade brasileira

Neste momento da pesquisa trabalharemos ainda como a mídia influenciou e influencia a política, a economia e principalmente a área social em nosso país ao longo de sua existência. Neste sentido, é de extrema valia expor o que nos diz sobre o tema o autor Nelson Werneck Sódre, em sua obra “História da Imprensa no Brasil”, onde demonstra exatamente as nuances da relação da imprensa com a política e com outros setores da sociedade.

Segundo Sódre, jornais e revistas – nos atendo somente ao caso da imprensa escrita -, são submetidos aos mais diversos tipos de condicionamento: ao poder público, no que respeita ao fornecimento de algumas matérias primas como papéis especiais e máquinas importadas, assim como no que tange aos empréstimos, financiamentos, isenções de impostos, favores

cambiais e fiscais, entre outros; à censura, sofrida pela opressão exercida pelos proprietários de empresa, particularmente as brasileiras do tipo familiar; às agências de notícias estrangeiras, de quem dependem para receber as informações do exterior; e às agências de publicidade, muitas delas estrangeiras, que distribuem as propagandas dos grandes monopólios estrangeiros que operam no país.

E, para corroborar seu pensamento, Sodré cita Luciano Martins, ao dizer que a liberdade de imprensa “requer uma adaptação contínua às necessidades sociais emergentes, sob pena de se transformar na negação de si mesma e numa simples ideologia de dominação” (MARTINS, *apud* SODRÉ, 1999, p.448). Enfim, Sodré finaliza dizendo que a imprensa torna-se o contrário do que realmente deveria ser, na medida em que se desenvolve numa sociedade capitalista. “O jornal é menos livre quanto maior como empresa (...)” (SODRÉ, 1999, p. 449).

Sobre a exposição de Sodré (1999) é relevante atentar para o fato de que a primeira edição da obra citada foi escrita em 1966. Se naquela época a presença de empresas de comunicação estrangeiras em nosso país já era tão marcante, alterando conteúdo e forma da divulgação de informações na imprensa escrita brasileira, imagine como se dá, num mundo globalizado, esta influência dos meios de comunicação estrangeiros no Brasil? Apesar disso, não podemos deixar de reconhecer que hoje em dia, com a facilidade de deslocamento das equipes de jornalismo, a imprensa brasileira pode noticiar muito mais assuntos sobre nosso território.

Tudo bem que devemos assumir que esta influência estrangeira não alcança nosso objeto de estudo, visto que o *Jornal Local* é um impresso de caráter eminentemente local. Entretanto, podemos realizar uma transposição deste quadro desenhado por Sodré em âmbito nacional para a realidade regional do *Jornal Local*. Sendo assim, supomos que o impresso estudado também sofre todo tipo de pressão – social, política e econômica – no seu cotidiano. E por isso é preciso relativizar, ou melhor, é necessário olhar de maneira menos inocente as informações divulgadas no *Jornal Local*. Afinal, como nos diz César Arrueta, as notícias são o resultado de um intenso processo de negociação inter e intrainstitucional, que se conclui com propostas jornalísticas organizadas a partir de zonas consensuais com agentes do campo político e econômico, e zonas mais permeáveis que se articulam num conflito majoritariamente inofensivo (ARRUETA, 2010, p.219).

No entanto, o Jornalismo não foi praticado sempre desta forma. Para Ciro Marcondes Filho (2002) a imprensa assume caráter de empresa apenas na “terceira fase do jornalismo”. Cabe aqui fazermos uma digressão para melhor entendermos a história do Jornalismo.

O “primeiro jornalismo”, de 1789 à metade do século XIX, foi o da “iluminação”. Filho legítimo da Revolução Francesa, Marcondes Filho diz que o jornalismo foi “a síntese do espírito moderno: a razão (a ‘verdade’, a transparência) impondo-se diante da tradição obscurantista, o questionamento de todas as autoridades, a crítica da política e a confiança irrestrita no progresso, no aperfeiçoamento contínuo da espécie” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 9). É a era do jornalismo político-literário, quando “páginas impressas funcionam como caixa acústica de ressonância, programas político-partidários, plataforma de políticos, de todas as ideias” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 11). Entretanto, com o tempo, o jornalismo deixa de ser uma ferramenta dos políticos e ganha sua autonomia para virar empresa.

A partir de inovações tecnológicas nos processos de elaboração do jornal, na segunda metade do século XIX, começa o “segundo jornalismo”, onde o jornal assume o papel de grande empresa capitalista. “A transformação tecnológica irá exigir da empresa jornalística a capacidade financeira de autossustentação (...), irá transformar uma atividade praticamente livre de pensar e de fazer política em uma operação que precisará vender muito para se autofinanciar” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 13). Era o fim da fase romântica do jornalismo.

No século XX, o crescimento e fortalecimento das empresas jornalísticas levam o jornalismo para uma nova fase. O chamado “terceiro jornalismo” se dá justamente com a constituição de monopólios midiáticos. É neste período que surgem também a indústria publicitária e de relações públicas, novas formas de comunicação que rivalizam com o jornalismo, sendo capazes de descaracterizá-lo no fim do século XX (MARCONDES FILHO, 2002, p. 14).

Para Marcondes Filho (2002), essa última transformação da atividade jornalística está atrelada à crise da cultura ocidental, se encararmos o jornalismo como a “expressão física deste espírito”. Segundo ele,

O pano de fundo dessas mudanças é o fim da modernidade, caracterizado pelo (novo) processo universal de desencanto (defecção do socialismo e das alternativas ao capitalismo), pela crise dos meta-relatos e de todos os sistemas gerais de explicação, pela falência dos processos teleológicos (esperança de um futuro melhor, a subordinação do engajamento político a um projeto histórico) e (...) o desaparecimento do “conceito de agonística geral”, isto é, da política como embate, competição, confrontação geral (MARCONDES FILHO, 2002, p. 15).

O “quarto e último jornalismo” data do fim do século XX. Segundo Marcondes Filho (2002), é o jornalismo da era tecnológica, que teve seu início em torno dos anos 70. Nesta

fase se manifestam dois processos. Primeiro, há a “inflação de comunicados e de materiais de imprensa, que passam a ser fornecidos aos jornais por agentes empresariais e públicos (assessorias de imprensa) e que se misturam e se confundem com a informação jornalística” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 30). Segundo, ocorre a substituição do jornalista por sistemas de comunicação eletrônica, através das redes, das maneiras interativas de criação, fornecimento e disseminação de informação. Ainda em relação ao segundo processo Marcondes Filho esclarece que

(...) a informação produzida e circulante nas redes, incide adicionalmente sobre o papel histórico do jornalista como um “contador de histórias” (repórter) mas também como um “explicador do mundo”(analista/ comentarista). Essas funções, hoje em dia prejudicadas com o desencanto e a crise dos meta-relatos, puseram em descrédito todos aqueles que outrora batalhavam por revelar uma verdade, uma explicação, a “chave” dos acontecimentos (MARCONDES FILHO, 2002, p. 30).

Aliado a isto temos o fato de que, hoje, com as tecnologias de rede, o papel do jornal e dos jornalistas vêm sendo questionados, como ocorreu nas manifestações de junho de 2013, por exemplo.

Ainda cabe salientar que, frente à averiguação das características do jornal impresso em estudo, consideramos que o jornalismo praticado por ele ainda se encontra no “terceiro jornalismo”, afinal, numa rápida folheada de um exemplar do *Jornal Local*, é nítido o espaço, e conseqüentemente a importância, dado à publicidade e a informes de instituições (públicas ou privadas). Deve ser considerado inclusive o fato de que o jornalista ainda possui o papel social de “contador de histórias” e de “explicador do mundo”, sendo a verdade, a “chave” capaz de desvelar uma das muitas identidades valencianas possíveis, fornecida através da narrativa do *Jornal Local*.

Vale ressaltar o argumento de Nelson Traquina (2001) , quando ele defende ser o Jornalismo uma forma de narrar histórias e, portanto, torna-se crucial encará-lo como um discurso, e não como portador de uma verdade incontestada. Compartilhamos o ponto de vista de Traquina ao enfatizar que as notícias precisam ser examinadas cuidadosamente já que a informação é, muitas vezes, coberta por uma “aura de credibilidade”, visto que o jornalismo está ligado “a uma panóplia¹⁴ de mitos que se desenvolveram desde o início do século XIX em relação ao papel da imprensa” (...) (TRAQUINA, 2001, p.155).

¹⁴ “**Panóplia** refere-se à armadura completa de um cavaleiro da Idade Média, concretamente refere-se a todas as peças que compõem a armadura”. Informações retiradas de <http://www.dicionarioinformal.com.br/pan%C3%B3plia/>.

Nelson Traquina também destaca que a resistência ao conceito de narrativa para a notícia “é melhor compreendida sob o brilho dos princípios fundamentais da ideologia profissional dos jornalistas” (TRAQUINA, 2001, p.156). E cita o que diz sobre o assunto Stuart Hall:

Os jornalistas dizem: *Há um acontecimento; quer dizer alguma coisa. Quem quer que lá esteja perceberá o que é que ele significa. Tiramos-lhe fotografias. Escrevemos um relato sobre ele. Transmitimo-lo tão autenticamente quanto possível através dos mídia, e a audiência vê-lo-á e perceberá o que aconteceu.* E quando se afirma que as pessoas têm interesse em versões diferentes desse acontecimento, que qualquer acontecimento pode ser construído das mais diversas maneiras e que se pode fazê-lo significar as coisas de um modo diferente, esta afirmação de algum modo ataca ou mina o sentido de legitimidade profissional dos jornalistas, e estes resistem bastante à noção de que a notícia não é um relato, mas uma construção. (Destacado no Original) (HALL, *apud* TRAQUINA, 2001, p.156).

Seguindo sua linha de raciocínio, Traquina comenta que a adoção do conceito de notícia como estória torna proeminente a importância de compreender sua dimensão cultural. O autor cita o que diz a este respeito o sociólogo Michael Schudson, para quem deve ser levado em conta o fato de as notícias serem produzidas por pessoas que operam, de maneira inconsciente, num determinado sistema cultural, que têm um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discurso. “As notícias como uma forma de cultura incorporam suposições acerca do que importa, do que faz sentido, em que tempo e em que lugar vivemos, qual a extensão de considerações que devemos tomar seriamente em consideração” (SCHUDSON *apud* TRAQUINA, 2001, p.157).

Existe, ainda, uma gama considerável de autores que se dedicam a ressaltar a relevância do aspecto cultural das notícias. Traquina lembra do termo *gramática cultural*, de Colby, usado para fazer menção às regras da construção narrativa (COLBY *apud* TRAQUINA, 2001, p.157). Já Hall e outros autores, ao fazer referência à produção social das notícias, frisam a importância dos *mapas de significado* (HALL, *et al apud* TRAQUINA, 2001, p.158). E, citando Hall e outros autores, Traquina constata:

As coisas são noticiáveis porque elas representam a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo. Mas não se deve permitir que tais acontecimentos permaneçam no limbo do “aleatório” – devem ser trazidos aos horizontes do “significativo”. Este trazer de acontecimentos ao campo dos significados quer dizer, na essência, reportar acontecimentos invulgares e inesperados para os “mapas de significado” que já constituem a base do nosso conhecimento cultural, no qual o mundo social *já* está “traçado”. A identificação social, classificação e contextualização de acontecimentos noticiosos em termos destes quadros de referência de fundo constitui o processo fundamental através do

qual os mídia tornam o mundo a que fazem referência inteligível a leitores e espectadores (grifo no original) (HALL, et. al. *apud* TRAQUINA, 2001, p. 158)

Contudo, o paradigma de notícia como narrativa não quer dizer que estas sejam ficção. “Schudson (...) escreve que as notícias não são ficcionais, mas sim convencionais. Bird e Dardenne defendem que (...) ‘as notícias enquanto abordagem narrativa não negam que as notícias informam, claro que os leitores aprendem com as notícias’ (...)” (TRAQUINA, 2001, p:158). E acrescenta o pensamento de Gaye Tuchman:

dizer que uma notícia é uma estória não é de modo algum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna (TUCHMAN *apud* TRAQUINA, 2001, p.158).

Outro ponto deve ser analisado. Por ser nosso objeto de estudo um produto jornalístico, precisamos de uma base teórica que discuta a *práxis* desta profissão. Desta maneira, após desnudar a ideia que alguns teóricos fazem sobre o conceito de notícia, trataremos de explicar neste momento como o conceito “notícia” é encarado no Jornalismo, e quais os valores e ideias a ele atrelados para a elaboração dos textos jornalísticos.

No primeiro momento, é essencial evidenciarmos o que vem a ser notícia. Para Juarez Bahia (2010), notícia é “o relato, a narrativa, a descrição (...) de um acontecimento de interesse para a comunidade”. Mas, segundo ele, “é também a opinião, o ponto de vista, isento ou engajado (...) enfim, a matéria que se publica (...) tendo por base o processo jornalístico de busca, apuração, preparação, seleção, apresentação e comunicação” (BAHIA, 2010, p.258).

De acordo com o autor, a notícia é base, objeto e fim do Jornalismo, e também a essência do trabalho do jornalista. Para ele, é o espaço onde se dá “a influência social dos **mass media**, com todas as suas derivações: cultura de massa, linguagem coletiva, mecanismos potenciais de consumo da civilização industrial, intercâmbios econômicos, padrões de comportamento, projeções éticas, etc” [grifo no original] (BAHIA, 2010, p.258).

Há ainda a questão de ver a notícia como mercadoria. Para o autor, do ponto de vista econômico, ela é criada e colocada no mercado da mesma maneira que outros bens de consumo coletivo, submetendo-se à produção e distribuição racionalizada, organizada conforme padrões administrativos e tecnológicos. Entretanto, a notícia possui um diferencial, distinguindo-se “de outras mercadorias domésticas, como a batata ou os grãos, porque se dirige ao intercâmbio de ideias, projeta-se numa dimensão de passado, presente e futuro, associando nessa projeção o próprio destino da sociedade (...)” (BAHIA, 2010, p.259).

Concluindo, Juarez Bahia ressalta a importância central da notícia para o público ao qual se dirige:

Quem nela se apoia para tomar decisões quer que ela seja verdadeira, autêntica, honesta ou confiável. A maior parte da credibilidade de um veículo e de um jornalista repousa na notícia que emitem, seja no menor jornal citadino ou na maior rede internacional de comunicações. Ela serve para dar identidade ao veículo, além de ser o elo que o aproxima do leitor (...) (BAHIA, 2010, p.259).

No que tange ainda ao produto principal do jornal, a notícia, é interessante por à luz seus critérios de seleção, mais comumente chamados de critérios de noticiabilidade ou valores notícias. Na opinião dos autores Barbosa e Rabaça (2001), a notícia, por ser um fenômeno essencialmente jornalístico, necessita de um tratamento apropriado – apuração, pesquisa, comparação, interpretação, seleção e redação adequadas ao veículo de comunicação onde será divulgada. “Mas para que, com toda a técnica jornalística, se produza uma boa notícia, é essencial que o fato reúna determinados atributos, como: atualidade, veracidade, oportunidade, interesse humano, raridade, curiosidade, importância e consequências para a comunidade, proximidade etc. (...)” (BARBOSA; RABAÇA, 2001, p. 514). Apenas cumpre esclarecer que os autores não definem tais atributos como valores-notícia, mas se trata exatamente disso.

De acordo com César Arrueta (2010), a academia descreve noticiabilidade como aqueles acontecimentos suficientemente interessantes e significativos para serem publicados. Porém, as concepções de interessante e significativo não possuem uma correlação estrita com as demandas do público leitor massivo, mas com as habilidades possuídas pelo jornal na luta por capital e com a rede de aliados e não-aliados com os quais disputa este poder (de capital). Arrueta ainda esclarece que,

Esto nos llevar a pensar que la noticiabilidad tiene un carácter circunstanciado, en tanto el medio advierte la existencia de diferentes tipos de públicos: están aquellos de corte “preferente”, con los cuales cumple un rol vociferantes; y aquellos de corte “popular”, con los cuales discute solo en tangencialidad (ARRUETA, 2010, p. 223).¹⁵

Sobre o assunto, Ciro Marcondes Filho (2002) diz que os critérios normalmente usados para determinar se um acontecimento é notícia não são nada óbvios. “Há,

¹⁵ Isto nos leva a pensar que a noticiabilidade tem um caráter circunstancial, tanto que o meio adverte a existência de diferentes tipos de públicos: há aqueles de corte “preferencial”, com os quais cumpre um chamado; e aqueles de corte “popular”, com os quais discute somente em tangencialidade (tradução livre da autora).

naturalmente, um consenso no meio jornalístico que o fato tem de ter algo de espetacular ou sensacional, tem de trazer emoção e testemunho” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 107).

O clichê¹⁶, de acordo com Marcondes Filho, é “a alma da notícia”. “É em torno dos clichês, em realidade, que se estrutura a parte majoritária das notícias. E jornalistas (...) se tornam atores privilegiados na manutenção de ideias, verdadeiros agentes *conservadores da cultura*,” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 109), já que têm acesso a meios de divulgação massivos de suas ideias (preconceitos, estereótipos, entre outros).

O questionamento que se torna necessário é: por qual motivo os jornalistas preferem trabalhar com estas ideias prontas, pré-fabricadas? Segundo Marcondes Filho:

operar com clichês é incomparavelmente mais cômodo, mais fácil, mais simples. Acontecimentos, grupos humanos, filosofias políticas são rapidamente classificados – seja na expressão clara, seja na forma indireta – como bons, maus, exóticos, mais apreciados, joviais, ultrapassados, aconselháveis, desaconselháveis”. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 109).

Contudo, o mais importante é o fato de o clichê construir antecipadamente a notícia. Esta seria a função conservadora mais efetiva dos jornalistas: “eles reconstróem diariamente o mundo impondo-lhe sua verdade cristalizada sobre as pessoas, sobre os fatos, (...) exercendo a atividade tranquilizadora e gratificante (...) de ‘manter o mundo exatamente como ele é’ (...)” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 110).

Para Marcondes Filho (2002), se fossemos sistematizar o conteúdo das notícias à maneira que normalmente vemos a caracterização das coisas – como “fórmulas de bolo” – seria algo como: notícia = valores tradicionais + interesse de leitores + anunciantes (MARCONDES FILHO, 2002, p. 122).

No entanto, é preciso por em relevo o que nos fala César Arrueta (2010) sobre o *modus operandi* jornalístico e sua relação com a realidade do contexto onde se dará a produção da notícia. Segundo o autor, o exercício do jornalismo não se constrói, exclusivamente, de valores indicativos, mas do confronto que ocorre entre esses valores e as condições objetivas de realização (ARRUETA, 2010, p. 222). E, completa: “El ejercicio del

¹⁶ De acordo com Marcondes Filho “clichês são fórmulas prontas, ideias mecanizadas sobre pessoas, atividades, profissões, posições políticas, etc. São estereótipos, julgamentos de valor automáticos (...). Eles ocupam o lugar do discernimento na cabeça das pessoas e impedem que elas julguem cada novo fato de forma independente (...)” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 118-119).

periodismo, desde la percepción de los propios periodistas, tiene una connotación ceñida al contexto y distante de las premisas entabladas por la academia”¹⁷(ARRUETA, 2010, p. 224).

Em outras palavras, é preciso relativizar a visão pessimista que Marcondes Filho (2002) faz do jornalismo. Concordamos que na maioria das vezes as notícias seguem clichês e estereótipos. Entretanto, isso não quer dizer que esta questão seja apenas uma mera escolha individual do repórter. O próprio modelo industrial de produção da mídia - pressão de veículos concorrentes, condições materiais de produção, rotina de trabalho, respeito ao tempo para fechamento do jornal (*deadline*), entre outros fatores - na maioria das vezes leva o jornal a optar pelo uso de uma visão de mundo mais simplificada, ou melhor, menos crítica e problematizada.

Neste sentido, não podemos nos esquecer das inúmeras vezes em que os jornalistas se fizeram valer da visibilidade e do relativo poder de pautar as discussões do espaço público para evidenciar as mazelas de nosso país. Foi o caso dos pasquins “irreverentes e panfletários” da época da Regência, que tiveram seu auge em 1830 com cerca de 50 títulos¹⁸, dos jornais anarquistas de operários, no período de 1880 a 1920, que totalizaram quase 400 títulos¹⁹, e da imprensa alternativa da época da ditadura militar (1964-1985). “Nos três momentos, pequenos jornais sem fins mercantis, produzidos precariamente, às vezes por um só homem, como eram muitos pasquins, dirigiam-se à sociedade civil e às classes subalternas criticando o Estado e propondo mudanças (...)” (KUCINSKI, 2003, p.21).

Vale lembrar que mesmos os jornalistas que continuaram trabalhando na imprensa convencional na época da ditadura no Brasil, apoiavam, com dinheiro e matérias, os jornais alternativos (KUCINSKI, 2003, p.20). Além disso, algumas vezes, os próprios jornais da grande mídia enfrentaram o governo militar, como aconteceu em dezembro de 1968, quando o *Jornal do Brasil*, em sua primeira página, fazia menção ao clima do país após a promulgação do AI-5: “Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Máxima de 38 graus em Brasília. Mínima de 3 graus nas Laranjeiras”²⁰.

Há ainda o apoio dado pela imprensa ao movimento das “Diretas Já!”, na época da reabertura política no Brasil (redemocratização do país). Tudo começou quando em 1979 o regime militar adotou medidas que ocasionaram timidamente alguns retornos às liberdades

¹⁷ O exercício do jornalismo, desde a percepção dos próprios jornalistas, tem uma conotação inserida no contexto e distante das premissas estabelecidas pela academia (tradução livre da autora).

¹⁸ Kucinski citando a obra “História da Imprensa Brasileira” (1986), de Nelson Werneck Sodré.

¹⁹ Kucinski citando a obra “A Imprensa Operária no Brasil (1880-1920)” (1980), de Maria Nazareth Ferreira.

²⁰ Informações retiradas do endereço eletrônico <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2008/jusp831/pag10.htm>.

democráticas. A substituição do modelo bipartidário possibilitou a formação de novos partidos políticos. Em 1982, os novos partidos já puderam, por exemplo, disputar as eleições para os governos estaduais.

Diante desse novo panorama, a oposição da Câmara dos Deputados tentou articular uma lei que instituísse o voto direto para a eleição do presidente que substituiria o general João Batista Figueiredo. Em 1983, essa mobilização tornou-se um projeto de lei. A divulgação da chamada “Emenda Dante de Oliveira” repercutiu junto aos grupos que acompanhavam mais atentamente as movimentações políticas da época. Logo, membros de diversos partidos políticos começaram a organizar grandes comícios, em que era óbvio o posicionamento da população a favor da escolha direta para presidente. Foi neste momento que a participação da mídia fez a diferença. Com a grande repercussão nos meios de comunicação, essas manifestações se tornaram as “Diretas Já!”. Tida como uma das maiores manifestações populares já ocorridas no país, as “Diretas Já!” foram marcadas por enormes comícios, onde perseguidos pela ditadura militar, artistas, intelectuais e participantes de outros movimentos lutavam pela aprovação do projeto de lei.

Mas, infelizmente, mesmo diante deste grandioso movimento em que se converteu as “Diretas Já”, os deputados federais da época não aprovaram as eleições diretas para presidente²¹. Apenas cumpre mencionar também a decisiva cobertura realizada pela imprensa nos casos do movimento dos “caras pintadas”, que lutavam pela cassação do então presidente Fernando Collor, em 1991, e no processo de *impeachment* deste.

Por fim, é crucial apenas lembrar a participação cotidiana da imprensa, através de reportagens investigativas, em denúncias de abusos de poder, subornos, corrupção, fraudes em processos licitatórios dos governos, superfaturamentos em obras públicas, desvios de dinheiro de instituições públicas por parte de seus diretores, entre outros casos, que podemos constatar a todo o momento ao ver TV, ler jornais e revistas ou acessar endereços eletrônicos dos veículos de comunicação.

²¹ As informações referentes ao movimento das “Diretas Já!” foram extraídas de <http://www.brasilecola.com/historiab/direta-ja.htm>.

2.2 Breve incursão na história da imprensa valenciana: da origem aos tempos atuais

A região que corresponde à atual Valença foi historicamente habitada pelos índios Coroados, divididos em duas tribos, os Purus e os Araris. A colonização do território está também diretamente ligada à presença destes índios. No final do século XVIII, algumas fazendas surgiram junto à margem do Rio Paraíba do Sul e, como os índios daquela localidade estavam vivendo uma situação de miséria, eram comuns os ataques destes aos armazéns de alimentos das fazendas que apareceram por ali.

Diante dos saques comuns às fazendas daquela região, o então Vice-Rei do Brasil, D. Luiz de Vasconcellos e Souza, decidiu iniciar a catequese e a civilização dos índios Coroados. Esta ordem foi emitida em 1789. Aos poucos, a região foi se desenvolvendo. A partir de 1817, começaram a ser repartidas sesmarias e rapidamente o número de colonos já ultrapassava o de 120 famílias instaladas em Valença.

Em 1823, um decreto imperial elevou à condição de Vila a aldeia de Valença. No período correspondente à metade do século XIX, Valença vivia do plantio de subsistência, pecuária e um pequeno comércio. A vila torna-se cidade em 29 de setembro de 1857 e, sobretudo na segunda metade daquele século, as maiores riquezas da região passaram a ser suas enormes fazendas de café, que fizeram da cidade uma das mais importantes do país.

Já no último decênio do século XIX, Valença, antes um dos maiores produtores de café do estado, sofreu com o declínio da produção cafeeira, principalmente em virtude da falta de mão de obra. Cabe ressaltar que, até a assinatura da Lei Áurea em 1888, as fazendas deste município utilizavam trabalho escravo. Com a sanção desta lei, algumas tentativas foram feitas no intuito de suprir a falta de braços nas lavouras, como a promoção da imigração de colonos italianos²². Todavia, estes europeus não se submeteram àquelas “práticas trabalhistas” adotadas pelos senhores no trato com seus escravos. Na verdade, o que os fazendeiros queriam era continuar com o modo de produção escravo, mas os imigrantes europeus não aceitaram trabalhar nestas condições. A era do café então passou. A “Princesa da Serra” tornou-se pecuarista e laticinista.

A partir do início do século XX, Valença entrou na era industrial. Houve o aparecimento de diversas indústrias têxteis na cidade, como a Companhia Industrial de

²² Neste período Valença recebeu 93 famílias italianas (TJADER, 2003, p.42).

Valença, Companhia Fiação e Tecidos Santa Rosa, e a Fábrica de Tecidos Rendas e Bordados S. A. Entretanto, hoje, muitas destas fábricas encontram-se desativadas ou já não possuem meios para competir com outras empresas deste ramo por terem se tornado obsoletas.

Este passado de pujança econômica com o café e depois com a indústria (contrastando com a decadência das últimas décadas) não pode ser desassociado das elites políticas que governaram a cidade. No século XIX, a cidade foi em grande medida comandada pelos chamados “barões do café” – momento em que os beneméritos pagavam de seus próprios bolsos muitas das instalações públicas de que o município dispunha, mas por outro lado se beneficiavam de uma série de posições privilegiadas que a ocupação dos cargos públicos lhes outorgava. Muitos destes personagens – viscondes, barões, marqueses – participaram dos núcleos centrais do poder imperial brasileiro.

Foi com recursos destas figuras, por exemplo, que o prédio onde iria funcionar a Câmara de Vereadores foi inaugurado em 1827. Todavia, foi somente no ano de 1829 que ocorreu a primeira eleição para a Câmara Municipal, cujo presidente foi o Comendador José da Silveira Vargas. A presença dos comendadores e beneméritos marca o funcionamento altamente personalizado da política local desde seus primórdios.

Esta lógica de profunda associação entre o privado e o público, cujos limites nunca foram muito nítidos, permaneceu inclusive no período republicano. No lugar dos títulos de nobreza, patentes da Guarda Nacional. A partir de 1922, as funções até então exercidas pelo presidente da Câmara Municipal passaram a ser de competência do prefeito municipal, sendo que o primeiro prefeito que Valença conheceu foi o coronel Carlos Antônio Ferraz. Como ocorreu com tantos outros que o sucederam, foi o poder econômico (elites agrárias num primeiro momento, industriais num segundo) uma marca central dos governantes da cidade.

Tal concentração de poder – político e econômico – permanece vertebrando a política local até hoje. Mesmo num ambiente democrático, as últimas décadas são caracterizadas pelo domínio de grupos políticos que gravitam em torno de poucas lideranças. Nos últimos 40 anos, todos os prefeitos foram ligados a dois grandes grupos.

Talvez por ser um assunto que possa ocasionar prejuízos tanto na vida pessoal quanto na vida profissional de um simples cidadão, devido a possíveis perseguições, há escassa (quase inexistente) documentação que trate da história política de Valença. Porém, se nos basearmos em alguns dados e em alguns depoimentos, podemos traçar um quadro com as características próprias da política desta cidade.

Primeiro, devemos levar em conta o fato de Valença ter sido eminentemente voltada para as atividades agrárias, destacando-se como grande produtora de café em seus áureos

tempos, e hoje, destacando-se pela pecuária leiteira e pela produção de laticínios. Tal fato produziu uma cidade com poderosos “coronéis”, e onde existem algumas poucas, porém influentes, famílias tradicionais que há muito estão presentes no jogo político.

Este é o caso, por exemplo, da família cujo patriarca é Luiz Antônio da Costa Carvalho Corrêa da Silva, que já foi prefeito por duas vezes, sendo que seu filho, André Corrêa, já foi vereador da cidade, já concorreu à Prefeitura de Valença, e, hoje, é deputado estadual. Além disso, é relevante mencionar que o pai de Luiz Antônio, Clóvis Corrêa da Silva, também já participou do quadro político, sendo o prefeito de Valença no ano de 1969.

Outro ponto marcante na política valenciana é a presença de líderes carismáticos, como foi Fernando Pereira Graça, que no espaço de 32 anos (1973-2005) foi vice-prefeito uma vez e prefeito quatro vezes. Fernando Graça (pecuarista), hoje falecido, deixou sua herança política para seus filhos. Fernandinho Graça, eleito como o vereador mais votado nas eleições de 2008, concorreu à Prefeitura Municipal de Valença em 2012 e teve a expressiva votação de 41,8 % da população valenciana²³. Já Soraia Graça, filha de Fernando Graça, venceu as eleições de 2012 para a prefeitura de Rio das Flôres (RJ), município vizinho a Valença.

Podemos concluir então que historicamente a política de Valença pode ser caracterizada como concentrada em poucos grupos (organizados a partir de alguma liderança tradicional); com grande presença de relações patriarcalistas e clientelistas como fundamentos de vitórias eleitorais (sem claras distinções entre os espaços público e privado); e com forte personalização das disputas eleitorais.

Num ambiente assim, a relação entre os políticos e a imprensa desenvolveu-se de forma também clientelista. Quase todos os veículos foram financiados por forças políticas (governo ou oposição), com pouca capacidade de produzir uma leitura crítica da realidade para além dos interesses eleitorais. Majoritariamente, sempre houve forte dependência econômica do governo municipal, criando um panorama de promiscuidade que ainda perdura.

Contudo, não podemos negligenciar o fato de que nossa pesquisa possui a característica de falar sobre um meio de comunicação que carrega uma herança muito peculiar. Apesar de sua tentativa de inovar, no que tange aos moldes da prática jornalística, o *Jornal Local* traz em suas entranhas toda a historicidade própria aos meios de comunicação que ao longo dos últimos dois séculos existiram em Valença. Apesar de estar relacionada ao

²³ O candidato vencedor da eleição para prefeito de Valença, Dr. Álvaro Cabral, teve a porcentagem de 41,17% dos votos. Vale ressaltar que a diferença de votação entre Dr. Álvaro Cabral e Fernandinho Graça foi de somente 28 votos. Informações obtidas no endereço eletrônico <http://www.eleicoes2012.info/candidatos-prefeito-valenca-rj/>.

contexto jornalístico brasileiro, a comunicação em terras valencianas é desenhada por aspectos muito particulares, o que exacerba a relevância em narrar a história comunicacional deste município.

2.3 Raras lembranças

A memória da atividade jornalística em Valença nos é fornecida inicialmente pela “lente” de dois autores da historiografia valenciana e suas respectivas obras. Primeiro, o ex-secretário da Câmara Municipal de Valença e pioneiro no estudo da incipiente história dos primeiros jornais do município, Luiz Damasceno Ferreira, no seu título: “História de Valença” de 1924; e depois, o jornalista em trabalho de historiador, José Leoni Iório, no livro “Valença de Ontem e de Hoje”, publicado no ano de 1952. A existência de quatro acervos, da Biblioteca Nacional; do solar da Fazenda Santo Antônio do Paiol; da Academia Valenciana de Letras; e do funcionário público federal Mário Affonso de Carvalho Carneiro, foi outro ponto determinante para a construção das reminiscências da imprensa no município (BARROS, 2012).²⁴

É preciso ressaltar que até pouco tempo as únicas obras literárias que se referiam à história da imprensa de Valença eram as dos autores Luiz Damasceno Ferreira e de José Leoni Iório. Mesmo assim, estas obras apenas mencionavam os nomes dos jornais e forneciam escassos dados contextualizadores do período histórico em que eles surgiram ou foram extintos. Neste sentido, é crucial por em relevo a recente obra publicada pelo jornalista Gustavo Abruzzini de Barros. Seu livro, “Imprensa valenciana: do provincianismo da era de barões e coronéis, ao engatinhar do profissionalismo do século XXI”, apresenta um panorama geral sobre a imprensa valenciana, desde o aparecimento do primeiro periódico até os nossos dias. Tal resgate da memória dos jornais de Valença será uma das bases de sustentação do parco número de fontes de informações sobre o assunto.

²⁴ Em relação aos meios de comunicação radiofônicos é importante mencionar que a primeira estação de rádio valenciana apareceu em 1948: a ZYM7, a Rádio Clube de Valença, atualmente a Rádio Cultura de Valença (AM). Já na década de 1970 foi inaugurada a Rádio Alternativa Sul, emissora da faixa FM que está no ar até hoje (TJADER, 2003, p.49).

2.4 Um pouco de história

Em 13 de maio de 1808 é criada a Imprensa Régia no Brasil por Dom João VI, mas até esta data era vedada à colônia brasileira a existência de tipografias. Em 10 de setembro deste mesmo ano é impressa a *Gazeta do Rio de Janeiro*, no entanto, o primeiro jornal a circular no Brasil – e impresso na Inglaterra por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça – foi o *Correio Braziliense*, em junho de 1808 (SODRÉ, 1999). Antes desse período temos a seguinte condição no município:

Do Descobrimento do Brasil, em 1500, até os idos de 1789, as terras de Valença, no vale entre os rios Paraíba do Sul e Preto, eram mata fechada, domínio de indígenas – terras proibidas. Até que os Puris, também conhecidos como Coroados, começaram a ser vistos como problema e solução. Problema, pois os indígenas, únicos habitantes daquele sertão, até o momento, começavam a ser incômodo, por suas incursões às fazendas das freguesias da Sacra Família, Conceição do Paty do Alferes e Conceição da Parahyba Velha, levando intranquilidade ao trabalho nas lavouras. E solução porque, até este tempo, o governo português procurava dificultar a abertura de caminhos que pudessem facilitar a evasão da produção do ouro de Minas Gerais (BARROS, 2012, p. 38).

Tal situação leva, em 1829, apenas sete anos após a Independência do Brasil, às “primeiras letras impressas” da cidade de Valença, com o título de *Correspondência*, escrita sob pseudônimo “Um inimigo dos Déspotas” e produzidas na Typographia de Torres no Rio de Janeiro. Cabe aqui uma ressalva. É preciso realçar o fato de que a imprensa valenciana, como é possível notar pela data do mencionado panfleto (1829), foi muito precoce.

O segundo impresso foi igualmente feito pela mesma gráfica e tratava-se de um texto introdutório de um abaixo assinado de fazendeiros e moradores da região destinado ao Imperador. Este documento, cujo título era *Imperial e Constitucional*, contava ao Imperador sobre uma conjuração de escravos descoberta, e tinha como característica grande detalhamento da narrativa.

O terceiro impresso assemelhava-se ao seu antecedente. Era uma carta dirigida ao redator do jornal *Aurora Fluminense* pelo cidadão português Victorino José Gomes Carmilo que se autoprotelamava “O Valenciano Livre”. Estas ações subsidiaram o início da imprensa em Valença que tinha como marca três facções políticas: os restauradores, os liberais moderados e os liberais exaltados. Eram assim constituídas:

Os restauradores, também denominados caramurus, representavam parcela da classe dominante que apoiara o Imperador, quando D. Pedro I inclinou-se para o

absolutismo. Mesmo depois da abdicação, em 7 de abril de 1831, passaram a lutar por sua volta ao trono (...). Por sua vez os liberais moderados, considerados a direita liberal, vinham a ser ou a representar a outra parcela da aristocracia rural. Eram monarquistas, pois viam neste regime proteção dos seus privilégios. Porém desejavam-na constitucional, uma vez que a Constituição de 1824 assegurava a sua continuidade na posição de supremacia. Defendiam a manutenção da ordem em primeiro lugar e não pretendiam nenhuma reforma econômica ou social. (...) Já os liberais exaltados, atuando, às vezes, como esquerda liberal, eram representados não só por parcelas da aristocracia rural, como também por outros segmentos sociais. Em camadas sobrepostas, formavam-se por camada de homens livres, destituídos de propriedades, ou pequenos proprietários (BARROS, 2012, p. 44-45).

Esta configuração política culminou na iniciativa da criação da *Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional da Villa de Valença* como “algo novo, motivador e necessário, para aquela nascente comunidade, que vivenciava o primeiro mandato eletivo, após dois provisórios de sua recém instalada Câmara.” (BARROS, 2012, p. 46). A primeira reunião da Sociedade foi no dia 28 de setembro de 1831, e desde 1832 já havia jornalismo em Valença com o surgimento do jornal *O Valenciano* editado pela Sociedade Defensora da Liberdade e Independência. O primeiro jornal do município de Valença teve a sua primeira edição no dia 26 de maio de 1832, e durou até 20 de setembro de 1833. Seu fim foi relatado da seguinte maneira:

Bem longe estávamos de pensar, que a Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional da Villa de Valença terminasse tão breve sua carreira, mas considerações momentosas fizeram dar este passo aos Sócios reunidos em Sessão no Dia sete de setembro. Se o unânime sentimento foi temporâneo, ou extemporâneo, toca ao tempo decidir. Por ora cada hum ajuizará conforme sentir. Fica-nos a intima convicção, de que como Sócio, como Conselheiro, e como Redactor, desempenhamos nossos deveres, como nos cumpria, e foi compatível com nossas débeis forças. Como Redactor temos a declarar aos Srs. Assignantes, que com este número terminou a assinatura; e a todos os nossos collegas da Corte e Provincias, que nos honrarão com a Permuta de suas Folhas, agradecemos este signal de confraternidade, e cordialmente almejamos que todos vantajosamente progressem em suas tarefas. Valença 18/09/1933. O Redactor – Padre João Joaquim Ferreira D’Aguiar. (BARROS, 2012, p. 53).

Assim, por motivos políticos, teve um final repentino a Sociedade Defensora da Liberdade e Independência, mas os frutos desta pioneira atividade jornalística em Valença foram significativos. O primeiro a suceder *O Valenciano*, ainda que de forma efêmera, foi *A Sentinella Valenciana*. Embora não se saiba de que forma, este jornal conseguiu a aquisição de uma tipografia, obtendo a independência dos impressores da Corte.

Valença consegue outro jornal quase trinta anos depois, com a primeira edição de *O Merrimac*, marco da autonomia gráfica da cidade. O jornal, impresso em tipografia própria, teve seu nome inspirado em um navio construído pelos confederados na guerra civil dos

Estados Unidos da América, e que tinha como objetivo romper o bloqueio imposto pelo norte federalista. Cabe aqui abrir um parêntese para por luzes sobre o fato de que a escolha do nome deste jornal evidencia sua simpatia em relação ao sul dos EUA, região cujo regime de trabalho era escravocrata.

Em 9 de fevereiro de 1864 *O Merrimac* altera seu nome para *O Valenciano* e o nome *O Merrimac* passa a nomear a tipografia. Houve mudança também na linha editorial, pois agora o recente *O Valenciano* “opta por linha mais doutrinária com textos longos e pouco informativos, além de muitas reproduções” (BARROS, 2012, p. 69). Por disputas políticas, sua última edição acontece em 15 de setembro de 1864.

Após alguns anos, surge em 10 de março de 1867, *A Phenix*, voltado aos interesses da lavoura e do comércio como fonte de riquezas do Brasil. Sua última edição acontece em um domingo de carnaval, com o número 51, na data de 23 de fevereiro de 1868.

Em agosto de 1868, tem início mais uma iniciativa de jornal impresso em Valença. Por conta do impressor de *O Merrimac*, de *O Valenciano* e de *A Phenix*, Custódio Antônio da Silva, o município passa a possuir o periódico *O Alagôas*. Cabe mencionar que este impresso em muito se assemelha ao conteúdo e à crítica de seus predecessores. Em 31 de julho de 1870, o jornal chega ao fim.

É lançado no dia 6 de agosto de 1871 o jornal *O Regenerador*, publicado – como seus antecessores – aos domingos. No período de *O Regenerador* “são recorrentes notas informativas acerca de dois portugueses deste período, (...) percebe-se uma forte frieza com que são tratados pela historiografia valenciana. O capitão Joaquim Gomes Pimentel e seu cunhado Manoel Antônio Esteves.” (BARROS, 2012, p. 84). Fica evidenciada a rivalidade entre os “brasileiros e portugueses”. Seu final acontece na edição datada de 22 de setembro de 1872.

Após um período sem a atividade jornalística impressa em Valença, no dia 14 de novembro de 1875, é o começo do novo jornal *Echo-Valenciano*, dirigido por Argemiro Castrioto da Fonseca, em tipografia própria, e dá aviso aos assinantes do projetado jornal *Progresso*, que as assinaturas feitas ao mencionado jornal, passariam para o *Echo-Valenciano*. Em sua terceira edição há a reprodução do que diz dele o jornal da Corte *O Globo*: “(...) O novo lidador propõe-se a defender o direito às liberdades cívicas, à verdade e ao *progresso* [grifo meu] (...)” (BARROS, 2012, p. 88). Vale frisar que, de acordo como que *O Globo* diz sobre o *Echo-Valenciano*, podemos supor que este periódico tem ideias ligadas ao republicanismo. Entretanto, o jornal *Echo-Valenciano* termina de maneira abrupta e precipitada em janeiro de 1876. Surge em 16 de julho de 1876 seu substituto, *O Porvir*, que

dá indícios da possibilidade de término do *Echo-Valenciano* ter acontecido por problemas de saúde do tipógrafo Argemiro Castrioto da Fonseca.

O Porvir caracteriza-se por “ser iniciativa da juventude e que enfrentaria o desinteresse vigente naquela sociedade pelo sucesso dos veículos de imprensa” (BARROS, 2012: p. 90), e se define como um periódico que manteria sua imparcialidade na luta dos partidos políticos e por ter as características de literário, noticioso e recreativo. Finaliza suas atividades de maneira precoce em 24 de dezembro de 1876. Em sua última edição, anuncia o aparecimento de outro jornal, *A Glória*.

Na realidade, *A Glória* iniciou suas atividades dividindo espaço com *O Porvir*, pois o início de suas atividades aconteceu em 14 de dezembro de 1876. Assim, o jornal *A Glória* utiliza a mesma tipografia do seu antecessor e define-se como “Periódico Litterario Commercial e Agrícola” (BARROS, 2012, p. 92). Sua circulação aconteceu até 24 de junho de 1877.

Após um hiato temporal, surge em 25 de julho de 1880 o periódico *O Tempo*, que sai aos domingos com formato pequeno. Em sua edição número 51, datada de 3 de julho de 1881, o periódico informa que “Até ulterior resolução da Assembléia Geral fica suspensa a publicação desta folha.” (BARROS, 2012, p. 98). Quando Valença imaginava estar órfã com relação à existência de jornal, outra Associação lança *O Phonographo*.

O Phonographo é iniciado em 6 de agosto de 1881 pertencendo a uma “Associação Anonyma” (BARROS, 2012, p. 100), trata-se do menor periódico da época, ainda possuindo a característica de dedicar espaço a variedades literárias. Ocorre então o retorno de *O Tempo* em 14 de agosto de 1881, em sua edição 52. O jornal *O Tempo* encerrou a carreira em 23 de outubro de 1882.

Neste momento, vale fazermos uma ressalva. É interessante mencionar que, ao noticiar a volta do jornal *O Tempo*, *O Phonographo* faz aflorar a primeira rixa e a primeira concorrência entre periódicos valencianos:

Quando todos o julgavam inscripto no obituário dos jornais desta cidade, ei-lo que surge, qual Phenix, mais lampeiro e mais gamenho, de vento em popa a enfunar-lhe as largas velas da fúnebre mastreação (...) Allega que dissipou as trevas do obscurantismo desta terra, e mais isto e mais aquilo; e num tom lúgrube e rouquenho, pede que dem abrigo a ele (...) Diz que Valença ‘tem andado muito de maneira a já aceitar a imprensa sem reluctancia’ (BARROS, 2012, p. 88).

Tem-se por algum tempo esta rivalidade, até que se estabelece a trégua entre os jornais. Em 20 de janeiro de 1882, acontece a última edição de *O Phonographo*.

As duas figuras centrais do jornalismo valenciano daquele recorte temporal novamente se encontram: o antigo redator dos jornais *O Merrimac*, do segundo *O Valenciano* e do *A Phenix*, João Rufino Furtado de Mendonça – primeiro juiz de paz, procurador da Câmara Municipal e administrador do Cemitério Público – agora vereador eleito em 1882; e Custódio Antônio da Silva, de volta ao jornalismo, em 1º de janeiro de 1883, como diretor responsável do novo veículo de informação valenciana, a *Gazeta de Valença*. A *Gazeta de Valença* passa a coexistir com outro jornal, *O Conterraneo*, fundado pelo jovem advogado João Baptista em junho de 1885.

O Conterraneo adotava um estilo direto, era considerado um jornal bem escrito, e rivalizava com o *Gazeta de Valença*, fato que marcou este período. Além disso, o fato de *O Conterraneo* ser impresso na tipografia do jornal *O Vassourense*, no município de Vassouras, vizinho de Valença, não foi bem recebido pela *Gazeta de Valença*, gerando embates não apenas verbais, mas também físicos, como a depredação da tipografia da *Gazeta de Valença*.

O resultado desta disputa foi a vida curta de *O Conterraneo*. A *Gazeta de Valença* ainda enfrenta o surgimento de nova fase do jornal *O Valenciano*, todavia este sucumbe no sexto mês de existência. No início de 1889 aparece outro periódico, o *Amigo do Povo*, voltado para a propaganda republicana e impresso na mesma tipografia do *O Vassourense*. Sua existência é curta, e não se tem certeza sobre seu fim, mas acredita-se que “com o advento da Proclamação da República e a consequente colocação dos republicanos em cargos públicos ou o surgimento de novos objetivos de vida, o *Amigo do Povo* deve ter sucumbido a pontual falta de bandeira” (BARROS, 2012, p. 108). A *Gazeta de Valença* interrompe sua circulação por volta de 1888.

Em julho de 1891 inicia a circulação do *A Actualidade*, este segue os passos da *Gazeta de Valença* com o mesmo dono, porém em outro contexto, de pós abolição da escravatura. Mantém a publicação aos domingos, bem como a mesma formatação do jornal anterior. No ano de 1893, precisamente no dia 1º de maio, surge o jornal de único número intitulado *Primeiro de Maio* destinado à comemoração da data pela classe operária e com renda destinada à Santa Casa de Misericórdia de Valença. As atividades do *A Actualidade* terminam em 1901.

Após esta breve contextualização dos primórdios da atividade jornalística em Valença, temos outra etapa mais recente, período da Era Vargas. Dentro de uma conjuntura política favorável, Leoni Iório, com o apoio da Associação Comercial de Valença, publica o livro “Valença de Ontem e de Hoje”. Iório passa a ser proprietário do título *Jornal de Valença*, que em 1953 inicia sua quarta fase, agora como órgão oficial da Associação

Comercial de Valença. Neste mesmo ano *O Valenciano* detém a publicação dos atos da Prefeitura.

Em 1956, o jornalista Octavio Duarte “tentando obter maior qualidade de vida e por aconselhamento médico, busca nos ares de Valença seu objetivo. Experiente empreendedor da área jornalística lança o jornal *Panorama Fluminense*, o primeiro a se propor a ampliar o foco de seu noticiário” (BARROS, 2012, p. 177). Entre os colaboradores encontra-se Leoni Iório. Na data de 1º de setembro de 1956 temos o surgimento do jornal *O Argos*. Seu nome era referência à personagem mitológica que simbolizava a vigilância. Com a efervescência política tem-se a criação no mesmo ano do periódico *A Verdade*, tido como “Órgão Independente” e de propriedade do diretor de *O Valenciano*, David da Silva Santos. Na época, supôs-se que seu surgimento fazia parte de uma estratégia política ou comercial maior. Nesta ocasião, o *Jornal de Valença* se torna específico em temas ligados ao empresariado, estando restrito a poucos leitores. Em 15 de agosto de 1959 ocorre a fundação da Associação Valenciana de Imprensa (BARROS, 2012, p. 181).

A cena jornalística do município em 1959 ainda possuía mais um ator, que atendia pelo nome de *O Município de Valença*. Podemos dizer que o ano de 1959 foi profícuo em lançamentos de jornais, pois no mês de setembro ainda temos o nascimento do jornal *Roteiro*, que se compromete a ser “Informativo, Esportivo, Social e Político” (BARROS, 2012, p. 182), é gratuito e tem o slogan “Conta tudo e nada cobra” (BARROS, 2012, p. 182). Este impresso chega a atingir a marca de 4 mil distribuições em seu segundo número.

É interessante citar o fato de o *Jornal de Valença* destinar sua última página a crônica esportiva, criando a Taça Eficiência para promover o futebol valenciano. Na edição de junho “o periódico ganha em conteúdo com a abordagem de temas e entrevistas” (BARROS, 2012, p. 186). Neste período, em tempos de alta inflação – setembro de 1963 – *O Valenciano* custa Cr\$10 e em julho de 1964 seu preço atinge Cr\$30. São tempos difíceis, de alternância entre redatores, diretores e colaboradores entre os vários jornais do município. Afinal, esta fase da história brasileira distinguiu-se pela efervescência política, social e econômica:

O governo do país está sob regime militar, instituído em março de 1964. A sociedade esperava e acreditou que haveria um retorno gradual à normalidade democrática, mas logo se surpreendeu com o recrudescimento do poder militar instalado com o apoio de setores empresariais e da direita. (...) A ditadura militar, no dia 22 de novembro de 1968, cria o Conselho Superior de Censura, cuja função é centralizar e coordenar as ações dos escritórios de censura espalhados pelo país. Também são criados tribunais de censura, com a finalidade de julgar rapidamente órgãos de comunicação que porventura burlassem a ordem estabelecida, com seu fechamento imediato em caso de necessidade institucional (BARROS, 2012, p. 188-189).

Apesar desta conjuntura, aparece em 17 de fevereiro de 1971 o jornal *O Gigante da Serra* intitulado como “Órgão das Aspirações do Progresso” (BARROS, 2012, p. 189). Embora no início de suas atividades sua periodicidade fosse irregular, o periódico ousou logo no primeiro número, onde na primeira página “Quem não está comigo está contra mim!” prometia denúncias com o texto:

Uma a uma, conseguimos apurar as irregularidades que existem em Valença e que você não terá coragem de desmentir. Corajosamente publicaremos em série todas as causas que vêm prejudicando nosso município, quer administrativo, industrial, comercial e mesmo educacional. Se você tem alguma coisa a reclamar e que seja de utilidade pública, escreva para a Caixa Postal 133 que o seu jornalista, atenderá, reportando ‘tintim por tintim’ (BARROS, 2012, p. 189).

Na edição de número 1748, de 4 de novembro de 1971, *O Valenciano* comemora 60 anos de publicação. Mais uma vez vale por em relevo a precocidade da imprensa valenciana, além da longa duração de alguns de seus jornais. Afinal, para os padrões brasileiros, um impresso que consegue chegar à marca de 60 anos de existência, isso ainda em 1971, realmente merece ser lembrado.

Já em 1974, o jornal *Panorama Fluminense* inicia nova fase, mas mantém seu forte conteúdo institucional. Em 1975, surge o jornal *Gazeta da Cidade* composto e impresso pela Editora de Valença com proposta de sair às quintas-feiras. Nestes tempos, a paisagem política que se desenha no município é de um início de “contágio” entre a imprensa e o poder público:

Quando se preparam para nova eleição municipal, em 1976, são candidatos a vereador pela Arena os dois representantes de jornais: Carlos Roberto Santos (*O Valenciano*) e Pedro Leolino (*O Gigante da Serra*). A Arena lança, para prefeito, o então vice, Fernando Graça tendo como candidato a seu vice o ex-vereador e editor de *A Voz de Conservatória*, José Garboggini Quaglia (BARROS, 2012, p. 191).

Surge o *Jornal do Sul* em 1977 pertencendo ao Jornal do Sul Editora e Empresa Jornalística Ltda. Em 15 de fevereiro de 1979 é fundado o jornal *A Voz de Valença*. Na esteira do (re)surgimento de outros jornais no município, chega no dia 8 de maio de 1982 a segunda fase do *Gazeta da Cidade*. Entretanto, seu término ocorre no final de 1983, assim como o *Tribuna da Serra*, surgido no início dos anos 80 sob a direção de Pedro Leolino, marcando “o auge do uso da fragilizada imprensa, pela política e seus interesses.” (BARROS, 2012, p. 192).

A partir da década de 1980 tem-se publicações mais significativas, pois:

Este período de cerca de trinta anos, é marcado pela volta do país à normalidade democrática. A campanha das Diretas Já. A eleição de Tancredo Neves, em 1985. Os planos econômicos que tentavam domar a inflação. O impeachment de Collor de Melo. A estabilidade econômica do governo Fernando Henrique, marcado pelas privatizações. E a chegada ao poder do Partido dos Trabalhadores. Em Valença, a política passou pelas mãos, em sequência, de José Graciosa (1983-1988), Fernando Graça (1989-1992), Álvaro Cabral (1993-1996), Fernando Graça (1997-2000), Luiz Antônio Corrêa (2001-2004), Fernando Graça (2005), Antônio Fábio Vieira (2006-2008) e Vicente Guedes (2009-2012) (...) (BARROS, 2012, p. 237).

Ainda no início de 1982 é lançado a *Gazeta Regional*, cuja vida não passa da segunda edição. Ocorre também o nascimento de outro título, o jornal *Debate*, impresso na Esdeva (Empresa Gráfica de Juiz de Fora - Minas Gerais). O *Jornal de Valença* inicia sua quinta fase por volta de 1988 como órgão interno da Associação Comercial de Valença voltado aos seus associados.

Em 1988, o jornal *Tribuna da Serra* em sua edição de 30 de março anuncia a ousadia de Pedro Leolino:

Mantendo seus bons relacionamentos em Juiz de Fora, assina com o Sistema Solar de Comunicação contrato de integração que o faz agregar a seu jornal quatro páginas semanais do jornal *Tribuna de Minas*. Nesta edição, Pedro Leolino informa a ampliação da circulação que passaria a atingir municípios do sul de Minas Gerais (Santa Rita do Jacutinga, Rio Preto e Belmiro Braga), tornando a *Tribuna da Serra* jornal regional (BARROS, 2012, p. 192).

Já em abril de 1991 é lançado o jornal *Valença 100%*, por iniciativa de Marco Abdala. (BARROS, 2012, p. 193). O jornal, composto e impresso na Editora Valença, tinha distribuição gratuita. A *Voz de Valença* utiliza os avanços tecnológicos em 1995 que culminam com a edição 851 de 2 de setembro, diagramada em computador e impressa em *offset*²⁵.

É neste mesmo período que surge o *Valença Hoje*, jornal sem identificação ou expediente, porém claramente ligado ao governo municipal – rompido com praticamente todos os jornais – seu aparecimento acontece em outubro de 1995. Ainda neste ano nasce o jornal *Correio do Vale* no dia 22 de dezembro. Em 4 de maio de 1996, entra no cenário jornalístico *A Gazeta Valenciana*, tabloide semanal que se propõe a oferecer padrão de comunicação mais atualizado e profissional.

²⁵ De acordo com o “Dicionário de Jornalismo Juarez Bahia: século XX” *offset* é “(...) sistema de tecnologia avançada de impressão, de usos generalizados em jornais, revistas, editoras (de livros e impressos de obra). Em relação aos outros sistemas, a *offset* é considerada vantajosa por ser econômica, de qualidade, precisa no registro de cores, e veloz, própria para grandes tiragens (...)” (BAHIA, 2010, p.264).

O Valenciano chega ao seu último exemplar na edição 2164 do dia 26 de fevereiro de 2000. Nesta época surgem o jornal *Esfera*, de classificados, e *Olho Vivo*, de crítica política. Em 2003, aparecem o jornal *O Fato* e o *Jornal do Vale*, que nesta primeira fase vai até 2006. É também nesta fase da imprensa valenciana que nasce o jornal que vem a ser objeto deste trabalho, o *Jornal Local*.

Sobre este tabloide semanal, que em seu início apresentava 12 páginas - sendo duas coloridas - e tiragem de 1.000 exemplares, teremos uma análise mais detalhada posteriormente. Apenas é relevante ressaltar que, após somente cinco anos de sua fundação, o *Jornal Local* já oferecia de 20 a 24 páginas - com quatro coloridas - e tiragem de 2.500 exemplares semanais, o que representa um aumento considerável.

Vale ainda realçar o fato de que no começo de sua trajetória o *Jornal Local* gerou a desconfiança de que estaria a serviço da política, fato corriqueiro no município. Porém, sua confiabilidade foi posta à prova nas eleições de 2008. Neste momento seus leitores puderam comprovar, pelo teor de seu conteúdo, que este jornal nem apoiava e nem havia sido lançado para destacar nenhum político, o que ocasionou aceitação maior por parte da população valenciana.

No que tange à publicação de revistas, podemos dizer que o número de periódicos deste tipo lançados ao longo da história da atividade jornalística na cidade foi pequeno. Deste grupo de impressos destacamos: *Verdade*, *A Luneta*, *Gurya*, *A Flammula*, *Voga*, *Chafariz*, *Valença – Opção de investimento* e *Para Todos*. Totalizando oito tipos diferentes. A revista *Verdade* foi a precursora das publicações, com lançamento em outubro de 1910.

Desta maneira, chegamos ao último período da historiografia da imprensa valenciana, marcado pela existência de variada gama de jornais.

2.5 Os impressos da atualidade

No que diz respeito aos periódicos mais recentes, cumpre alertar que selecionamos, para expor à parte, os títulos mais significativos no contexto contemporâneo de Valença. Neste sentido, destacamos trechos de depoimentos feitos pelos próprios responsáveis por alguns destes jornais (BARROS, 2012). O primeiro veículo elencado foi *Voz de Valença*, que surgiu no início da década de 1980, de Luiz Carlos Pançardes, que comenta:

Comecei há 32 anos.(...) Gosto muito de Valença, mas muitas coisas que gostamos de fazer para ajudar não podemos. Parei um tempo por não ter um agradecimento mínimo. Distribuía tudo de cortesia, anunciava tudo de cortesia.(...) Nunca tive embates políticos, porque uma entidade precisa da outra. O acervo está disponível para pesquisa na rua Vicente Batista Cardoso, número 77, arquivado em aproximadamente vinte livros, volumes encadernados.(...) Minha meta, está quase sendo alcançada: chegar ao número 2.000 (BARROS, 2012, p. 239).

Outro jornal bem conhecido pelo povo é o *Porta Voz*, de Eli Magalhães Toledo. O *Porta Voz* começa a circular em 1984. Eli conta que escreve em jornais desde 1970, e foi nesta época, no auge da ditadura, quando a diretora do impresso onde trabalhava teve que se esconder, que ele se viu obrigado a voltar para Valença. Trabalhou durante um tempo em um impresso valenciano, e somente depois fundou o *Porta Voz*:

(...) Atuamos de 1984 até hoje – quase trinta anos. (...) No momento estamos fazendo novo projeto gráfico. Estamos na edição 676. Já foi mensal, quinzenal, semanal, bissemanal, semanal... agora a tentativa é de ser semanal. Até o *Gazeta (Valenciana)* todos eram distribuídos de graça, até que o *Local* se firmou (BARROS, 2012, p. 240).

Eli Magalhães ainda relata um episódio que evidencia de maneira contundente a ambiência valenciana no que respeita as dificuldades enfrentadas por aqueles que procuram praticar um jornalismo livre:

(...) O *Porta Voz* começou a dar passagem a outras notícias diferentes daquelas veiculadas na época. Tive ameaças do bispo e do juiz. A Mitra Diocesana resolveu vender um terreno à FAA. Estes terrenos estavam destinados à expansão educacional. Houve embate Mitra versus Fundação, e entramos no meio. Fui ameaçado pelo bispo na época devido a um abaixo-assinado que iríamos publicar. O juiz quis fechar o jornal, mas estava tudo bem com nossos registros (...) (BARROS, 2012, p. 240).

Seguindo esta linha de raciocínio, é interessante mencionar o testemunho do jornalista Paulo Roberto Figueira, responsável pelo *O Independente*, jornal mensal que circulou de janeiro a dezembro de 1993:

(...) A principal motivação foi a percepção de que havia necessidade de um veículo com abordagem mais aprofundada, com reportagens maiores, sobre as grandes questões da cidade. Naquele momento, muitos periódicos tinham associação explícita ou implícita com as principais forças políticas da cidade, de modo que o título revelava nossa pretensão de fazermos bom jornalismo, sem dependência econômica ou política. (...) Pontuamos, o tempo todo, nossa diferença em relação ao jornalismo que então se fazia na cidade (BARROS, 2012, p. 242).

Existiu ainda o periódico *Gazeta Valenciana*, de Helid Raphael de Carvalho, que associa o começo da atividade de seu veículo de comunicação à necessidade de Valença possuir um jornal:

(...) Sem imprensa não existe democracia e em Valença não existia nenhum jornal. Sempre achei que a cidade merecia ter um jornal. Por isso optei por um título tradicional, como a sugerir que a publicação fosse uma tradição na vida da cidade. (...) Quanto à concorrência, não se pode chamar panfletos, algumas vezes até apócrifos, ou boletins, de tiragem direcionada, etc. de concorrentes. Respondemos a diversos processos e tivemos uma pesada condenação da Justiça Eleitoral, que considerou que uma nota publicada em coluna e devidamente explicada seria divulgação ilegal de pesquisa (BARROS, 2012, p. 243).

Sobre o *Valença em Questão*, de Vitor Castro, podemos dizer que este periódico desempenha um papel importante no contexto da atual imprensa valenciana, por ser um meio de comunicação autônomo. Vitor relata que:

O jornal teve sua primeira edição impressa em abril de 2005, (...) foi distribuído na rua dos Mineiros por mim e alguns amigos que ‘compraram’ a ideia, também, desde o início da publicação. A motivação inicial era de âmbito pessoal. Estava me formando em jornalismo pela UERJ, no final de 2005, e surgiu a ideia de fazer um projeto de monografia que aliasse os conhecimentos apreendidos na universidade com a prática (...) A ideia era de que a publicação fosse questionadora, que colocasse os temas de interesse de Valença em questão. (...) O jornal impresso durou de abril de 2005, a setembro de 2009, totalizando 39 edições. Depois disso, e até hoje, mantemos um blog (...) (BARROS, 2012, p. 244-245).

Por fim, voltamos ao periódico eleito objeto deste trabalho, o *Jornal Local*, de Gustavo Abruzzini de Barros. O *Jornal Local* começou a circular na primeira semana de novembro de 2006. Sua equipe era formada pelos jornalistas Gustavo Abruzzini de Barros e Paulo Henrique Nobre, a publicitária Camila Araújo Alves, responsável pelo design gráfico do jornal, e Ricardo Reis, fotógrafo autônomo. A parte de impressão e de distribuição sempre foram terceirizadas.²⁶

Seu planejamento começou a ser feito a partir da experiência de seu idealizador, Gustavo Abruzzini de Barros, como assessor de comunicação da Prefeitura Municipal de Valença. Neste período (2001 a 2004), Barros observou as experiências jornalísticas existentes na cidade, seus vícios, suas falhas e seus paradigmas. Ele ainda relata que, após

²⁶A distribuição nas bancas de jornais é feita pela Revistaria valenciana Vamos Ler, e a entrega dos exemplares aos assinantes é de responsabilidade de Kadu Distribuidora. Já a impressão do *Jornal Local* é feita, desde a fundação do impresso, pela Gráfica PC Duboc, também uma empresa valenciana (Informações fornecidas por e-mail pelo Editor do *Jornal Local*, Gustavo Abruzzini, em setembro de 2011).

deixar a Prefeitura, continuou a prestar serviços na área da comunicação e seu plano de fundar um jornal seguiu em frente.

Há ainda outro fator que contribuiu, como laboratório, para que Barros decidisse produzir um impresso. Durante dez anos o jornalista esteve à frente da elaboração de todas as etapas do jornal empresarial *O Marquês*, da Unimed Marquês de Valença.

(...) Essencialmente, queria fundar um jornal que fosse ao encontro das necessidades prementes da população de ser, minimamente, informada; do mercado de ter uma opção de comunicação impressa de peso e das instituições de aproximarem-se das pessoas. Com o fim da *Gazeta Valenciana*, muitos eram os apelos para que lançasse um jornal para Valença. Dos modelos anteriores, sabia que o atrelamento político e o ‘jornal do eu sozinho’ estavam esgotados (BARROS, 2012, p. 246).

Em relação à escolha do nome para o periódico, Barros esclarece que a ideia foi sendo amadurecida aos poucos. Segundo ele, a intenção era que aquele novo veículo comunicacional prolongasse sua prestação de serviços às localidades mais próximas que vivem majoritariamente em função de Valença: “(...) Sabedor das rivalidades e rancores, por um bairrismo arraigado e sempre latente, precisava de um título que fosse de onde o jornal estivesse disponível. Assim, lembrei-me que sempre que visitava municípios vizinhos, ao chegar a uma banca perguntava: - Tem jornal local? (...)” (BARROS, 2012, p. 246).

A tiragem inicial do *Jornal Local* era de mil exemplares. O primeiro número foi distribuído gratuitamente, como cortesia de lançamento. O exemplar número dois tinha os mesmos mil de tiragem, e foi encaminhado para ser comercializado nas bancas. Porém, a segunda edição só vendeu cem exemplares.

Um questionamento que então nos vem à mente diante da grande diferença entre o número de exemplares do *Jornal Local* distribuídos na primeira semana e o número de jornais vendidos na segunda semana é: qual seria o motivo que teria causado tamanha discrepância?

A resposta para a questão está na concepção do público valenciano no que tange à ideia do que seria imprensa e de qual seria o seu papel social. Como já foi evidenciado neste trabalho, historicamente, a imprensa valenciana sempre estabeleceu uma relação clientelista com o poder público, e para atingir seu objetivo de disseminar ideias de seu interesse entre a população geralmente utilizava-se do artifício de distribuir gratuitamente seus exemplares. Vale lembrar que estes jornais valencianos se mantinham apenas com o apoio publicitário do poder público e/ou de algum político. O que ocorreu foi que os leitores valencianos se acostumaram a não ter que pagar para ter acesso a informações, desenvolvendo o pensamento de que a atividade jornalística pode ser facilmente exercida, sem necessidade de que quem se

dedique a ela tenha um *know how* sobre o assunto. Estes leitores então, ao se depararem com um jornal que possuía uma prática diferente, o rejeitaram²⁷.

Nesse sentido, a autora Marialva Barbosa diz:

Somente uma mentalidade abstrata pode atribuir valor efetivo a algo imaterial como ideias que circulam sob a forma de jornais. Não bastam, portanto, condições econômicas e políticas concretas. Para existir a imprensa e se atribuir a ela o valor de transmissora de opinião e informação, é preciso que se desenvolva essa mentalidade abstrata (...) (BARBOSA, 2010, p.21).

Mas, passadas as dificuldades iniciais, o *Jornal Local* foi aos poucos ganhando a confiança do público leitor. Atualmente, sua tiragem flutua entre dois mil e dois mil e quinhentos jornais, podendo este número alcançar o patamar de três mil, de acordo com as manchetes da primeira página.

Retomando a questão da equipe do jornal, merece destaque entre seus executores o conhecido flamenguista Joel Pereira, cronista esportivo que faz questão de deixar claro o time pelo qual torce. Joel, responsável pela cobertura da Editoria de Esportes, também é lembrado por Gustavo como uma figura “de atitude animada, positiva e determinada, um dos maiores responsáveis pelo surgimento do **Jornal Local**” [grifado no original] (BARROS, 2012, p. 246).

Em relação aos colaboradores, o impresso conta com um extenso e variável grupo, ao qual daremos mais detalhes no próximo capítulo de nosso trabalho. A área comercial é gerida por Sônia Regina Henrique de Carvalho, com o auxílio de Jorge Gomes. Na parte administrativa, há o apoio de Ernesto Nackly de Barros (BARROS, 2012, p. 246).

Desde a fundação do veículo, estagiários compõem a redação do *Jornal Local*. Por esta função, já passaram Roberta Caulo, Marcela Giesta, Grazielle Tavares, Natália Braga, Bruna Miranda, Leonardo Alves e Diego Lobão (BARROS, 2012, p. 246-7).

Na história do jornal, houve um episódio marcante. Nas eleições municipais de 2008, os dois principais candidatos à Prefeitura estavam descontentes com o jornal e se recusaram a conceder entrevista para o veículo. Na verdade, ambos acreditavam que o jornal estava a favor da linha política rival. Foi, principalmente, a partir deste acontecimento, que o público leitor passou a dar maior credibilidade para o *Jornal Local*. Entretanto, até hoje o impresso enfrenta muita desconfiança por parte dos políticos e ainda há muitos valencianos desconfiados das intenções do jornal. Quanto a esta questão, o editor do *Jornal Local* ressalta

²⁷ Atualmente o *Jornal Local* é vendido por R\$ 1,45 reais.

que “(...) a possível ineficiência de nossa parte logo é vista como opção por alguém. A patrulha sobre nós é do tamanho do relativo sucesso que obtivemos até aqui”. (BARROS, 2012, p. 247).

Desta maneira, com o histórico do último jornal surgido em Valença concluímos a configuração da linha do tempo da atividade jornalística neste município, da sua origem até a sua mais recente iniciativa de empreendedorismo: o *Jornal Local*, nossa fonte de análise.

Capítulo 3 – De que identidade(s) estamos falando?

Nesta etapa de desenvolvimento de nosso estudo elucidaremos a metodologia escolhida para a análise do *Jornal Local*. Será nosso objetivo também descrever o periódico em foco, para caracterizá-lo o máximo possível. Afinal, por se tratar de um impresso do interior, o *Jornal Local* só é conhecido pelas pessoas da região à qual ele se destina. Por fim, apresentaremos os dados relativos ao exame do *corpus* em questão.

3.1 A Análise de Conteúdo e sua trajetória

Convém deixar clara a metodologia adotada em nossa pesquisa, que se concentrará na investigação da(s) identidade(s) valenciana(s) que emerge(m) na narrativa do *Jornal Local (JL)*. O que pretendemos realizar é uma apuração das ideias-chaves, presentes no discurso do *JL*, sobre o que é ser valenciano. É claro que algumas vezes citaremos as palavras usadas como vestígios que nos encaminhem para possíveis respostas, mas não estacionaremos neste ponto. Melhor dizendo, estas palavras serão algumas vezes apenas a linha de largada da nossa pesquisa. Portanto, tendo em vista usar a metodologia mais apropriada para nosso estudo, optamos pela Análise de Conteúdo (AC).

Este método de pesquisa, usado pelas ciências humanas e sociais, destina-se à investigação de fenômenos simbólicos através de diferentes técnicas. A primeira utilização desse conjunto de ferramentas metodológicas data do século XVIII, “quando a corte suíça analisou minuciosamente uma coleção de 90 hinos religiosos anônimos, denominados *Os cantos de Sião*, para saber se eles continham ideias perniciosas, sem que nenhuma prova de heresia fosse encontrada” (Destacado no original) (KRIPPENDORFF *apud* FONSECA JÚNIOR *in* BARROS; DUARTE, 2010, p. 280).

Todavia, a utilização regular da AC só aconteceu no início do século XX, como, por exemplo, quando nas ciências políticas, proporcionou a descoberta de armas secretas alemãs pelos britânicos, a partir da exploração da propaganda nazista, ou quando, nas críticas literárias, permitiu destacar os traços peculiares ao estilo de um determinado autor. É interessante lembrar também que a AC já teve seu status de método científico questionado, como aconteceu na década de 1970 entre pesquisadores marxistas. Estes cientistas alegavam que a AC não seria eficiente para uma leitura crítico-ideológica dos meios de comunicação de

massa. No entanto, essa visão foi contestada por outros autores marxistas, depois de um tempo, que afirmaram que o trabalho crítico não é definido pelas técnicas de pesquisa que utiliza (FONSECA JÚNIOR *in* BARROS; DUARTE, 2010, p. 280-1).

Já nos anos de 1990, com as crescentes possibilidades de acesso a arquivos de jornais, programas de rádio e televisão permitidas pela internet, houve um retorno ao interesse pelas técnicas de AC. O autor Fonseca Júnior põe em relevo que no decorrer de um século, o desenvolvimento e a aplicação da AC “conquistaram adeptos fervorosos, usuários cautelosos, e críticos reticentes” (FONSECA JÚNIOR *in* BARROS; DUARTE, 2010, p. 281). A aceitação ou a rejeição à esta metodologia se deu por conta de uma série de mudanças históricas sofridas pela AC, dentre as quais destacaremos as mais expressivas.

Os primeiros trabalhos em Análise de Conteúdo estavam intimamente ligados ao desenvolvimento do jornalismo sensacionalista (*muckraking journalism*) nos EUA nas últimas décadas do século XIX. Neste momento, as primeiras escolas de jornalismo deste país começaram a utilizar a análise quantitativa de periódicos como norma para o alcance da objetividade científica. “Desencadeia-se um fascínio pela contagem e pela medida (superfície dos artigos, tamanho dos títulos, localização na página)” (BARDIN, 2011, p.21).

A partir desta primeira utilização da AC, diversas outras disciplinas (psicologia, história, sociologia, entre outras), passaram a lançar mão desta técnica de pesquisa. Na comunicação, até metade do século XX, as preocupações dos estudiosos estavam ligadas ao problema da opinião pública e à propaganda política. Todavia, a Análise de Conteúdo deslanchou mesmo como técnica investigativa durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse período, 25% das pesquisas com esse método eram usadas pelo serviço do governo americano, tanto para descobrir periódicos e agências de notícias suspeitas de propagandas subversivas, quanto para o monitoramento das transmissões de rádio entre nazistas e seus aliados (FONSECA JÚNIOR *in* BARROS; DUARTE, 2010, p. 283).

Segundo Fonseca Júnior (2010), após a guerra, a AC passou por uma grave crise epistemológica. Entretanto, já tinha alcançado, até aquele momento, inúmeros avanços, se comparada à análise quantitativa de jornais, como: a incorporação de ricos marcos teóricos com a adesão de diversos cientistas sociais de prestígio, a definição de conceitos mais específicos (estereótipo, atitude, estilo, símbolo, entre outros), o uso de ferramentas estatísticas mais precisas, e a incorporação de dados oriundos da Análise de Conteúdo em trabalhos de maior envergadura.

Vale ressaltar que, na América Latina, a difusão deste método de pesquisa deveu-se ao Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina

(Ciespal)²⁸, através da introdução de estudos de jornalismo comparado iniciados por Jacques Kayser. No Brasil, entre os primeiros a adotar a proposta do Ciespal está Luiz Beltrão, quando criou, em 1961, o Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e, dois anos após, o Instituto de Ciências da Informação (Icinform), ligado à mesma instituição (MARQUES DE MELO *apud* FONSECA JÚNIOR *in* BARROS; DUARTE, 2010, p. 284-285).

É relevante destacar também quais são as principais características da AC: a sistematicidade e a confiabilidade. Fonseca júnior, citando Lozano, diz que, a análise de conteúdo é sistemática porque tem como base um conjunto de procedimentos aplicáveis da mesma maneira a todo conteúdo examinável. É também credível por permitir que pessoas distintas, aplicando separadamente categorias idênticas à mesma amostra de mensagens, cheguem às mesmas conclusões (FONSECA JÚNIOR *in* BARROS; DUARTE, 2010: p. 286).

Enfim, cabe esclarecer que o método que utilizaremos se baseará principalmente no que a autora francesa Laurence Bardin apresenta em relação a este tema, em sua obra “Análise de Conteúdo”, considerada um clássico sobre a metodologia em questão. Segundo esta autora, o método de análise de discurso pode ser estruturado em cinco etapas: organização da análise, codificação, categorização, inferência e tratamento informático (BARDIN, 2011).

Em relação à primeira etapa, organização da análise, é importante elucidar que ela ocorre em três momentos: na pré-análise, quando há o planejamento do trabalho a ser realizado, através da sistematização das ideias iniciais e do desenvolvimento de operações sucessivas; exploração do material, que refere-se à análise propriamente dita, envolvendo processos de codificação de acordo com regras previamente formuladas; e tratamento dos resultados obtidos e interpretação, quando os resultados brutos são tratados de forma a serem significativos e válidos (BARDIN, 2011).

É interessante chamar a atenção para o fato de que, na nossa pesquisa, consideramos que a organização da análise se deu durante todo o desenvolvimento do pré-projeto, assim como nas descobertas iniciais realizadas nos primeiros contatos com nosso objeto de estudo e com os temas afins a nosso campo de estudo.

²⁸ O Ciespal foi fundado pela Unesco em 1958, no contexto da Guerra Fria. Este centro de estudos estimulou o ensino técnico-profissional em oposição à formação clássica-humanista que dominava o ensino de jornalismo. “Reflexo de uma política de contra insurgência à ameaça comunista no continente, a atuação do Ciespal representou a modernização dos sistemas educacionais latino-americanos pela valorização do funcionalismo norte-americano” (MEDITSCH *apud* JÚNIOR, 2010, p. 284).

Já o trabalho de codificação, cuja “principal função é servir de elo entre o material escolhido para a análise e a teoria do pesquisador” (FONSECA JÚNIOR *in* BARROS; DUARTE, 2010, p.294), foi evidenciado no primeiro capítulo, quando falamos das ideias-força, no que tange à identidade valenciana, encontradas na bibliografia tradicional sobre a história de Valença.

A categorização, que nada mais é do que o “trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registro em número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade” (FONSECA JÚNIOR *in* BARROS; DUARTE, 2010, p.298), pode ser de diversos tipos. Fonseca Júnior, citando Bardin, esclarece que os critérios de categorização podem ser: semântico (categorias temáticas), sintático (verbos, adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo seu sentido) e expressivo (categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem, por exemplo). Ainda em relação à análise categorial, cumpre ressaltar que, cronologicamente, esta é a técnica mais antiga, sendo também a mais usada. Trabalha com a decomposição do texto em unidades, em categorias, segundo agrupamentos analógicos (FONSECA JÚNIOR *in* BARROS; DUARTE, 2010, p.301).

Em nosso caso, o critério de categorização é semântico, visto que levantamos quatro temas, que chamamos de ideias-força, caracterizadores de uma certa identidade valenciana, identidade esta tida como a tradicional, na bibliografia cânone de Valença. A partir dessas quatro ideias-chave, chegamos a nossas categorias de pesquisa, que são *história da cidade*, *personalidades do município* e *especificidades de Valença*.

A respeito da última fase da Análise de Conteúdo, o tratamento informático, cumpre elucidar nosso entendimento sobre ela. Acreditamos ser esta etapa a análise em si do material selecionado, ou melhor, entendemos ser esta a parte mais importante da pesquisa, onde faremos o trabalho qualitativo responsável por corroborar ou refutar nossa hipótese inicial. Sendo assim, o tratamento informático será realizado em um tópico à parte.

Outro ponto merecedor de nossa atenção, no que tange à metodologia de nossa pesquisa, é seu forte viés historiográfico. Afinal, além de recuperarmos alguns fatos históricos de nosso país onde a imprensa teve papel decisivo – ditadura militar (1964-1985), movimento das “Diretas Já!”, entre outros –, também utilizamos como ferramenta para explicar a, digamos, “tradição jornalística valenciana” a trajetória de seus veículos de comunicação, desde seu primeiro jornal até os dias de hoje.

É interessante citar também o pensamento da autora Heloísa Golbspan Herscovitz, que no texto “Análise de Conteúdo em jornalismo”²⁹ faz algumas considerações pertinentes para nosso trabalho. A autora começa sua exposição fazendo interessante comentário:

Se uma parte da humanidade desaparecesse amanhã, mas restassem livros, jornais, revistas, vídeos, filmes, CDs e DVDs, (...) teríamos o material necessário para interpretar a vida social de uma época. A análise de conteúdo da mídia seria um dos métodos mais eficientes para rastrear esta civilização por sua excelente capacidade de fazer inferências sobre aquilo que ficou impresso ou gravado (HERSCOVITZ in BENETTI; LAGO, 2008, p. 123).

Herscovitz atenta para o fato de que, ao analisarmos a frequência com que acontecimentos, pessoas e locais aparecem nos veículos de comunicação, podemos comparar esse conteúdo publicado com dados de referência, que é exatamente o que pretendemos realizar em nosso trabalho, sendo os dados referenciais aqueles levantados na bibliografia cânone sobre a história de Valença, tema já tratado no primeiro capítulo de nossa dissertação.

Seguindo sua linha de raciocínio, a autora revela que a AC nos ajuda inclusive, entre outras coisas, a estabelecer parâmetros culturais implícitos nas mensagens examinadas, o que de certa maneira justifica a utilização deste método de pesquisa em nosso trabalho. E, citando Harold Lasswell, um dos fundadores dos estudos de comunicação nos Estados Unidos, diz que a AC, segundo ele, “descrevia com objetividade e precisão o que era dito sobre um determinado tema, num determinado lugar, num determinado espaço” (HERSCOVITZ in BENETTI; LAGO, 2008, p. 124).

Ainda fazendo menção a Lasswell, Herscovitz diz que este, ao formular as questões centrais ao estudo da comunicação, focalizadas num primeiro momento na propaganda, acabou por definir o modelo operacional da Análise de Conteúdo. Tal modelo, quando aplicado à área do jornalismo, se converte na forma “o que diz a mídia, para quem, em que medida, com que efeito”. “Obviamente os trabalhos de pesquisa podem isolar um ou mais aspectos do modelo (...) e podem propor inúmeras variações para testar as diferentes teorias que orientam a compreensão do que é jornalismo” (HERSCOVITZ in BENETTI; LAGO, 2008, p. 127). Ainda de acordo com a autora:

A análise de conteúdo pode ser empregada em estudos exploratórios, descritivos ou explanatórios. Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como

²⁹ BENETTI, Márcia; LAGO, Cláudia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinados (HERSCOVITZ *in* BENETTI; LAGO, 2008, p. 127).

Vale salientar que defendemos a ideia, exposta por Herscovitz, de que a Análise de Conteúdo é um método eficiente e replicável, que serve para avaliar grande volume de informação manifesta de diferentes maneiras – palavras, frases, parágrafos, imagens ou sons – e que pode ser reduzido a categorias baseadas em regras explícitas, anteriormente definidas com a finalidade de realizar inferências lógicas sobre mensagens (KRIPPENDORFF(2004); WEBER(1990) *apud* HERSCOVITZ *in* BENETTI; LAGO, 2008, p. 125).

Em relação às acusações dos pesquisadores qualitativos de que a AC é superficial por desconsiderar o conteúdo latente e o contexto dos objetos analisados, por dar margem a simplificações e distorções quantitativas, além de também ser apontada por pesquisadores quantitativos de não ser suficientemente rigorosa na definição de categorias e de não ser plenamente replicável, Herscovitz apresenta o argumento de Peter Berger e Thomas Luckmann, que colocam em relevo o fato de que nem o mais científico dos métodos produz resultados totalmente objetivos. “Ou seja, não existe método de pesquisa perfeito, mas todo aquele que é bem construído e bem conduzido tem mais chances de responder às hipóteses propostas em estudos científicos do que outros” (HERSCOVITZ *in* BENETTI; LAGO, 2008, p. 125).

Quanto às unidades de registro, é relevante mencionar que não vamos nos ater a somente uma. Optamos pela união de todas elas: *palavra, frase, parágrafo e texto inteiro*. Julgamos mais acertada a utilização de todas elas para facilitar nossa análise, já que se escolhêssemos apenas uma unidade de registro, teríamos menos material para chegar a uma possível conclusão em relação ao tema estudado. Afinal, se restringíssemos a pesquisa somente à unidade de registro *palavra*, por exemplo, poderíamos incorrer em erro mais facilmente, pois a simples contagem destas não é reveladora de muitas coisas, se levarmos em conta que palavras podem ser associadas de diferentes formas, sendo cada associação responsável por um significado diverso. Além disso, as palavras podem ser usadas em diferentes contextos, significando em cada um deles algo específico (HERSCOVITZ *in* BENETTI; LAGO, 2008, p. 133). Enfim, é interessante expor que entre as duas maneiras de se fazer AC – codificação eletrônica ou lápis e papel – escolhemos a manual.

Em suma, a metodologia que pretendemos realizar baseia-se na tendência atual da AC de buscar um equilíbrio entre o quantitativo e o qualitativo, ao promover uma integração

entre estes dois pólos, de maneira que os conteúdos explícitos (visíveis) e implícitos (subentendidos) façam parte de nossa pesquisa. Assim, queremos compreender “não somente o significado aparente de um texto, mas também o significado implícito, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz, e o público ao qual ele é dirigido” (HERSCOVITZ *in* BENETTI; LAGO, 2008, p. 126).

3.2 Um retrato do *Jornal Local*

Neste momento da nossa pesquisa nos dedicaremos a descrever mais detalhadamente o *Jornal Local*. Tendo em vista a contextualização já realizada sobre a imprensa valenciana, e principalmente sobre o *Jornal Local* - nosso objeto de estudo - elencamos uma série de elementos que consideramos fundamentais para a melhor caracterização do impresso em questão, visto que este não é um jornal de grande circulação, e portanto é conhecido prioritariamente pela comunidade à que se dirige.

A base para o estabelecimento da descrição adotada em nossa pesquisa foi fornecida em grande parte pelo estudo que deu origem ao livro “Identidade da imprensa brasileira no final do século – das estratégias comunicacionais aos enraizamentos e às ancoragens culturais”, organizado por Adolpho Queiroz e José Marques de Melo. Nesse sentido cumpre esclarecer que o estudo realizado por estes pesquisadores foi eleito por tratar justamente da análise de jornais interioranos³⁰, análogos por este motivo ao veículo comunicacional sobre o qual nos debruçamos.

Sobre as Editorias, vale dizer que algumas estão sempre presentes nas edições do *Jornal Local*, como Informe (publicitário), Cidade, Política, Segurança (Casos de Polícia), Cultura, Social, Variedades, Lazer e Esportes. Outras, como Opinião, Economia, Educação, Saúde e Meio Ambiente aparecem esporadicamente. Já as Editorias Memória e Turismo

³⁰ Este estudo analisou a morfologia e o conteúdo de dezesseis jornais do interior de São Paulo. E, com o intuito de confirmar as identidades regionais da imprensa do interior paulista, foram utilizados para fins comparativos cinco impressos editados nos dois principais centros metropolitanos do Brasil – São Paulo e Rio de Janeiro. Durante a semana de 21 a 27 de maio de 1996, os pesquisadores exploraram a personalidade editorial destes 21 periódicos; através da comparação de sua morfologia e identificação das suas categorias e gêneros jornalísticos, avaliação das temáticas privilegiadas e dos atores do cenário noticioso. E ainda procuraram entender os fatores que determinam a dinâmica publicitária dos jornais, quais são os agentes dos anúncios comerciais, políticos ou administrativos, e qual a dependência das empresas jornalísticas em relação aos governos regionais ou às autoridades locais (MELO; QUEIROZ, 1998, p.19).

apareceram somente uma vez, a primeira foi encontrada na edição de 22 de agosto de 2013, e a segunda foi encontrada no exemplar de 29 de agosto de 2013.³¹

O *Jornal Local* sempre traz na sua capa o dia e a hora do fechamento daquela edição. O dia do fechamento não muda, é sempre na terça-feira. Mas a hora pode variar bastante, geralmente é à noite, por volta de 20h. Entretanto, já houve vezes do fechamento ocorrer por volta de meia-noite.

As cores, segundo pudemos constatar, dependem muito dos anúncios publicitários. A policromia é constante apenas na capa, contracapa e páginas centrais do impresso. Só para se ter uma ideia, na edição do dia 08 de agosto de 2013, em cores estavam a capa, a contracapa, e as páginas 2, 9 a 12 e 19. Já na edição do dia 22 de agosto de 2013, em cores estavam a capa, contracapa, e as páginas 6, 8, 10, 11, 13 e 15.

Na maioria das edições o jornal traz na capa, acima de sua logomarca, o endereço de seu site (local.jor.br). Tal logomarca, que possui as cores branca, azul marinho, azul claro e amarela, se localiza na parte superior, sobre um fundo azul, e abaixo dela há uma pequena faixa onde podemos ler “Jornalismo - Prestação de Serviço - Entretenimento”, e, no canto à direita desta faixa, acha-se a data completa, além do ano da publicação e do número correspondente àquele exemplar. Na cor amarela, em destaque na parte superior à direita, está o preço do *Jornal Local*. É interessante dizer que a logomarca foi uma criação da publicitária Camila Araújo Alves, que faz parte da equipe do *JL*. As cores da logo, por sua vez, foram usadas por serem da predileção do idealizador do periódico, hoje no cargo de editor, o jornalista Barros.

Há outra observação importante. É a campanha “Declare ao turista seu amor pela cidade”, que estava na capa, na parte inferior, em seis das 12 edições examinadas, e na edição de 08 de agosto de 2013 localizou-se na página 18, em preto e branco, com tamanho reduzido. Curiosamente, a campanha, de iniciativa do Instituto Cultural Visconde do Rio Preto³², e apoiada pelo *Jornal Local*, traz algumas das cores da logomarca deste: azul marinho e amarelo, cores que quando unidas produzem uma visualidade bem marcante. O texto da campanha nos fornece forte pista do que encontraremos nos textos enfocados para a pesquisa de nossa hipótese: “Ao constatar o zelo e o carinho que temos por nossa cidade, o turista terá

³¹ Em entrevista feita por e-mail com o editor do *Jornal Local*, Gustavo Abruzzini de Barros, em 28 de agosto de 2013, este diz que considera pretensão chamar tais estruturas de editoriais. Porém nomeamos estas “divisões” desta maneira porque julgamos ser mais compreensível para quem não conhece o produto jornalístico focado em nossa pesquisa, e tem como parâmetro de referência os grandes jornais impressos de circulação nacional.

³² O Instituto Cultural Visconde do Rio Preto foi fundado em 07 de setembro de 1990. Seu nome é uma homenagem a Domingos Custódio Guimarães, o Visconde do Rio Preto, figura lembrada por suas obras de benemerência realizadas em Valença.

mais respeito e admiração pelo lugar e seu povo”, e segue: “Façamos nossa parte, turista satisfeito sempre volta!”

A campanha ainda traz, no lado esquerdo, alguma foto referente a Valença. Em duas das cinco edições do *Jornal Local*, onde ela foi publicada na capa, a foto é da igreja matriz da cidade, a Catedral de Nossa Senhora da Glória. Na outra foto publicizada na capa, assim como naquela exposta na campanha realizada na edição do dia 08 de agosto de 2013, quando tal publicidade estava na página 18 do jornal, em preto e branco, a foto exposta foi de uma estátua presente em uma das mais conhecidas cachoeiras de Conservatória, um dos pontos turísticos da região. Já nas capas das edições de 05 e 12 de setembro de 2013, a foto escolhida foi do chafariz da Praça XV de Novembro, mais conhecida como Jardim de Baixo. Na edição de 19 de setembro de 2013, a foto escolhida foi da Praça Visconde do Rio Preto, mais conhecida como Jardim de Cima.

3.3 Rotinas informativas

Julgamos relevante, para melhor caracterizar nosso objeto de estudo, descrever quais são as rotinas de trabalho praticadas pelos profissionais do *Jornal Local*. Afinal, como sabemos, algumas peculiaridades desta rotina podem se converter em vantagens ou desvantagens na elaboração das notícias, e, portanto, devem ser reveladas para descrevermos um retrato o mais fiel possível do impresso em questão. Começaremos relatando o cotidiano dos jornalistas.³³

Os repórteres não têm horário fixo para chegar à redação, nem horário de almoço pré-estabelecido. O fim do expediente e a jornada diária de oito horas de trabalho também não são fatores pré-determinados. Segundo Gustavo Abruzzini de Barros, editor do *Jornal Local*, a combinação feita entre ele e os repórteres não exige horário rígido, mesmo porque muitas vezes estes estão na rua fazendo matérias. “Como controlar? Ofereço um voto de confiança. Mesmo porque os horários extrapolam e se compensam. Cobro maturidade”, diz Barros. No sábado, os repórteres se revezam, toda semana, há um que está de folga para compensar as ocasiões que por ventura tenham extrapolado seu horário de trabalho. O *Jornal Local* tem três profissionais com carteira assinada, sendo dois destes jornalistas: Paulo Henrique Nobre e

³³ Todas as informações relativas às rotinas informativas do *Jornal Local* foram obtidas através de entrevista feita por e-mail com seu editor, Gustavo Abruzzini de Barros, em 28 de agosto de 2013.

Marcela Giesta. Ambos recebem o piso salarial estipulado pelo Sindicato do estado do Rio de Janeiro.³⁴

Após o fim do expediente, não há ninguém na redação. Nestes horários, os repórteres tomam conhecimento dos fatos ocorridos através das fontes que entram em contato por seus telefones celulares. Nos fins de semana e feriados, até pouco tempo atrás, somente o editor do jornal e o colaborador Joel Pereira, o responsável pela Editoria Esporte, compareciam na redação nas manhãs de sábado. Porém, recentemente, foi instituído, como complementação de horários que não eram cumpridos, o plantão de sábados de manhã, alternados entre os repórteres Paulo Henrique Nobre e Marcela Giesta. A publicitária Camila Araújo, integrante da equipe do *Jornal Local*, responsável pelo site do periódico, também comparece todos os sábados. Para a cobertura das matérias policiais, o colaborador Sandro Barra comparece quando há alguma urgência, algum chamado dos bombeiros ou de policiais militares. Vale lembrar que Sandro Barra não é formado em Jornalismo, e, além de ser colaborador do *JL*, é chefe de serviços na Ciretran (Detran).

A reunião de pauta ocorre toda quarta-feira, às 10h30min. Sobre ela, Barros diz:

Incentivo a que todos (Paulo Henrique, Marcela, Giovanni, Sandro e, eventualmente, algum estagiário) proponham pautas que queiram fazer. Sugiro enfoques e cobro ganchos que sejam consistentes e relevantes. Por vezes, quando percebo que estão deixando passar alguns acontecimentos que a meu ver precisam estar no jornal, imponho a necessidade de se fazer tais pautas que ainda permito que eles decidam quem quer fazê-las.

Nestas reuniões, em geral, a edição anterior é avaliada, mas não de maneira muito aprofundada. Afinal, neste momento, a equipe ainda não tem a edição em mãos, ficando as discussões restritas às lembranças do dia anterior, como qual notícia foi complicada “fechar” ou aquela que deixou a desejar. É nesta ocasião que as dificuldades de apuração, algumas situações políticas, econômicas e culturais são analisadas. “Às vezes, chegamos a nos indispor, mas, normalmente, a reunião oferece ganhos no direcionamento de nosso conteúdo”, comenta Barros.

Hoje a redação possui oito microcomputadores, todos com acesso à internet, para o uso de quatro profissionais: um da área comercial e três colaboradores que vão à redação

³⁴ No estado do Rio de Janeiro, para cidades com menos de 300 mil habitantes, que é o caso de Valença, o salário para repórteres que trabalham 5 horas é R\$ 893,97 reais. Já para repórteres que trabalham 7 horas, o piso é de R\$ 1.106,97 reais. Informações obtidas em <http://www.fenaj.org.br/pisosalarial.php#MRJ>

quando necessitam finalizar seus textos³⁵. A jornalista Marcela Giesta optou pela utilização de notebook pessoal. O *Jornal Local* fornecia dois gravadores de MP3 para o uso de seus jornalistas. Entretanto, um deles foi perdido. O outro aparelho é utilizado pelo repórter Paulo Henrique Nobre. Vale salientar que, segundo Barros, é muito comum a utilização de aparelhos celulares pessoais por sua equipe.

O impresso não tem veículo exclusivo para cobertura de reportagens que exijam o deslocamento dos jornalistas. Há um carro do editor, utilizado pelo profissional do *Jornal Local* responsável pelos seus contatos comerciais e também por fazer os serviços de resgate da gráfica e distribuição semanal dos jornais. Quando há necessidade, se este automóvel estiver disponível, os repórteres podem usá-lo. A segunda opção para estes casos é o carro de um colaborador. Vale ressaltar que as despesas com combustível e manutenção deste automóvel emprestado ficam a cargo do *Jornal Local*. Mas, quando este carro cedido por um terceiro não pode ser utilizado, os repórteres recorrem ao serviço de taxistas e até mesmo ao transporte coletivo. É relevante dizer que, ao nosso ver, esta deficiência pode, muitas vezes, impedir a realização de um trabalho de maior qualidade pelo impresso em foco, pois o tempo pode ser o divisor de águas entre uma apuração mais completa e uma apuração com lacunas de um determinado acontecimento.

Quanto aos critérios usados para avaliar se um acontecimento é notícia, Barros esclarece que o *Jornal Local* trabalha com quatro parâmetros, com o objetivo de garantir algum interesse por parte do leitor. São eles: contundência, relevância, imprevisibilidade e ineditismo. Em relação à diagramação do jornal, é interessante frisar que nem sempre a matéria mais importante se encontra nas páginas centrais.

O critério de seleção para a escolha de qual notícia ocupará estas páginas centrais diz respeito às características visuais relacionadas a ela, ou melhor, a matéria que oferece boas imagens tem preferência para esta parte do jornal, para que a policromia destas páginas possa valorizá-la. As editorias não têm paginação fixa. Geralmente as notícias mais “sérias” (política, cidade, economia) são diagramadas na primeira metade do jornal, restando as páginas finais para os temas mais “leves” (social, cultura, lazer, esporte, entre outros).

³⁵ No expediente do jornal, há a listagem de seus colaboradores: ANDEEC, Aloisio Melo Morais, Andreia Nobre, Gilberto Monteiro, Giovanni Nogueira, Hélio Suzano, Joel Pereira, Jorge Gomes Filho, Katia Tabet Barros, José Viriato da Silva, Lais Miranda, Marcelo Reis, Ney Fernandes, Patrícia Rocha, Ricardo Reis, Samir Resende, Sonia de Carvalho, Sonia Vilela e Sandro Barra. Ainda neste espaço, é possível encontrar as seguintes informações: “Os colaboradores participam de forma espontânea, sem nenhum vínculo empregatício com este veículo. Artigos e conceitos assinados não refletem necessariamente a opinião deste periódico, sendo de responsabilidade de seus autores. É proibida a reprodução, por outros órgãos de comunicação, de conteúdo aqui publicado, sem autorização da direção do *Jornal Local*, à exceção dos artigos assinados por colaboradores (...)” (*JL*, p.2).

Ainda em relação às editoriais, é crucial dizer que, as notícias que merecem mais cautela, seguramente, são aquelas de política e segurança, pois envolvem suscetibilidades, exposição dos envolvidos, vaidade, soberba entre outras coisas. As principais fontes de informação são, no grupo das oficiais, os órgãos de segurança, as prefeituras e as câmaras, e, no grupo das oficiosas, são os “disse-me-disse” que circulam pelas ruas, e que os jornalistas se empenham para apurar, no intuito de confirmar se são verdadeiros ou falsos.

Os colaboradores são pessoas que, de alguma forma, se aproximaram do periódico, e acabaram sendo convidados para participar. Marcelo Reis, por exemplo, era um dos leitores que escrevia cartas frequentemente para o *JL*. Um dia, ao encontrar com o pai do editor do periódico, foi indagado por este senhor por quê havia parado de mandar correspondências para o *Jornal Local*, no que Marcelo Reis respondeu, prontamente, que não enviava mais cartas para o impresso por que elas não estavam mais sendo publicadas. Diante do fato, Barros, editor do *JL*, convidou Marcelo Reis para ser colaborador do periódico. Marcelo Reis então passou a escrever a coluna “Reflexões”³⁶.

Sobre os colaboradores, Barros comenta:

Conquistado o espaço, deixo por conta deles decidirem sobre o que abordar ou desenvolver. Só tive problema com um que, em determinado momento, começou a usar o jornal para exercer política partidária. Tive de suspendê-lo. Quanto aos demais, troco ideias, mas não imponho nada e nem censura, peço para que evitem o partidarismo e a ofensa moral e eles são responsáveis pelo que escrevem.

Vale salientar que o número de colaboradores é muito instável. Além disso, muitos não são jornalistas, possuindo as mais diversas profissões. Gilberto Monteiro, por exemplo, é farmacêutico bioquímico, Hélio Suzano e Marcelo Reis são advogados, Ney Fernandes é contador, Patrícia Rocha é historiadora, José Viriato da Silva e Samir Resende são professores, Ricardo Reis é fotógrafo, Sonia de Carvalho e Sonia Vilela são economistas.

O “fechamento”³⁷ do *Jornal Local* ocorre às terças-feiras de noite. Na manhã de quarta-feira já está rodando, em gráfica terceirizada. Para conseguir entregar todos os jornais dos assinantes, cerca de 500, a empresa terceirizada responsável pelo serviço começa a execução de sua tarefa já na noite de quarta-feira, estendendo seu trabalho pela madrugada de quinta-feira e terminando as entregas na manhã deste dia. Em relação ao assunto, Barros comenta:

³⁶ Informações fornecidas por Marcelo Reis, em 22 de outubro de 2013, por conversa telefônica.

³⁷ De acordo com o “Dicionário de Jornalismo Juarez Bahia: século XX”, fechamento é “operação final de uma edição em veículo impresso ou audiovisual. Hora crucial, momento dramático que conjuga decisões e definições sobre matéria, composição, paginação, impressão ou gravação e montagem (...)” (BAHIA, 2010, p.155).

O *Jornal Local* protagonizou uma nova cultura produtiva para o ramo em Valença. A gráfica, que não possui máquina rotativa e levaria 48 horas para executar tal serviço, se adaptou em termos de procedimentos para reduzir ao máximo o tempo de execução da impressão, acabamento e encarte de nossas cerca de 20 páginas.

Chamamos a atenção para o fato de que este sistema de fechamento do impresso prejudica a atualidade do jornal. Afinal, um acontecimento importante ocorrido na quarta-feira de tarde, por exemplo, não estará na edição daquela semana, no *Jornal Local*, recebido naquela quinta-feira. Tal fato, ocorrido numa quarta-feira de tarde, só poderá virar notícia na próxima semana, e, portanto, será uma notícia ultrapassada. Talvez, para suprir essa deficiência, o *JL* tenha criado um site e esteja presente nas redes sociais.

No que tange à linha editorial do impresso, Barros afirma que a pretensão, desde o começo, foi de oferecer aquilo que não existia na região, que era, essencialmente, ser noticiário. De acordo com ele, sua equipe, só de ter ofertado apuração e abordagem para todo e qualquer tema, contribuiu extraordinariamente para a melhoria e resgate dos “combalidos valores de nossas comunidades”. E finaliza:

Nossa linha editorial, talvez, seja a da seriedade e interesse em resgatar a qualidade e eficiência do produto jornal, bem como oferecer ou até criar ambiente propício ao desenvolvimento profissional da área. Não temos interesse em seguir linhas ideológicas e nem filosóficas e nem de nos alinharmos a grupos políticos.

Por fim, vale evidenciar a visão de Barros do que vem a ser interesse público: “Considero que seja tudo aquilo essencial a satisfazer ou servir ao bem comum. Em nosso caso, toda e qualquer informação útil ao bem viver de uma comunidade organizada”, afirma o editor do *Jornal Local*.

3.4 *Jornal Local*, um jornal “de casa”

Após descrevermos as páginas do impresso examinado, existem algumas informações sobre seu público leitor, levantadas através de entrevista realizada por e-mail com seu editor Gustavo Abruzzini de Barros³⁸, que merecem ser evidenciadas para mais bem

³⁸ Entrevista realizada em 02/2013.

caracterizar o nosso objeto de estudo. Infelizmente, não há nenhuma pesquisa realizada junto a este público para determinar seu perfil (faixa etária, escolaridade, sexo, classe econômica, entre outras variantes). Segundo Barros, apesar de não haver índice – levantado através de estudo – que comprove o número de leitores de um exemplar do jornal, ele acredita, baseado na sua observação durante os seis anos de existência do *Jornal Local*, que, em Valença, este número seja de quatro pessoas por exemplar.

Baseando-se ainda somente na sua experiência, Barros acredita que a Editoria mais lida seja Cidade e a mais comentada seja Segurança. Sobre esta última Editoria, é interessante destacar que, além dela ser a grande responsável pelos recordes de venda do *Jornal Local*, cabe também a ela a posição de campeã de comentários nos diferentes meios de contatos entre o impresso e seus leitores.

Em relação ao canal de relacionamento com maior influência nas pautas do jornal, Barros esclarece que as cartas recebidas na redação, os comentários do site do *Jornal Local*, os e-mails para a redação e a página deste impresso no Facebook têm o mesmo valor. Na verdade, todas as informações transmitidas por estes canais são avaliadas nas reuniões semanais de pauta. Há ainda outra forma de relacionamento com o leitor que se mostra como fator determinante na escolha das pautas: as situações em que os leitores vão pessoalmente à redação do *Jornal Local* para pedir apoio, conseguindo desta maneira transformar em matérias os problemas de seus bairros e outros tipos de questões. É interessante comentar que o endereço da redação do periódico em foco é um fator determinante para o estreitamento das relações entre este e seus leitores. Encontrando-se localizado na Rua dos Mineiros (nº 03, sala 202), principal logradouro de Valença, no Centro da cidade, o *Jornal Local*, supomos, passa a ser visto como um jornal que faz parte do dia-a-dia do valenciano, um jornal que pode ser considerado “de casa”.

Atualmente o periódico possui em torno de 470 assinantes, número que já é estacionário faz um bom tempo. De acordo com Barros, o jornal nunca focou as campanhas de assinatura. Todas as vendas deste tipo se dão por iniciativa do próprio leitor. Entretanto, em decorrência do novo site do *Jornal Local* possibilitar o acesso a seu conteúdo completo somente aos seus assinantes, é possível que o número de assinaturas sofra um aumento.

O assinante mais antigo era uma senhora que já faleceu. Inclusive, sua morte foi noticiada no *Jornal Local* com destaque para este detalhe. Depois dela, os assinantes que

acompanham o impresso há mais tempo são o oficial de justiça Gelson Sampaio de Souza e o médico aposentado Miguel Tavares. Barros conta que, na primeira quinta-feira em que o jornal circulou, ele foi convidado a participar de uma reunião no Rotary Clube de Valença. Na ocasião estes três leitores estavam presentes e fizeram questão de serem os primeiros a assinar o então novo jornal da cidade. Vale aqui ressaltar o fato de que os produtores do *Jornal Local* comumente conhecem seus leitores mais fiéis e mais participantes, o que denota a proximidade entre este veículo comunicacional e seu público.

O leitor que merece ser lembrado em razão de sempre estar se manifestando é Gilberto Monteiro, também um dos primeiros valencianos a prestigiar o jornal com a realização de uma assinatura. Monteiro colabora com frequência, seja mandando artigos para serem publicados, ou comentários sobre os editoriais do periódico. Outro leitor lembrado é “Seu” Artur, assinante do distrito de Pentagna, que faz reclamações rotineiras sobre o tema transporte coletivo. Há também o “senhor” Nei, do distrito de Santa Isabel, que se manifesta quando o assunto é Defesa Civil. Por sua vez, Marcelo Reis é crítico constante “da bagunça das noites de final de semana” numa das principais praças de Valença, conhecida como Jardim de Cima. E, por fim, o leitor Ney Fernandes que tem o hábito de censurar as “desordens da área da saúde pública”. Mais uma vez, tais comentários nos servem como indícios de que há uma relação de forte proximidade entre o jornal e seu público, chegando ao ponto de os responsáveis pela elaboração do impresso serem capazes de fazer comentários referentes aos seus leitores com tanta riqueza de detalhes.

E, para concluir o panorama geral sobre os leitores do nosso objeto de estudo, cumpre revelar quais são as reclamações mais comuns deste público em relação ao veículo comunicacional em análise. A reclamação mais corriqueira se dá quando os leitores não conseguem comprar o *Jornal Local*, nas semanas em que este impresso se esgota rapidamente nas bancas. Há também uma constante queixa, que se configura mais como uma espécie de denúncia, por parte de assinantes reclamando sobre o furto de seus exemplares por seus vizinhos.

3.5 O passo a passo da análise

Para esclarecer melhor a metodologia adotada em nosso trabalho, evidenciaremos todo o processo de elaboração da análise realizada. Em outras palavras, mostraremos a lógica de funcionamento da análise, com o intuito de tornar a pesquisa mais inteligível.

O primeiro ponto a ser esclarecido diz respeito ao material examinado. Debruçaremos-nos sobre a amostra de 12 edições do *Jornal Local*, compreendendo o período de três meses ininterruptos do jornal – 18 de julho a 03 de outubro de 2013. Vale esclarecer que este período não foi escolhido aleatoriamente. Decidimos abarcar em nossa análise o período que cobrisse, além da Festa de Nossa Senhora da Glória, padroeira de Valença, ocorrida sempre na primeira quinzena de agosto, a data do aniversário da cidade, comemoração feita no dia 29 de setembro. Cabe alertar ainda para o fato de que, em função destas datas, este período escolhido é especialmente fértil para que se potencialize o discurso das efemérides valencianas. Por fim, ressaltamos que nosso *corpus* de pesquisa não ficará restrito a nenhuma editoria em especial, ou seja, analisaremos todos os textos, excetuando-se os publicitários.

Mais uma vez frisamos que o critério de categorização utilizado em nosso trabalho é semântico, visto que levantamos quatro temas, que chamamos de ideias-força, caracterizadores de uma certa identidade valenciana, identidade esta tida como a tradicional, na bibliografia cânone de Valença. A partir dessas quatro ideias-chave, chegamos a nossas categorias de pesquisa. De maneira sucinta, podemos dizer que as categorias elaboradas foram:

Tabela 1 – Categorias de análise

Categorias
História da cidade
Personalidades do município
Especificidades de Valença

Quanto à inferência, nossa hipótese é de que o *Jornal Local* segue os padrões já estabelecidos em relação à caracterização da identidade valenciana, ou seja, acreditamos que

o *JL* é um típico jornal conservador. Vale ressaltar que para justificar nossa hipótese inicial lembramos a opinião de Marcondes Filho (2002), ao enfatizar que jornalistas da imprensa empresarial, e a isto acrescentamos imprensa também conservadora e tradicional, vão em busca de confirmação para os modelos que já têm estabelecidos em suas mentes.

É importante esclarecer que faremos uma varredura completa dos textos jornalísticos do *Jornal Local*, ou seja, não nos voltaremos em específico para nenhuma editoria. Julgamos mais prudente proceder desta maneira para não chegarmos a uma conclusão equivocada em relação à nossa hipótese de pesquisa. Afinal, se escolhêssemos apenas uma editoria, poderíamos chegar a uma conclusão que fosse verdadeira para esta parte do periódico, mas que além de representar, quantitativamente, uma parte pequena do *Jornal Local*, não correspondesse ao discurso majoritário deste impresso sobre a identidade valenciana.

Relevante se faz também frisar que nosso trabalho se propõe a investigar não só qual o volume (quantidade) das ideias-chave, levantadas na bibliografia cânone sobre Valença e expostas no primeiro capítulo da pesquisa, mas principalmente a intensidade deste discurso no texto do *Jornal Local*.

Valendo-nos da referência já citada (livro “Identidade da imprensa brasileira no final do século – das estratégias comunicacionais aos enraizamentos e às ancoragens culturais”, organizado por Adolpho Queiroz e José Marques de Melo), o primeiro fator investigado foi a primeira página do jornal, visto que este é

o espaço mais importante do jornal, espécie de vitrine das informações que estão no bojo da edição; sua organização reflete a política editorial da empresa jornalística; corresponde também às estratégias mercadológicas destinadas a conquistar os leitores potenciais, induzindo-os à compra do exemplar, à leitura do material ali contido e à adesão aos pontos de vista difundidos (MELO; QUEIROZ, 1998, p.22).

Tomando como pressuposto a citação de Melo e Queiroz (1998), o primeiro passo da nossa pesquisa foi analisar a capa. Caso o exemplar possuisse manchete relativa a alguma de nossas categorias na primeira página, depois de comentar tal manchete, passamos para o exame da notícia em questão. Procedemos assim até esgotar as notícias publicizadas na primeira página. Após este procedimento, analisávamos os textos seguindo a ordem estabelecida pelo impresso. Afinal, segundo nos informou Barros, editor do *JL*, as notícias mais importantes são publicadas na primeira parte do periódico.

É importante também clarear a conduta estabelecida para a crítica individual dos textos. Primeiro, foi realizada a leitura completa dos textos, quando marcávamos, ponto a ponto, as características deste quanto à nossa área de interesse. Cumpre lembrar que, todas as

unidades de registro (*palavra, frase, parágrafo e texto inteiro*) foram consideradas, de acordo com a relevância desta unidade para a interpretação do texto em análise. Depois, comentávamos as partes selecionadas, tomando o cuidado de não repetir exaustivamente trechos que apresentavam a mesma ideia. Vale lembrar que as fotos relativas aos textos analisados, assim como suas legendas, também foram averiguadas, sendo comentadas nas vezes quando julgamos relevante.

Outro ponto a ser assinalado é o fato de que alguns textos não foram explicitados no corpo de nossa argumentação, para não tornar a análise excessivamente extensa. Entretanto, eles foram considerados no resultado final do exame de cada edição, exposto em tabela no término dos comentários sobre cada exemplar. Quanto às tabelas, apenas vale dizer que, pelo fato de alguns textos terem sido colocados em mais de uma categoria, tivemos que indicar nas tabelas que estes eram os mesmos, e por isso usamos as cores. Em outras palavras, excetuando-se a cor preta, que indica a unidade de texto, cores iguais, na mesma tabela, correspondem ao mesmo texto.

Quanto a análise quantitativa da pesquisa, gostaríamos de ter utilizado os dados com maior precisão, usando, por exemplo, o método de centimetragem. Porém, pelas características próprias do *JL*, não foi possível utilizar este instrumento de mensuração. Afinal, os textos deste periódico não seguem a mesma estrutura de diagramação. Neste sentido, vale salientar que até no mesmo tipo de texto, como as notícias, há variações, como o corpo da letra usada. Coube a nós, então, encontrar uma maneira de medir, mesmo que de forma mais generalizada, qual o espaço dado às categorias de nossa pesquisa, o que nos revelaria, no fim, qual a relevância dada pelo *Jornal Local* ao tema estudado por nós: a identidade valenciana. Com este intuito, fizemos uma comparação entre o número de páginas do impresso que traziam textos de nosso interesse, e o número total de páginas daquele exemplar do *JL*. Estes resultados quantitativos foram expostos após as tabelas, edição por edição.

Por fim, é crucial chamar a atenção para duas editorias: Lazer e Esporte. Após percebermos que estas partes do *JL* possuem uma estrutura padronizada, variando muito pouco de uma edição para outra, além do fato de sempre possuírem textos que se encaixam nas nossas três categorias de análise, optamos por não comentá-las a cada exemplar. Por tal motivo realizaremos um exame generalizado destas duas editorias.

As temáticas abordadas na seção Agenda, localizada na Editoria Lazer, traz rotineiramente informações sobre eventos que acontecerão em Valença e região – festas, bailes, saraus, entre outros – e, por isso, nos serviu de ferramenta para analisarmos as

categorias *história da cidade* e *especificidades de Valença*, pelo simples fato de que as festividades que ocorrem num local sempre nos dizem muito sobre sua história e sua cultura.

Na edição de 18 de julho de 2013 do *JL*, por exemplo, há a citação de cinco festas julinas que serão realizadas na região, além da menção ao sarau literário que ocorre toda terceira sexta-feira do mês, às 17h, na única livraria de Valença; além de uma quantidade considerável de eventos próprios do Festival do Vale do Café 2013³⁹, evento vinculado ao passado histórico de Valença, mais especificamente ao período evidenciado pelos tradicionalistas como o auge da cidade: a era do café, no século XIX.

Há ainda nesta seção a menção ao 6º Festival da Cultura Japonesa em Valença, que nos remete à categoria *história da cidade*, já que os japoneses fazem parte do grupo de estrangeiros que imigrou para Valença. Cabe aqui, fazermos um parêntese para comentar este festival. Primeiro, é público e notório, diante do que já expusemos em nossa pesquisa, que Valença possuiu um grande número de negros escravos nas fazendas de café. Só para se ter uma ideia, Leoni Iório (1953), citando a obra “História do café no Brasil”, de A. Taunay, nos mostra que Valença, nos idos de 1883, era o município cafeeiro da província do Rio de Janeiro com o maior número de escravos: 25. 344 escravos (IÓRIO, 1953, p.172). Enquanto que, em 1953, encontravam-se em Valença apenas cerca de oito famílias japonesas (IÓRIO, 1953, p.199). Não é de se estranhar que Valença já esteja há seis anos fazendo um festival de cultura japonesa e nunca tenha realizado, pelo menos com divulgação dos meios de comunicação, um festival de cultura negra? O que temos, neste sentido, é apenas a festa da comunidade quilombola de Valença, que ocorre num de seus distritos. Mas tal festividade ocorre em local distante, de difícil acesso para a maioria dos valencianos. Segundo, sabemos da existência de um Núcleo de Cultura Ítalo-Brasileira de Valença, que funciona inclusive em local cedido gentilmente pela Câmara Municipal de Valença. Todavia, se existe algo semelhante em relação à cultura negra em Valença, sua divulgação é muito “deficiente”, pois não se tem nenhuma notícia disto.

Voltando à Editoria Lazer, quanto à categoria *especificidades de Valença*, podemos comentar que através dos cursos divulgados nesta editoria, pudemos observar uma possível

³⁹ No site do Festival, no link “Apresentação”, há o seguinte texto: “O Festival Vale do Café, é um projeto em caráter permanente implementado desde 2003, que tem por objetivo criar um pólo turístico cultural e acelerar o desenvolvimento econômico do interior do estado do Rio de Janeiro. Através da preparação anual de uma grande celebração de música, história e natureza, aliada sempre ao respeito pelas raízes e pelo patrimônio histórico da região, o Festival Vale do Café chega a sua 11ª edição, entre os dias 16 e 28 de julho de 2013. Além de receber mais de 800 mil pessoas em suas 10 edições, que provoca o aquecimento econômico da região, o Festival Vale do Café resgata fortemente o patrimônio imaterial, estimulando o amor à natureza e divulga o patrimônio histórico e arquitetônico abrangendo os diversos municípios da região do Vale do Café, num dos mais lindos recantos do Estado do Rio de Janeiro, no Vale do Paraíba” (Informações adquiridas em: http://www.festivalvaledocafe.com/?page_id=80).

tentativa de mostrar a diversidade cultural valenciana, já que há referência a cursos que abrangem desde oficinas mais populares, como a de Hip Hop no distrito de Santa Isabel, até cursos mais elitizados, como teatro e pintura em tela.

A Editoria de Lazer divulga inclusive, em toda edição do *Jornal Local*, informações do Parque Natural Municipal do Açude da Concórdia, um dos pontos turísticos de Valença: “O parque prima pela segurança e preservação ambiental sendo um lugar ideal para pesquisa e descanso” (*JL*, p.18). Através deste fragmento do texto é perceptível o intuito de por em relevo como uma das *especificidades de Valença* a presença de uma natureza privilegiada.

Por fim, esta Editoria ainda apresenta as “manifestações culturais” de Conservatória, um dos distritos de Valença, local conhecido por suas serestas, muito visitado por turistas. Julgamos que esta parte da Agenda pode ser perfeitamente encaixada na categoria *história da cidade*, pois na narrativa podemos notar a tentativa de mostrar Valença, neste caso mais especificamente Conservatória, como um lugar possuidor de um história “memorável”, ao considerar, por exemplo, o centro de Conservatória um “Centro Histórico”.

Em relação à categoria *personalidades do município*, cumpre apenas dizer que, ao divulgar as apresentações de músicos valencianos, além de outras apresentações de diversos artistas da cidade, esta editoria procura dar notoriedade e valorizar estas “figuras ilustres”, e, de certa forma, esta acaba por ser uma espécie de exaltação aos artistas de Valença.

No que tange a Editoria Esporte, a página destinada a ela sempre traz textos pertencentes às três das categorias de nossa pesquisa, pois ela segue frequentemente o mesmo padrão, ao trazer foto referente a times de futebol dos “velhos tempos”, quando publica, por exemplo, a antiga equipe de algum time de bairro valenciano (notinha classificada na categoria *história da cidade*), além de informações sobre “campeonatos” tipicamente valencianos, como o “campeonato de purrinha” (notinha classificada na categoria *especificidades de Valença*), que ocorre todo sábado na tradicional Rua dos Mineiros, e de fotos de valencianos vestidos com a camisa de seu time (notinha classificada na categoria *personalidades do município*).

3.6 Edição de 18 de julho de 2013

Na primeira página apenas uma manchete pôde ser enquadrada em uma das três categorias criadas – *história da cidade*, *personalidades do município* e *especificidades de*

Valença – para exame do jornal. Mesmo assim, apesar de esta matéria trazer uma foto, ela não se destacou na capa, sendo destinado a ela um pequeno espaço. Foi uma notícia de Cultura, com a manchete “Cena Musical tem nova formação”, que só percebemos tratar de nosso tema de exame ao ler o corpo da matéria, na página 15.

Já no título da referida matéria notamos que tal texto evidenciará o discurso do *Jornal Local* em relação à categoria *personalidades do município*. A notícia traz o título “Quebra Cabeça de talentos” e o subtítulo “Banda aposta na valorização musical como meio de desenvolver o comércio e turismo de Valença”.

No sentido de melhor evidenciar as provas que nos levaram a uma série de suposições, destacamos alguns trechos do texto, como o começo do segundo parágrafo desta matéria: “A banda não segue modelos tradicionais. Os músicos não ensaiam e trabalham a música através de experiências individuais e seus talentos através do improviso, o que tem garantido público crescente e muitos elogios à apresentação (...)” (*JL*, p.15), onde fica clara a exaltação aos músicos, colocando-os como artistas diferenciados e possuidores de um talento muito peculiar, já não precisam nem ensaiar, e trabalham “através do improviso”. Vale dizer que neste trecho, em relação à nossa investigação, é possível perceber a intenção de mostrar as *personalidades do município* como possuidores de grandes talentos e aptidões de destaque.

É interessante salientar a tentativa de mostrar que estes artistas levam o nome da cidade para outras regiões, e com isso engrandecem o nome de Valença. Referindo-se aos componentes da banda, Marcela Giesta, a autora do texto, diz:

Acreditam que é necessário primeiramente fortalecer o cenário musical na cidade e, a cada vez que o músico leva seu trabalho para fora, ele contribui para levar o nome do município como fábrica de músicos, logo, ajudar outros artistas a saírem da cidade, divulgando seus trabalhos. Fred e Vitor contam que músicos de outras cidades (...) já têm conhecimento do potencial da música valenciana (...). Vamos valorizar Valença!” (*JL*, p.15).

Há ainda a tentativa de mostrar estes valencianos como pessoas generosas, que não tem como objetivo primeiro o lucro: “Os músicos explicam que não visam de forma principal o ganho financeiro, mas o desenvolvimento musical primordialmente (...)”, e que tem como característica uma certa “benemerência”: “Grande parte dos músicos em Valença trabalham em cooperação mútua, no sentido de divulgar o trabalho de outras bandas” (*JL*, p.15)

Convém destacar também que esta matéria se encaixa também na categoria *especificidades de Valença*, já que procura expor o companheirismo entre os filhos desta terra. Ao abordar as metas da banda, Marcela Giesta fala:

o objetivo principal (...) é trabalhar melhor a produção física de todos os músicos da cidade, entrando em contato com produtores musicais em prol de apoio, e contar até mesmo com o apoio de músicos valencianos que solidificaram suas carreiras na cidade e não estão mais “na estrada”, divulgando também estes trabalhos (*JL*, p.15).

Por fim, em relação às *especificidades de Valença*, identificamos no periódico a pretensão de fomentar o amor à terra natal através da valorização de suas qualidades:

Valorizar a cultura local, os músicos locais, da forma que eles merecem. Porque, se tiver uma troca mútua (...) todo mundo vai querer se profissionalizar na música e vai sobrar espaço pra galera da nova geração chegar”, acreditam que o fortalecimento da cultura musical em Valença poderá gerar reconhecimento em outras cidades, e até mesmo fora do estado e do país (...) (*JL*, p.15).

O Editorial chamou nossa atenção por resgatar, em um certo ponto do texto, um viés da *história da cidade*: a falência econômica vivida há algumas décadas pelo município. Depois de demonstrar a razão do aumento do preço do *JL*, o texto diz:

(...) Nossos homens públicos em geral, (...), continuam a esmerar-se em ser apenas bons “políticos” e “bons administradores” dos volumosos repasses federais que dão artificial sustento às pequenas cidades do interior. Acabam sendo pouco atuantes, como estadistas que deveriam ser, linkados na evolução da economia dos municípios, como um todo, e no futuro das gerações. O resultado é este, tão bem sentido em Valença, município falido de máquina ineficiente, servindo há décadas como cabide de emprego, e descompromissada com a qualidade dos mais elementares serviços (...) (*JL*, p.3).

E, a partir de outro ponto, que fala da necessidade de nos sobrepormos “à política que pressuponha enfrentamento”, em favor do diálogo, podemos enquadrar também este editorial na categoria *especificidades da cidade*, já que, ao perguntar “Para que nutrir este clima de ódio, quando temos em comum o amor pelo local em que vivemos?” (*JL*, p.3), o *Jornal Local* argumenta que somos todos nós, valencianos, amantes de nossa terra natal, ou seja, amar Valença seria uma característica identitária de seu povo.

Na editoria Opinião, o artigo de autoria de Gilberto Monteiro, pode ser colocado na categoria *história da cidade*. A título de exemplo, vale citar o trecho compreendido do começo do artigo até seu quarto parágrafo:

De maneira invisível, quase fantástica, o tempo consome tudo. A história de uma cidade, das suas pessoas, das famílias e dos sítios, entenda-se aqui os lugares, vai desaparecendo. Nenhum ou quase nenhum registro nos sobra! Fisicamente, os prédios vão desabando, as pessoas vão morrendo, os sobrenomes vão desbotando, e

perdendo o valor. Outros prédios surgem, muitas vezes altos demais se relacionados à largura de nossa rua. Os “tombados” vão tombando. Outras pessoas surgem e também os nomes das ruas vão sendo trocados (...) (JL, p.4).

Mais à frente, Gilberto Monteiro comenta: “Assim o tempo vai levando nossa história e, se uns prédios caem de velhos, outros são, na marra, derrubados”. E conclui, referindo-se as passeatas desencadeadas pelas manifestações contra o aumento do preço do transporte público nas cidades brasileiras, em junho de 2013: “As passeatas, felizmente, estão voltando, pois enquanto nós, brasileiros, não exigimos respeito com nossas cidades, com suas ruas e prédios, com sua história, com nós mesmos, mais transparência e menos segredos, mais discussão, será sempre assim!” (JL, p. 4).

Está claro no texto deste artigo a ideia de que uma das bases sustentadoras da identidade valenciana é seu passado, já que, ao mencionar o respeito que temos que ter com nossa cidade, suas ruas e sua história, Gilberto Monteiro completa dizendo “respeito com nós mesmos”. Ou seja, tais elementos – nossa cidade, suas ruas e prédios, sua história – são bases sustentadoras de nossa identidade.

Através das partes selecionadas, é possível perceber um forte saudosismo, além de uma sutil valorização das famílias tradicionais e mais conhecidas de Valença, o que nos leva a crer que o artigo também se enquadra na categoria *personalidades do município*, mostrando que tais sobrenomes, ou melhor, que tais famílias merecem ser respeitadas e lembradas por fazerem parte da história deste lugar.

O texto jornalístico intitulado “Zeus investe pesado e vai crescer mais”, com subtítulo “são 240 empregos diretos com propostas de expansão na cidade”, pode ser colocado na categoria *especificidades de Valença*, o que fica evidente através da observação de algumas de suas partes. Por exemplo, no terceiro parágrafo da notícia, que faz um relato sobre a fábrica de roupas íntimas instalada em Valença desde 2010, pudemos notar uma narrativa enaltecida das qualidades de Valença. Ao se referir ao comentário do diretor geral da fábrica, o jornalista autor do texto diz:

Ele lembrou que o que levou o empreendimento para Valença não foi apenas o incentivo fiscal do ICMS a 2%, mas uma série de características que a cidade apresenta e que poderiam ser estratégicas para a fábrica, como a proximidade dos grandes centros de consumo e a mão de obra (...) (JL, p.8).

Ainda sobre o depoimento do diretor da Zeus em relação à implantação da fábrica na região, é destacada uma característica positiva da população valenciana. Característica esta,

vale lembrar, que só pôde ser adquirida em função do histórico da cidade no que tange ao conhecimento no manejo de tecidos, adquirido por conta das fábricas deste ramo que já existiram na cidade no começo do século passado. É a volta incessante ao passado expressa no *Jornal Local*.

Tabela 2 – Resumo de dados encontrados na edição de 18 de julho de 2013

Categoria	Nº de textos	Nº de manchetes na capa	Editorias	Ideias
História da cidade	I I I I		Editorial Opinião Lazer Esporte	Falência econômica, saudosismo, tradição cultural da cidade e lembranças de pessoas do passado.
Personalidades do município	I I I I	I	Cultura Opinião Lazer Esporte	Exaltação aos “benemerentes” músicos valencianos, que levam o nome de Valença para outras regiões. Valorização de populares de destaque no esporte.
Especificidades de Valença	I I I I I	I	Cultura Editorial Economia Lazer Esporte	Louvor à cultura local, amor à terra natal, natureza privilegiada, diversidade cultural, vantagens para instalação de indústrias.

*Fonte: edição do *Jornal Local* de 18 de julho de 2013.

Cores iguais representam o mesmo texto, exceto a cor preta, que representa a unidade de texto.

Total de 10 textos que se enquadram em alguma das três categorias. Das 20 páginas desta edição, 7 possuem textos que se enquadram em alguma das três categorias.

3.7 Edição de 25 de julho de 2013

Na primeira página desta edição, somente uma manchete pode ser colocada em uma das três categorias de nossa pesquisa. É interessante dizer que esta notícia foi colocada exatamente no mesmo espaço da capa ocupado pela única notícia mencionada na primeira página da edição anterior possível de ser enquadrada em nossas categorias. Além disso, as fotos das duas notícias são do mesmo tipo.

A matéria desta edição que mereceu destaque na capa, com a manchete “Patrimônio municipal?”, pode ser colocada na categoria *história da cidade e personalidades do município*. Ocupando as duas páginas centrais do jornal, a notícia já demonstra no título o motivo de seu encaixe na categoria *personalidades do município*: “A polêmica situação da Casa do Engenheiro”. Na verdade, esta casa pertenceu ao engenheiro-chefe da extinta 14ª Inspeção de Locomoção da Rede Ferroviária Federal S/A, e por tal motivo é conhecida como Casa do Engenheiro. Vale esclarecer que é muito comum a prática de se colocar nomes de “beneméritos valencianos” em ruas e outros locais do município. Só para se ter uma ideia, citamos a referência que Leoni Iório faz ao Ementário dos logradouros públicos da cidade de Marquês de Valença, onde no trecho de nove páginas encontram-se inúmeras alusões a pessoas que contribuíram para o desenvolvimento de Valença, e por isso foram homenageadas através da escolha de seus nomes para locais da cidade (IÓRIO, 1953, p. 156-164).

Apesar da matéria ter seu foco na disputa judicial, pela posse do terreno onde se encontra a construção, entre a Prefeitura Municipal de Valença, e a família residente na casa, várias vezes é feita menção à relevância do imóvel para a história da cidade. A notícia é iniciada nos dando pistas de tal fato: “Dentre importantes patrimônios valencianos, ainda hoje é evidente a influência da Rede Ferroviária no município através de edificações como a casa pertencente ao Engenheiro-chefe (...)”. E, mais à frente, diz-se: “Atualmente, ocupada por família, a casa tem sido lembrada, pela sua importância histórica (...)” (*JL*, p.10).

Destacamos também a escolha das palavras do subtítulo da notícia, “História e tombamento”, parte onde é resgatada a história da Casa do Engenheiro. A opção pelo uso destes termos indica o peso do passado da cidade em seus dias atuais, além de expor, de certa maneira, o viés saudosista da narrativa do impresso examinado. Ainda neste subtítulo, outro trecho comprova a relevância dada à história da cidade pelo *JL*:

O historiador e chefe do escritório regional do Inepac, Adriano Novaes, narra que a casa faz parte do conjunto arquitetônico do início do século XIX (...). A casa segue arquitetura típica do início do século XX, chamada fase da Belle Époque, rica em termos de produção arquitetônica (*JL*, p.10).

Por fim, é crucial chamar a atenção para a seleção feita sobre o depoimento de Adriano Novaes em relação à questão do tombamento deste imóvel, quando fica nítida a intenção do *JL* de mostrar o passado de Valença como peça primordial na formação da identidade valenciana: “Adriano explica que a principal justificativa para a necessidade de

tombamento de um imóvel é sua importância histórica, onde há bens simbólicos ligados ao imóvel, que envolve a história da cidade e a memória coletiva” (*JL*, p.10).

A notícia sobre a vinda de estrangeiros para a Semana Missionária, entre os dias 17 e 21 de julho, atividade preparatória para a Jornada Mundial da Juventude, ocorrida este ano na cidade do Rio de Janeiro, serve para a análise da categoria *especificidades do município*. Em diversos momentos da narrativa, detectamos frases onde é evidente a tentativa de mostrar os valencianos como um povo amável, hospitaleiro, agradável, além do destaque dado aos pontos turísticos da cidade.

Sobre a percepção do sacerdote diocesano Paul Collun, pela primeira vez em terras brasileiras, em relação à cidade, a matéria fala que ele “se encantou com os valencianos, cultura e hospitalidade local. Sentiu-se muito bem recebido pela família que o hospedou (...)” (*JL*, p.5). Já o voluntário Matheus Slade, “conta que os estrangeiros gostaram muito da cidade e de seus pontos turísticos e do povo, que acharam muito acolhedores” (*JL*, p.5). Esta matéria ainda se sobrepôs por usar repetidas vezes a ideia do adjetivo acolhedor, que inclusive esteve presente em seu último subtítulo, “Famílias acolhedoras”.

Na Editoria Economia, a notícia que pôde ser colocada em uma de nossas três categorias referiu-se à nova direção do Conselho Municipal de Política Agrícola (CMPA). Na verdade, julgamos que esta notícia deveria ser observada por tratar de algumas das *especificidades da cidade*: a importância da produção do meio rural para a economia de Valença, assim como dos líderes destes locais na política do município.

Cabe ainda esclarecer que a referida notícia também serve como elemento de investigação para a categoria *personalidades de Valença*, já que, sutilmente, põe em relevo a presença e as falas de dois personagens: Luiz Sérgio Hipólito Conceição, presidente da nova diretoria do CMPA e importante ator no cenário político agrícola valenciano, e Cyro Guimarães, ex-vereador da cidade, também sempre presente na política do município, hoje presidente interino e secretário municipal de Agricultura, Pesca, Pecuária e Meio Ambiente. Apenas para sustentar nosso comentário, ressaltamos o fato de que, nesta notícia, que ocupou apenas pouco mais de ¼ da página, o nome de Luiz Sérgio, além de estar no subtítulo, foi citado três vezes. Por sua vez, Cyro Guimarães foi mencionado cinco vezes durante o texto (*JL*, p.7).

Na Editoria Cultura, examinamos duas notícias. A primeira refere-se à comemoração de 40 anos de dedicação à pintura do artista plástico Zirley Avila. Após a leitura, notamos que este texto se enquadra em nossas três categorias. Quanto à categoria *especificidades de Valença*, a narrativa do *JL* trouxe desta vez aspectos negativos, ao destacar da fala de Zirley

Avila a opinião de que em Valença há uma lacuna no que tange a espaços destinados às apresentações artísticas. O evento, acontecido na Fazenda Vista Alegre, fez parte da programação do Festival Vale do Café, que remete à época do Ciclo do Café, passado glorioso de Valença. Sendo assim, o texto também serve de material para analisarmos a categoria *história da cidade*. Mais uma vez, volta-se ao passado, numa espécie de retorno sem fim, num ciclo vicioso.

Em relação ainda às *especificidades de Valença*, vale mostrar a citação, que ressalta deficiências da cidade, do comentário do artista Zirley Avila apresentada no texto: “Não só este, mas outros eventos são importantes para a valorização da arte regional. É uma grande oportunidade, pois em Valença há escassez de lugares adequados para as artes plásticas” (*JL*, p. 13). Consideramos, por fim, que esta notícia também nos serve de elemento para analisar a categoria *personalidades do município* por ter como pano de fundo a ideia de que os talentosos artistas valencianos são figuras importantes para a cidade. Afinal, estão sempre levando o nome de Valença, através de sua arte, para outros locais. Prova disso é o seguinte trecho: “Ainda este ano, o artista pretende realizar mostras e levar sua arte a todo o Sul Fluminense. Visitas e exposições em outros estados, também estão nos planos” (*JL*, p.13).

A segunda notícia examinada, na Editoria Cultura, foi colocada nas categorias *personalidades do município* e *especificidades de Valença*. A característica que mais salta aos olhos, quando se trata das notícias desta editoria, é a constante busca por mostrar o trabalho dos artistas de Valença, que são comumente encarados como ilustres valencianos. Outro traço marcante é a referência quase obrigatória à qualidade musical da cidade. Tais percepções são facilmente notadas na notícia “Vermillion volta com seu heavy metal”, de onde destacamos o depoimento do baixista Jon: “É importantíssimo contarmos com as influências das bandas que ouvimos, mas também influências da cidade, pessoas que nos ajudam a trilhar nosso caminho como músicos” (*JL*, p.20).

Tabela 3 – Resumo de dados encontrados na edição de 25 de julho de 2013

Categoria	Nº de textos	Nº de manchetes na capa	Editorias	Ideias
História da cidade	I I I I	I	Cidade Cultura Lazer Esporte	Valorização de prédios históricos, saudosismo, tradição cultural da cidade, lembrança de pessoas do passado.
Personalidades do município	I I I I I I I	I	Cidade Economia Cultura (2x) Lazer Esporte	Homenagem aos beneméritos, menção à “celebridades” políticas, exaltação aos músicos valencianos. Valorização de populares de destaque no esporte.
Especificidades de Valença	I I I I I I I		Cidade Economia Cultura (2x) Lazer Esporte	Louvor à cultura local. Valenciano é acolhedor. Natureza privilegiada (notáveis atrações turísticas), diversidade cultural, poucos espaços destinados à arte.

*Fonte: edição do *Jornal Local* de 25 de julho de 2013.

Cores iguais representam o mesmo texto, exceto a cor preta, que representa a unidade de texto.

Total de 12 textos que se enquadram em alguma das três categorias. Das 20 páginas desta edição, 9 possuem textos que se enquadram em alguma das três categorias.

3.8 Edição de 01 de agosto de 2013

Ao averiguar a primeira página, percebemos que apenas uma matéria destacada neste espaço pode ser colocada em uma de nossas três categorias de análise. A notícia, com a manchete “Obra de respeito”, e o subtítulo “Reforma do Colégio Benjamin Guimarães investe em qualidade”, é acompanhada de foto na capa do periódico. Vale lembrar que o corpo desta notícia ocupou as duas páginas centrais do *Jornal Local* (páginas 10 e 11).

Esta matéria, encaixada nas categorias *história da cidade* e *personalidades do município*, chamou a atenção pelo número de fotos: foram oito imagens coloridas. Destas

fotos, vale mencionar, pela seleção de palavras, as legendas “A inesperada pintura original”, “Antigas ‘Folhas de Julgamento’ foram encontradas pela diretora”, “Escada passa por detalhado processo de restauração” e “Trabalho minucioso dos 86 funcionários da obra”, que já denotam a relevância dada à obra que fortalece, em certo aspecto, não só o “período áureo” de Valença, mas também o valor dos beneméritos valencianos, já que foi o Visconde do Rio Preto o responsável pela finalização deste palacete, em 1867.

O título e o subtítulo desta narrativa já nos deixam vestígios da valorização por parte do *Jornal Local*, no que tange ao passado de Valença. São eles, respectivamente: “Obra de grande porte faz descobertas e devolverá prédio histórico para Valença”, e “Restauração do Colégio Benjamin Guimarães é almejada por décadas e depois de tempo de impasse, trabalho surpreende pelas revelações da construção de outra época”.

O tom de entusiasmo e de comemoração pela reforma da construção é sentido durante todo o texto. Logo no primeiro parágrafo, este viés de comemoração já pode ser observado:

A comunidade escolar já está na contagem regressiva para que o prédio histórico do Colégio Estadual Coronel Benjamin Guimarães seja devolvido totalmente restaurado. Entre os Colégios mais antigos de Valença, e um dos prédios mais importantes para o município, inserido na paisagem cultural no centro da cidade, sua restauração é o marco para toda Valença (*JL*, p.10).

Atraiu nosso interesse também o segundo parágrafo, principalmente seu começo, onde é expressa a atenção dada ao assunto pelo periódico:

Há tempos o *Jornal Local* acompanha a necessidade de ser feita recuperação do patrimônio (...). Com atenção de toda comunidade escolar, sobretudo da diretora Geresa Fort, além da participação em todas as etapas do trabalho de restauração pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), a obra já dá sinais de que, em breve, Valença contará com mais um patrimônio em estado adequado para contar sua história (*JL*, p.10).

A seguir, o texto conta a trajetória do prédio, através das palavras do historiador Adriano Novaes. Vale ressaltar, deste trecho, a parte em que é dado destaque para as pessoas responsáveis pela reconstrução do prédio, que havia sido destruído por um incêndio na noite de 29 de junho de 1901. Na verdade, este fragmento textual demonstra uma das ideias-forças descoberta em nossa pesquisa na bibliografia cânone de Valença, característica esta que tem, a nosso ver, um papel importante na formação da identidade valenciana. É a busca por enaltecer as pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para o progresso do município:

Em 1919, por iniciativa do Presidente do Estado, Raul de Moraes Veiga, é reconstruído no mesmo local o Grupo Escolar Casimiro de Abreu (...). Esta obra só foi possível graças ao empenho do Secretário de Governo, Domingos Mariano de Almeida Barcelos e do Presidente da Câmara Municipal da época, José Hipólito de Oliveira Ramos (...) (*JL*, p. 10).

Como em outras matérias já examinadas em nosso trabalho, o discurso do *JL* faz questão de enfatizar que a história da cidade deve ser encarada como um fator de proeminência. Em outros termos, o passado de glória é visto como uma marca indelével para o lugar. E, talvez no intuito de convencer seus leitores desta sua maneira de encarar os tempos idos, é comum o impresso usar o termo “Centro Histórico” para se referir ao centro de Valença.

E finalizamos a apreciação desta notícia comentando sobre o texto encontrado no subtítulo “Sonho realizado”, onde realçamos o uso da emoção da atual diretora do Colégio Benjamin Guimarães, que funciona no prédio a ser reformado: “É um sonho realizado para nós, para todo professorado que passou por aqui, que viveu isso aqui no tempo áureo e viu isso aqui caído... E agora, ver isso tudo ressurgir, é muito show!” (*JL*, p. 11). É desta forma comemorativa que esta narrativa chega ao fim.

Há uma outra matéria que, numa primeira leitura, não foi elencada por nós para compôr a pesquisa. Porém, após uma reflexão maior, nos atentamos para o fato de que ela poderia ser colocada tanto na categoria *história da cidade*, quanto na *especificidades de Valença*. Trata-se de notícia sobre a queixa de comerciantes do início da Rua Padre Luna, no Centro da cidade, em relação à instalação de local de carga e descarga de mercadorias nesta via. A reclamação, segundo a narrativa, é de que os caminhões, ao estacionarem na rua, em frente às lojas, prejudiquem a visualização dos estabelecimentos comerciais pela clientela, trazendo prejuízo para estes empresários do comércio.

Julgamos pertinente analisar esta notícia por uma questão que emerge em consequência da problematização deste fato, mas que não foi evidenciada no texto. Na verdade, este texto nos fez refletir sobre a polêmica passado *versus* futuro. Em outras palavras, como preservar o centro da cidade, onde encontramos inúmeros prédios e construções históricas de Valença, sem prejudicar, no entanto, a evolução econômica da cidade? A verdade é que as ruas principais deste “centro histórico” não comportam trânsito pesado de caminhões e também não tem estrutura para o estacionamento destes tipos de veículos. Cabe à administração pública estudar a melhor maneira de resolver o problema, sem privilégio de nenhuma parte, sem valorizar demasiadamente o passado, impedindo o processo

de evolução econômica da cidade, mas também sem apagar os rastros históricos componentes da identidade valenciana.

Ainda na Editoria Cidade, destacamos outra matéria. Esta notícia, cujo título escolhido foi “Brasil e Japão juntos em mais um festival”, estava dividida em duas partes, e ambas foram classificadas por nós como pertencentes à categoria *história da cidade*.

A primeira parte desta matéria focou o VI Festival da Cultura Japonesa, que aconteceu em Valença nos dias 27 e 28 de julho. Da narrativa, destacamos o final do primeiro parágrafo – “(...) Anualmente, as culturas brasileira e japonesa se unem para mostrar as potencialidades e influência dos imigrantes japoneses no município e região” (*JL*, p. 5) – para comentar que esta proposta apresentada não se concretizou, já que em nenhum momento o texto mostrou a “influência dos imigrantes japoneses no município e região”.

Além disso, após ler a notícia, algumas observações que nos vêm em mente são: será que falar da cultura japonesa é tão importante para os valencianos para este festival merecer virar notícia? A quem esta notícia interessa, em termos de porcentagem, dentro do grupo da população valenciana? E mais, por volta de 1950, existiam apenas oito famílias japonesas na cidade (IÓRIO, 1953: p.199), será que este número de japoneses em Valença aumentou tanto para tornar a cultura japonesa tão importante para a construção da identidade valenciana?

Ainda vale ressaltar o fato de que, na primeira frase da notícia, o texto diz que o festival “já é tradição do município”. A julgar pela informação de que este é o sexto festival da cultura japonesa em Valença, acreditamos ser muito precoce a consideração de tal evento como uma tradição no município. Supomos que, na verdade, o que leva à realização deste festival, é o peso político da instituição possuidora do núcleo de cultura japonesa de Valença, a Fundação Dom André Arcoverde (FAA), tradicional instituição de ensino superior da cidade.

Destacamos também a parte final do segundo parágrafo:

(...) O Festival reuniu exposição com fotos, vestimentas, bonecas Hina, kojnonori, origami, ikenana, kokeshi, objetos, utensílios e curiosidades da cultura nipônica, apresentação dos notáveis grupos de tambores japoneses, Kamimari Taiko, e Coral Hikari, além do almoço com atrativa culinária (*JL*, p.5).

É importante comentar que, ao falar sobre a cultura japonesa, como neste trecho, a narrativa não evidenciou como esta cultura fez e/ou faz parte da cultura valenciana.

Da segunda parte desta matéria, salientamos o subtítulo “Fazenda Vista Alegre brilhou o evento”, não só por ele dar notoriedade para uma das fazendas históricas de

Valença da época do Ciclo do Café, mas também pela escolha do termo “abrilhantou”, que nos remete a uma ideia de luxo, de suntuosidade, comumente ligada a este período do passado da cidade.

A notícia enfoca o Festival Vale do Café 2013, evento anual que exalta e não nos deixa esquecer a época do século XIX em que a região sul-fluminense, e diga-se de passagem Valença, ganhou proeminência como grande produtora de café do Brasil. Novamente, as páginas do *Jornal Local* transpiram saudosismo:

Foi no sábado, dia 27, que a Fazenda Vista Alegre abriu seus portões para abrilhantar a edição 2013 do Festival Vale do Café. Com uma programação que se estendeu por quase duas semanas, o festival (...) trouxe á região shows de destaque (...), além de extensa variedade de apresentações levadas aos municípios integrantes do festival (*JL*, p.5).

Seguindo nossa verificação, passaremos para a crítica de matéria referente à tradicional Festa de Nossa Senhora da Glória, padroeira da cidade. Após a leitura, constatamos que a narrativa pode ser classificada nas categorias *história da cidade* e *personalidades do município*. O que mais se destaca neste texto é o realce à tradição da festa e também à sua importância histórica, ao ser mencionado o tempo de existência da comemoração: “Simplicidade marca os 200 anos da paróquia”.

Em relação à categoria *personalidades do município*, cumpre dizer que esta matéria não se mostrou elogiosa a estas “figuras e/ou instituições ilustres”, apenas citou a participação das mesmas no evento, como é o caso da Associação Balbina Fonseca, instituição que carrega a forte lembrança de seu fundador, benemérito José Fonseca. Esta instituição apenas foi citada para informar sobre a apresentação da banda de percussão na programação da festa.

Tabela 4 – Resumo de dados encontrados na edição de 01 de agosto de 2013

Categoria	Nº de textos	Nº de manchetes na capa	Editorias	Ideias
História da cidade	I I I I I	I	Cidade (4x) Lazer Esporte	Valorização de prédios históricos, ufanismo, saudosismo, busca por evidenciar a glória da época do ciclo do café, relevância da cultura japonesa para Valença, tradição e importância histórica da Festa da Glória. Tradição cultural da cidade, lembranças de pessoas do passado.
Personalidades do município	I I I I	I	Cidade (2x) Lazer Esporte	Exaltação aos beneméritos valencianos, aos músicos da cidade e a populares de destaque no esporte.
Especificidades de Valença	I I I I I		Cidade Educação (2x) Lazer Esporte	Singularidades educacionais de Valença. Existência de curso de medicina na FAA. Natureza privilegiada, e diversidade cultural.

*Fonte: edição do *Jornal Local* de 01 de agosto de 2013.

Cores iguais representam o mesmo texto, exceto a cor preta, que representa a unidade de texto.

Total de 12 textos que se enquadram em alguma das três categorias. Das 20 páginas desta edição, 10 possuem textos que se enquadram em alguma das três categorias.

3.9 Edição de 08 de agosto de 2013

A capa desta edição contém somente uma notícia que poderia ser colocada em uma das três categorias. Mas, o fato de este texto ter sido colocado em um encarte publicitário denominado “Caderno de Agosto”, componente do “Projeto Caderno de Negócios e Marketing”, nos impede de analisá-lo, visto que partimos do princípio de que esta narrativa não pode ser considerada um trabalho jornalístico. A nosso ver, esta notícia deveria estar na

Editoria Cidade, ou na Editoria Cultura, por tratar de evento importante para a cidade, a Festa de Nossa Senhora da Glória, a padroeira da cidade.

Com relação ao artigo “Ziguezagueando”, de autoria de Patrícia Rocha, podemos dizer que ele se notabilizou por uma característica marcante: o uso acentuado de adjetivos, como “linda” (duas vezes), “tamanho” “exímios”, para se referir aos músicos do conjunto “Época Encantada”, “ótima”, “maravilhosos”, “deliciosa”(duas vezes), “de qualidade” e “fantástica”. O tom elogioso na narrativa, que fala sobre artistas valencianos, é facilmente perceptível, tornando-se até enfadonho.

Outro traço deste texto, classificado na categoria *personalidades do município*, é a intenção declarada de fomentar nos valencianos um sentimento ufanista, e de incentivar a glorificação dos grandes vultos valencianos, fato evidenciado já no primeiro parágrafo:

(...)Recomeço com uma forma de exaltação às iniciativas culturais, sem propósitos financeiros ou políticos, realizadas simplesmente para manter acesa a chama de artistas que merecem ser lembrados e respeitados e mais, para nos encher de orgulho de sermos valencianos (*JL*, p. 16).

A seguir, no segundo parágrafo, Patrícia Rocha escreve:

O último fim de semana foi inspirador... Graças à iniciativa de três pessoas que abrem as portas de sua “Casa Encantada”, em Conservatória, para enaltecer artistas da música popular brasileira. Desta vez, o concerto foi sobre a linda obra de Jacob do Bandolim. Sessenta expectadores (*sic*) atentos e quase seis horas de música e história que nos permitiram conhecer mais sobre o choro, a música popular brasileira, e sobre a nossa cultura. Romeu, Ricardo e Rita estão de parabéns pela tamanha generosidade em dividir com o público este momento. De parabéns, também, os exímios músicos do conjunto “Época Encantada” (...) (*JL*, p. 16).

Por sua vez, o terceiro parágrafo, situado no subtítulo “E não para por aí...”, revela no texto o intuito de mostrar a “benemerência” dos artistas valencianos, que se apresentam sem cobrar nada por isso, tendo por motivação apenas o amor à arte:

São apenas trinta e quatro quilômetros de estrada (...) que nos separam de Conservatória e desses movimentos culturais maravilhosos. Como por exemplo o Serenoite que acontece toda sexta e sábado, das 21 às 23 horas, na Rua do Meio, e reúne músicos de ponta interpretando o melhor da música popular brasileira de todos os tempos. Logo após, a serenata “invade” as ruas do distrito histórico. No sábado (...) acontece o Chorinho na Praça, das 11 às 13 horas. O melhor do choro e do samba numa versão popular deliciosa e que abre espaço para os apreciadores da música mostrarem seus talentos. E pasmem... tudo isso, sem que eles ganhem um centavo. É um movimento pró-cultura, cheio de dedicação e amor (*JL*, p. 16).

Cabe também mencionar o comentário feito por Patrícia Rocha sobre a *fanpage* de Rosinha de Valença, artista da cidade, já falecida, muito conhecida no cenário musical:

(...) Homenagem mais que esperada. Neste espaço, podemos saber um pouco mais sobre a história dessa fantástica artista que (...) lançou o nome de Valença mundialmente. São textos e fotos que contam a trajetória da artista, que, em minha opinião, deveria ser reverenciada e lembrada com todas as honras que merece (...) (*JL*, p. 16).

Vale ressaltar que no texto também podemos perceber a defesa de Patrícia Rocha em favor do reconhecimento da artista em questão.

Por fim, é crucial salientar que Patrícia Rocha fez em seu artigo exatamente aquilo que Marcondes Filho (2002) defende ser a base de sustentação da maioria dos textos jornalísticos, que é o uso dos estereótipos, dos clichês. Afinal, esta narrativa do *Jornal Local* seguiu justamente todos os lugares comuns em relação aos temas tratados.

Nesta edição, a notícia que mais nos chamou atenção tratou da reedição do livro “Valença de ontem e de hoje”, de Leoni Iório. Vale dizer que, coincidentemente, a primeira edição desta obra foi uma das referências bibliográficas de nossa pesquisa, onde pudemos levantar ideias-força sobre a identidade valenciana para compararmos com o discurso do *Jornal Local*. A matéria, encaixada nas categorias *história da cidade e personalidades do município*, destacou-se, num primeiro momento, pelo tamanho ocupado, já que tomou conta de uma página inteira do jornal.

Em seguida, seu título “Aclamada obra de Leoni Iório será relançada no dia 14 de agosto”, nos fornece uma amostra do “clima de comemoração” predominante na narrativa, assim como assinala a importância dada ao autor e a sua obra. Tais observações também são claramente mostradas no primeiro parágrafo do texto:

Há exatos sessenta anos foi lançado um dos livros mais importantes para o município. O afamado “Valença de Ontem e de Hoje”, de autoria de Leoni Iório, conta a história do município até o ano de 1952. Esgotado há décadas, o livro será relançado nesta próxima quarta-feira (14), na livraria Cia do Livro, e já cria grandes expectativas na população, como também aos historiadores e até para os gestores da livraria (*JL*, p.15).

No segundo parágrafo, através da referência feita sobre o comentário de Jorge Iório, notamos, a tentativa de sempre exaltar os “valencianos ilustres”, como é o caso de Leoni Iório. Assim como em outros textos, há a busca do fomento ao amor à terra natal, por meio da

valorização do passado. É o saudosismo mais uma vez se fazendo presente no discurso do periódico:

A ideia do relançamento do livro surgiu há cinco anos, através do filho de Leoni, Jorge Iório, que mesmo não sendo valenciano, reconhece a importância da obra. Foi com o objetivo de manter viva a memória de seu pai e resgatar fatos hoje desconhecidos sobre a cidade, a fim de contribuir para preservação e conhecimento da história às futuras gerações (*JL*, p. 15).

Mais a frente, mais saudosismo e mais glorificação à grande personalidade do texto, Leoni Iório:

Jorge está otimista com a reedição do livro, em função da importância da obra de Leoni (...). A ideia de relançar o livro durante a Festa da Glória, cujas origens são narradas por seu pai num dos capítulos do livro, é porque neste ano o livro completa exatos sessenta anos do lançamento da primeira edição, em 1953. “(...)Vejo o relançamento da obra como merecidas homenagens à memória de meu pai e à preservação da história da cidade de Valença”, e já tem conhecimento da grande expectativa da população (...) (*JL*, p. 15).

É interessante como o *JL* faz proveitoso uso das falas de suas fontes para, na verdade, dizer o que pensa, como faz no trecho onde Jorge Iório menciona um ensinamento dado por seu pai: “(...) o futuro de cada um e de cada localidade é espelhado na visão e na importância que damos ao nosso passado, e ao conhecimento que conseguimos acumular sobre o chão onde nascemos” (*JL*, p. 15). Da parte que consta no subtítulo “História imprescindível”, salientamos que a narrativa busca a figura do historiador Raimundo Mattos para dar credibilidade à suas ideias a respeito dos temas abordados na matéria.

Tabela 5 – Resumo de dados encontrados na edição de 08 de agosto de 2013

Categoria	Nº de textos	Nº de manchetes na capa	Editorias	Ideias
História da cidade	III		Cultura Lazer Esporte	Amor à terra natal, saudosismo, relevância histórica da Festa da Glória. Tradição cultural da cidade, lembranças de pessoas do passado.
Personalidades do município	III		Opinião Cultura Lazer Esporte	Forte adjetivação. Benemerência dos artistas. Exaltação aos músicos valencianos e a populares de destaque no esporte. Necessidade de reconhecimento dos grandes artistas de Valença.
Especificidades de Valença	II		Lazer Esporte	Natureza privilegiada, e diversidade cultural.

*Fonte: edição do *Jornal Local* de 08 de agosto de 2013.

Cores iguais representam o mesmo texto, exceto a cor preta, que representa a unidade de texto.

Total de 8 textos que se enquadram em alguma das três categorias. Das 20 páginas desta edição, 4 possuem textos que se enquadram em alguma das três categorias.

3.10 Edição de 15 de agosto de 2013

Ao examinar a capa desta edição, percebemos que apenas uma notícia, cuja manchete é “Festa da Glória”, pode ser classificada como pertencente a nossa área de pesquisa. A notícia em questão pertence as categorias *história da cidade* e *personalidades do município*, e foi publicada na primeira página com uma pequena foto, ao lado direito da logomarca do *Jornal Local*.

Esta notícia ocupou as páginas centrais (10 e 11) e ganhou notoriedade pela quantidade de fotos, que ao todo, foram nove. A narrativa apresentou um viés de crítica às mudanças ocorridas na festa, principalmente à iniciativa da organização do evento de mudar o tipo de música das apresentações. Afinal, este ano, os shows ficaram por conta de artistas da

música gospel, e os artistas valencianos não estavam na programação oficial, como nos anos anteriores da festa.

O texto se resumiu a um único parágrafo, escrito com uma letra visivelmente maior do que aquela comumente usada no periódico. Para ilustrar nossos comentários, transcrevemos a notícia:

A festa da padroeira de Valença (...) aconteceu de forma serena (...). Os barraqueiros pleiteavam estender a festa (...) até o fim de semana (...) a fim de aumentar os lucros. Músicos valencianos se apresentaram em algumas barracas, sendo que em algumas ocasiões foram impedidos pela organização, mesmo durante o dia e com som baixo. Atrações culinárias diversas puderam ser conferidas no Pavilhão Leoni, e diversos corais deram show no interior da Igreja Catedral. Com uma festa visivelmente sem o mesmo fluxo de anos anteriores, resta esperar passar o momento de transição pelo qual o município atravessa, ou se acostumar com as mudanças da atualidade (*JL*, p.10).

Vale destacar também algumas legendas das fotos da matéria, onde podemos perceber uma busca pela valorização do passado da cidade e, principalmente, a tentativa de enaltecer os artistas de Valença: “Felipe e Guilherme: inconformados pelo excesso de controle”⁴⁰, “Volta ao passado: a poeta Nícia Cadinelli e a bibliotecária Márcia Cristina ficaram encantadas com a mostra fotográfica de Ricardo Reis”, “Noite das tortas: show artístico também nas culinárias do Pavilhão Leoni”, “Estátua viva: alegria das crianças e um dos pontos altos da festa”, “Fred Ielpo ao lado da mãe na Cantina Água na Boca, que salvou a galera mais jovem com apresentações de músicos da cidade”⁴¹, “Talento: a vocalista Carol Morito encantou cantando brilhantemente na cantina”.

Na coluna de opinião intitulada “Parangolés”, de autoria do editor do *Jornal Local*, Gustavo Abruzzini de Barros, dois de seus comentários se encaixam em alguma das três categorias criadas em nossa pesquisa. Em duas de suas notinhas, colocadas nas categorias *personalidades do município e história da cidade*, podemos perceber, como sempre, o intuito de lembrar de “valencianos de destaque”. A primeira delas, com o título “Bate papo”, diz:

Inclusive, na estreia do “Encontro na Biblioteca”, na presença de João Ewerton, secretário Municipal de Cultura, escritores, músicos, historiadores e pensadores da cidade concluíram que na sua essência nossa festa é, além de religiosa, social. Momento de encontros, muita conversa e entretenimento (*JL*, p.2).

⁴⁰ Felipe e Guilherme são músicos valencianos.

⁴¹ Fred Ielpo é artista de Valença.

Relevante se faz esclarecer que colocamos esta nota também na categoria *história da cidade* por ela mencionar uma tradicional festa da cidade, a Festa da Glória. Através da utilização do pronome “nossa”, que nos passa a ideia de que ele quis dizer ser a festa uma manifestação *genuinamente* valenciana, podemos concluir a tentativa de instigar seus conterrâneos a um sentimento ufanista.

Logo após esta nota, vem o comentário “Bate papo II”, onde é possível enxergar a busca em defender a ideia de que em Valença há mentes pensantes, digamos assim, além de ser uma cidade onde a cultura é acessível:

O primeiro evento na biblioteca foi sucesso, tendo se estendido por quase três horas de profícuos debates. Na oportunidade, o secretário anunciou ter conquistado para a centenária biblioteca a ocupação do espaço térreo do prédio da antiga cadeia. Foi muito aplaudido (JL, p.2).

Já o artigo “A festa”, de Gilberto Monteiro, é extremamente revelador para o intuito de nossa pesquisa. Classificado nas categorias *história da cidade e personalidades do município*, o texto apresenta dois momentos bem marcados da Festa da Glória: o ontem e o hoje. Até o oitavo parágrafo, Gilberto Monteiro se dedica a contar, com um tom poético e saudosista, como a festa se configurava antigamente:

(...) Rapazes e moças que se deliciavam com o lúdico (...). O carrossel apelidado de cavalinho de pau, que rodava lentamente. Quase tão lento como os poucos carros de então, que até circulavam em algumas ruas festivas (...). Missa das dez, toda cantada. À tarde, Nossa Senhora da Glória, braços aos céus e de flores circundada, passeava pelas ruas. Era a procissão. E todas as escolas vinham caminhando para participar. Fogos de todas as cores, muitos gritos de “Viva Nossa Senhora da Glória!”. E ela se recolhia de novo à Catedral, depois de ser seguida pelo povo, pelo prefeito, por deputados, pela esposa do prefeito. Um baile popular, ali no alto do Jardim de Baixo (...) (JL, p.15).

Já a partir do décimo parágrafo, a narrativa fala sobre a atualidade:

O trânsito emperra, se são tantos os carros. (...) Os jovens chegam lá pelas vinte e três horas (...). Hoje, os banheiros químicos e aquele arremedo de banheiro no Jardim de Baixo vão desapertando os festeiros que, num tempo passado, batiam nas portas solicitando para fazê-lo. (...) Mas a festa continua. A emoção de estarmos com a padroeira na rua é a mesma. Os fogos também. (...) A festa continua porque estamos aí e, quem faz a festa somos nós. Os tempos mudaram. Nós mudamos (...) A festa, a nossa grande festa, pode, ainda, ser melhor: mais banheiros, barracas mais apresentáveis, melhor iluminação, vigilância sanitária, mais segurança (...) A festa não piorou, mas, sim, os tempos mudaram. Ela continua aí e é natural sentirmos saudades de outras festas (...) Nós fazemos a festa. Ela não é da igreja e nem da prefeitura. É nossa... O tempo é outro e precisamos cair na real: a festa somos nós e “organizadinha” demais, ela pode ficar chata (JL, p. 15).

Em relação à categoria *personalidades do município*, destacamos o quarto parágrafo, onde é notável a reverência feita em tempos idos às famílias e instituições valencianas, mas que ainda hoje é possível ser percebida: “Os casais, as crianças circulando. Os leilões concorridos levando a cada noite *o nome de uma família ou instituição*. Muito frango assado! A banda toda uniformizada tocando dobrados (...)” [grifos meus] (*JL*, p. 15). Por fim, é relevante mencionar que o substantivo “emoção” foi usado quatro vezes durante todo o artigo, o que denota que a Festa da Glória é assunto que traz à tona uma série de sentimentos para os valencianos.

Outro texto que deve ser alvo de nossas ponderações é o artigo de Patrícia Rocha, presente nesta edição, que encaixamos na categoria *personalidades do município*. O artigo, intitulado “Choro e samba”, segue os mesmos padrões do artigo de Patrícia Rocha publicado no exemplar anterior do *JL*, ou seja, tem o mesmo caráter de enaltecimento dos artistas e da cultura valenciana, além de ter um discurso entusiasmado, na tentativa de envolver quem o lê. Já no primeiro parágrafo da narrativa tais fatos são claros:

Um sucesso! Assim podemos traduzir o lançamento do CD volume um do Chorinho na Praça, que aconteceu (...) em Conservatória. Canções clássicas do choro (...) fizeram parte do repertório que emocionou e contagiou o público presente (...). Realmente um belíssimo espetáculo! (*JL*, p. 17)

Ainda sobre o texto deste artigo, não podemos deixar de enfatizar o uso do ponto de exclamação, por três vezes, o que denota a intenção de entusiasmar a leitor.

Tabela 6 – Resumo de dados encontrados na edição de 15 de agosto de 2013

Categoria	Nº de textos	Nº de manchetes na capa	Editorias	Ideias
História da cidade	I I I I I I I I	I	Cidade Opinião (3x) Cultura Lazer Esporte	Crítica à organização da Festa da Glória. Valorização do passado, ufanismo, relevância da Festa da Glória para Valença, saudosismo, passado <i>versus</i> presente. Tradição cultural da cidade, lembranças de pessoas do passado.
Personalidades do município	I I I I I I I I	I	Opinião (3x) Cultura (2x) Lazer Esporte	Valença tem importantes “pensadores”. Reverência às famílias e instituições tradicionais. Uso do ponto de exclamação, para entusiasmar leitor. Exaltação aos músicos valencianos e a populares de destaque no esporte.
Especificidades de Valença	I I		Lazer Esporte	Natureza privilegiada, e diversidade cultural.

*Fonte: edição do *Jornal Local* de 15 de agosto de 2013.

Cores iguais representam o mesmo texto, exceto a cor preta, que representa a unidade de texto.

Total de 12 textos que se enquadram em alguma das três categorias. Das 20 páginas desta edição, 8 possuem textos que se enquadram em alguma das três categorias.

3.11 Edição de 22 de agosto de 2013

Na capa deste exemplar, encontramos duas manchetes de notícias que podem ser colocadas em uma de nossas três categorias. A primeira, classificada nas categorias *história da cidade* e *personalidades do município*, com foto e localizada na parte superior, a direita, possui duas manchetes: “ Devolução dos mandatos dos deputados cassados em 1948”, e “Valenciano Gervásio Gomes de Azevedo está entre os homenageados e tem memória resgatada e reconhecida, em Brasília”.

A segunda matéria, cuja manchete é “Jovens cantam Clementina”, classificada nas categorias *história da cidade* e *personalidades do município*, foi publicada acompanhada de

pequena foto. Esta narrativa, localizada na contracapa do impresso, se dedicou à mostra “Valença canta Clementina”, ocorrida na Praça Visconde do Rio Preto (Jardim de Cima), nos dias 23 e 24 de agosto.

O comentário crucial sobre esta notícia é que esta foi a *primeira* matéria do *JL* que evidenciou a herança cultural deixada pelos negros que trabalhavam em regime escravo nas fazendas cafeeiras de Valença. Mas, ainda chamamos a atenção para o fato de que, na narrativa, há muito mais a valorização individual da artista Clementina do que da cultura negra em si. Em outras palavras, além da exposição desta herança cultural negra ser rara, quando isso ocorre, ainda é de uma maneira muito personalista, apesar de, em alguns trechos da reportagem, quando é evidenciada a fala de João Ewerton, secretário municipal de cultura e turismo, ser mencionada a herança da “mãe África”. Vale dizer que julgamos pertinente colocar este texto na categoria *história da cidade* pelo fato de Clementina de Jesus já fazer parte da trajetória histórica de Valença.

A busca pela valorização dos novos artistas de Valença também pode ser facilmente percebida, como ocorre no segundo parágrafo:

Com direção geral de João Ewerton (...) a mostra procurou dar liberdade às bandas para imprimirem nas releituras a sua cara, mantendo os estilos originais das mesmas (...). Essa é a proposta da organização: “Para homenagear essa diva de nossa música, optamos pela releitura das músicas de domínio público do jongo, do canto dos escravos, etc, pois representam o grande diferencial de Clementina no cenário musical brasileiro e a nossa ligação com a mãe África”, explicou João Ewerton (*JL*, p. 20).

Ao trazer mais um comentário de João Ewerton, fica óbvio o caráter personalista da narrativa:

“A Mostra é uma oportunidade de revisitar a obra de Clementina de Jesus, um ícone brasileiro com renome internacional e, por esse motivo trazemos à cena a referência musical dessa grande figura da nossa música, que deu o peso ancestral de sua voz para remeter a uma África que estava diluída em nossa cultura e que, com tia Quelé, é evocada subitamente nos cânticos, na memória absorvida por Clementina da sua mãe, filha de escravos. Clementina surgiu como o elo perdido entre a moderna cultura brasileira e a África ancestral esquecida”, afirmou João Ewerton (*JL*, p.20).

Outra notícia que consta na primeira página desta edição do *JL*, pode ser colocada nas categorias *história da cidade* e *personalidades do município*. Interessante foi constatar que o discurso do texto, desta vez, não exaltou Gervásio Gomes de Azevedo, o personagem principal desta notícia. A narrativa apenas contou o ocorrido sem florear muito o texto, talvez

pelo fato de esta matéria tratar também de outros grandes brasileiros como Jorge Amado e Carlos Marighella. Do corpo da notícia, merece ser lembrado seu primeiro parágrafo, único trecho que mostrou maior grau de dramaticidade e uma exaltação ao personagem principal do texto:

A Câmara dos Deputados realizou sessão solene, na terça-feira (13) para devolver simbolicamente os mandatos dos quatorze deputados federais do Partido Comunista do Brasil (PCB) cassados em 1948. Entre os agraciados, nomes emblemáticos como Jorge Amado, Carlos Marighella e João Amazonas; e um que diz muito a mal contada história de Valença: Gervásio Gomes de Azevedo. Comunista convicto, Gervásio enfrentou as agruras da vida em constante perseguição política e até mesmo de seus direitos civis, cujo ponto alto foi a covarde cassação de um mandato conquistado nas urnas. Valenciano, nascido em Santa Isabel do Rio Preto, Gervásio morreu, em Valença, vítima de um disparo de arma de fogo há exatamente cinquenta anos, coincidentemente em 13 de agosto de 1963 (*JL*, p.16).

Devemos destacar que ao lado da narração do fato, há um box, com o título “Esquecido pela história oficial”, onde é possível ler uma pequena biografia de Gervásio Gomes de Azevedo. Desta parte, retiramos fragmento que tenta expor a importância deste valenciano no cenário político nacional. Entretanto, é inescapável comentar que nesta narrativa não houve excessos de elogios, forte presença de adjetivos ou outras constatações já realizadas em outras notícias do *JL*. Ao contrário, o texto do box ao qual nos referimos seguiu exatamente as diretrizes determinadas para produções jornalísticas. Foi conciso, direto, objetivo, apenas falando o essencialmente necessário:

Quando voltou da guerra, se candidatou a deputado federal e se elegeu para a Constituinte que se formava, até que em 1948, foi cassado. O jornal americano *The Daily News* de 1º de agosto de 1948 destacou em sua primeira página matéria acerca da cassação, citando nominalmente a atuação de Gervásio naquele dia, inclusive expressando que dos quatorze cassados, apenas quatro reagiram sendo ele um dos mais contundentes (*JL*, p.16).

Por fim, pudemos averiguar que, apesar do texto do box possuir um estilo sóbrio, seu fechamento assume um tom levemente poético, ao dizer que “Em Valença, seu nome ficou gravado numa pequena rua, no bairro de Fátima” (*JL*, p.16). Vale lembrar que, esta forma de homenagem, de colocar em locais públicos de Valença nomes de seus “filhos ilustres”, é muito comum, como comprova documento citado por Leoni Iório em sua obra “Valença de Ontem e de Hoje – 1789-1952” (1953, p. 156-164).

Merece nossa atenção também a notícia desta edição que aborda a realização da Festa da Glória. A narrativa, encaixada na categoria *história da cidade*, se dividiu em duas

partes. A primeira parte, tratou de evidenciar a opinião de fonte oficial que, neste caso, foi o presidente da comissão organizadora da festa, Cláudio de Oliveira Carlos. Vale chamar a atenção para o título desta parte, que usa um trecho do que Cláudio de Oliveira Carlos falou sobre o evento: “Festa da Glória: ‘Mais bonita, mais limpa e mais organizada’”. Já no título, percebemos o tom elogioso que percorrerá todo o corpo do texto. Afinal, esta parte da narrativa baseou-se, majoritariamente, na fala de Cláudio de Oliveira Carlos. Logo no primeiro parágrafo, podemos colher vestígios deste fato:

Apesar da sentida ausência de shows musicais pela população, o evento apresentou saldo positivo após seu término, segundo organizadores, barraqueiros e parte da população. A tranquilidade e a segurança foram motivo de elogios dos valencianos, e a necessidade de um banheiro específico, alvo das sugestões dos barraqueiros (*JL*, p.17).

Já na segunda parte da notícia, cujo título é “Reencontros e sugestões” a maior parte do texto se concentrou em discorrer sobre as reclamações feitas a respeito da Festa da Glória, principalmente aquelas feitas por barraqueiros. Chamamos atenção para o fato de o *JL* classificar as queixas de “sugestões”, como pode ser percebido no título deste fragmento da narrativa.

Somente os dois primeiros parágrafos trataram do tema “reencontros”. Interessa-nos apenas evidenciar o primeiro parágrafo, no qual é notável a tentativa de ressaltar a importância da Festa da Glória para os valencianos:

Na Festa da Glória, sempre marcada por encontros e reencontros, muitos foram os valencianos que estiveram visitando amigos e revendo familiares, como Almir Mazzeo, que veio de Palmas no Tocantins e matou a saudade (...) algo que só a Festa da Glória oferece e tem se tornado tradicional (*JL*, p. 17).

O último texto focado desta edição foi o artigo, de autoria de Sônia Mautone Rachid, “Um olhar para cada geração”, cujo tema central é a Festa da Glória. Neste texto, classificado na categoria *história da cidade*, é patente a relevância dada a esta festividade pelos valencianos, em outras palavras, só pela quantidade de notícias e artigos, achados no periódico, que se referem à Festa da Glória, podemos concluir que ela é um dos fatores que delineiam a identidade valenciana que emerge das páginas do *Jornal Local*. Destacamos do artigo de Sônia Mautone Rachid o segundo parágrafo, muito contundente com nossa argumentação:

Pois bem, baseando-me em tantos comentários que ouvi sobre a Festa da Glória, penso que é curioso, e até alvissareiro perceber, que todos se interessam e opinam sobre como foi a cada ano a popular Festa da Glória. É inegável que faz parte da memória coletiva dos valencianos, não importa que religião você tenha hoje, que a Festa da Glória é a maior manifestação cultural de nossa cidade. Celebração religiosa que comunga com a festa pagã e lá se vão 177 anos. Considero o mais valoroso Patrimônio Cultural Imaterial de Valença (*JL*, p.2).

O texto segue contando os tempos passados da festa, e, fato inesperado ocorre no fim do terceiro parágrafo. Os negros valencianos, quase invisíveis no discurso do *Jornal Local*, e mais ainda, a escravidão tão marcante no passado da cidade, mas esquecida nos momentos quando se resgata esta época no periódico, é lembrada neste trecho da narrativa: “(...) Apesar da sociedade hierárquica, a manifestação de fé permitia misturar barões, o clero, famílias nobres com os pobres e os escravos” (*JL*, p.2).

No quarto parágrafo, vem o saudosismo, comumente presente no impresso:

(...) Outro dia mesmo a gente fazia roupa nova para festa e para o baile e durante o dia tinha nas ruas da cidade, as emocionantes corridas de bicicletas e de motos. As famílias tradicionais retornavam a Valença, era o apogeu de reencontros e memoráveis reuniões com amigos (que só se viam na festa...) (...). Tempos idos e inesquecíveis para várias gerações. Voltemos... (*JL*, p.2).

Entretanto, a partir deste trecho, a narrativa muda sua trajetória, e o saudosismo dá lugar à ideia de que é preciso se adequar às mudanças vindas com o passar do tempo:

E eu pergunto: Hoje a Festa da Glória evoluiu? Retrocedeu? Ficou melhor ou pior?... Penso que apenas mudou, adaptou-se aos novos tempos. Não adianta saudosismo nesta hora de reflexão. Tudo passa, as transformações sociais e culturais se resumem nestas renovações. Adaptação e desapego talvez sejam as atitudes lógicas que vão nos pautar para conviver com revoluções instantâneas que presenciamos no nosso dia a dia (...) (*JL*, p.2).

Fica claro, desta maneira, a “indecisão” da autora do texto: ora ela demonstra preferir o passado, ora ela mostra predileção pelo presente.

Tabela 7 – Resumo de dados encontrados na edição de 22 de agosto de 2013

Categoria	Nº de textos	Nº de manchetes na capa	Editorias	Ideias
História da cidade	I I I I I I	I I	Cultura Economia Memória Cidade Opinião Lazer Esporte	Herança dos negros na cultura valenciana. Passado <i>versus</i> futuro. Falta de imóveis comerciais no centro, consequente do tombamento da área. Importância de valenciano na política nacional. Elogios à Festa da Glória <i>versus</i> reclamações sobre o evento. Importância da Festa da Glória para valencianos. Menção aos escravos negros de Valença no século XIX. Saudosismo. Passado <i>versus</i> presente. Tradição cultural da cidade, lembranças de pessoas do passado.
Personalidades do município	I I I I	I I	Cultura Memória Lazer Esporte	Viés personalista, que privilegia a figura do artista. Valorização dos novos artistas da cidade. Colocação de nomes de beneméritos valencianos em locais públicos. Exaltação aos músicos valencianos e a populares de destaque no esporte.
Especificidades de Valença	I I I		Economia Lazer Esporte	Alto preço de aluguéis de imóveis no centro comercial. Natureza privilegiada, e diversidade cultural.

*Fonte: edição do *Jornal Local* de 22 de agosto de 2013.

Cores iguais representam o mesmo texto, exceto a cor preta, que representa a unidade de texto.

Total de 10 textos que se enquadram em alguma das três categorias. Das 20 páginas desta edição, 9 possuem textos que se enquadram em alguma das três categorias.

3.12 Edição de 29 de agosto de 2013

Na primeira página dessa edição, uma matéria de nosso interesse foi publicada. Sua manchete “Distritos voltam a sonhar com emancipação”, foi seguida do subtítulo “Vereadores ligados a distritos valencianos de Barão de Juparanã e Conservatória/Santa Isabel trabalham pela ideia da separação de Valença”. Esta notícia foi encaixada na categoria *história da cidade*, e destacou-se por ocupar uma página inteira do *JL*.

É interessante esclarecer que optamos por colocar a notícia sobre a busca pela emancipação de dois dos distritos de Valença na categoria *história da cidade*, por saber que esta ideia é antiga. Inclusive, vale lembrar que o distrito de Conservatória já pertenceu durante o período de 1944 a 1948, a Barra do Piraí, município vizinho a Valença (IÓRIO, 1953, p. 261).

Entretanto, ao examinar a notícia, verificamos que o enfoque dado ao assunto foi político, e não histórico, como esperávamos. Sendo assim, decidimos colocá-la também na categoria *personalidades do município*. O simples fato de a matéria ter sido colocada na Editoria Política, já sinalizou no sentido de que esta seria a angulação dada ao texto. O título “Vereadores defendem emancipação de distritos”, e o subtítulo “Eles acreditam que Projeto de Lei Complementar do Senado vai facilitar o desmembramento” também apontam nessa direção.

Apenas para fins ilustrativos, mostremos os dois primeiros parágrafos da notícia, onde é possível notar nossa observação de que a narrativa tem como característica marcante o personalismo:

Valença – O morador do segundo maior município do estado é sempre lembrado que as enormes distâncias sempre criaram grande dificuldade para a população, em especial, para os habitantes dos distritos. Mas, o que aconteceria se três deles se emancipassem político-administrativamente? E esse desmembramento é possível? De acordo com o vereador juparanaense, Naldo (PMDB), e o conservatoriense Fábio Antônio Jorge (PTB), sim! Para fazer esta afirmação, eles se baseiam no Projeto de Lei Complementar 416/2008 (...). Segundo os parlamentares, há grandes chances de que distritos populosos e com vocações econômicas definidas consigam alcançar a sua independência (...) (*JL*, p.5).

Seguindo em frente com nossa análise, há um texto na sessão de cartas que pode ser colocado na categoria *personalidades do município*. O texto, intitulado “Memória”, e assinado por Karla, Fernanda e Paloma Oliveto (Brasília-DF), merece ser reproduzido na

íntegra por comprovar uma das peculiaridades do discurso do *Jornal Local*, que sempre engrandece, enaltece e dá destaque a ‘ilustres valencianos’, ‘filhos queridos’ da cidade:

As netas do deputado federal Gervásio Gomes de Azevedo agradecem o trabalho exímio do jornalista Gustavo Abruzzini, que tem *resgatado a memória* política de Valença em seu incansável trabalho de jornalista investigativo, seja com escritor do livro “A Imprensa Valenciana”, seja no dia a dia da reportagem e edição do *Jornal Local* [grifos meus] (*JL*, p.2).

Sobre o artigo “Valença em memórias”, de autoria de Hélio Suzano, classificado na categoria *história da cidade*, começamos a verificação chamando a atenção para a utilização da palavra memória(s) na narrativa. O uso deste substantivo por oito vezes (contando com o título) na narrativa é sintomático da busca por uma autoafirmação de uma identidade valenciana que tem como característica marcante o passado. O tom saudosista e exaltador das qualidades valencianas também é dado pelo uso de adjetivos, como “grandes” (quatro vezes), “notáveis” (duas vezes), além de expressões como “destino promissor” e “glórias do passado”, e outros substantivos como “conquistas” e “heróis”. A fim de clarear nossas constatações, reproduziremos os três primeiros parágrafos:

Vejo Valença mais do que um conjunto de ruas, casas, praças e igrejas, como um organismo vivo onde descansam as experiências e memórias (...) de inúmeras gerações (...). A Valença em memórias, exposta no estande da FAA durante os festejos da padroeira Nossa Senhora da Glória, trouxe a urgência de restabelecer um vínculo com o passado para que possamos estar abertos ao novo não como sinônimo de subversão de valores, mas como um elemento de reflexão atrelado às tradições, às conquistas, envelhecendo como um vinho (...). Valença tem, ao longo dos tempos, seus símbolos aos quais devemos por obrigação, garantir que não se percam no esquecimento e na tendência destruidora (...) de apagar o que passou. Uma história de grandes feitos, grandes figuras, notáveis conquistas desde os tambores coroados, passando por desbravadores, cristãos notáveis e outros tantos nem tão notáveis, religiosos, escravos, escravocratas, abolicionistas, nobres, imigrantes, renegados, opressores e oprimidos, intelectuais, loucos e visionários, empreendedores e fracassados que construíram a ferro e fogo (...) décadas de grande prestígio, e investimento, passando por altos e baixos, sempre de pé, sem nunca perder de vista a certeza de seu destino promissor. Por décadas assistimos à derrubada de centenárias edificações (...). Todas as controvérsias com relação ao tombamento, sem muito critério, se desfaz em diante de seu objetivo de preservação da memória de Valença. Memória que não é ensinada nas escolas, deixando gerações crescerem sem assumirem compromisso com as lutas e glórias do passado (...) (*JL*, p.4).

A matéria mais ilustrativa desta edição foi publicada na Editoria Turismo, com o título “Sucesso do Hotel através da aliança entre cultura e história”, que insinua que a junção entre cultura e história pode render bons frutos econômicos. A primeira peculiaridade da notícia, classificado como pertencente à categoria *história da cidade*, foi o excessivo uso do

substantivo “história” e de palavras dele derivadas. No total, foram usadas nada menos que 28 vezes. Prova disso é o uso, por 10 vezes, destas palavras em um único parágrafo, onde se comenta o motivo da escolha do nome Paulo Lamego para espaço cultural citado na narrativa:

Paulo Lamego foi economista (...) mas era grande pesquisador de *história* (...) teve grande importância no viés da pesquisa *histórica*. Em homenagem a ele, o Espaço Cultural Paulo Lamego veio a fim de oferecer oportunidade aos *historiadores*, professores e alunos de *história*, arquitetos que gostam de *história*, antropólogos e amantes da *história*, para que possam ter um ponto de convergência onde discutam a *história*. É um local de debate *histórico*, para que o amor pela *história* seja discutido... “Eu não sou a pessoa que mais conhece, mas talvez o mais apaixonado”, Paulo⁴² revela sua paixão pela *história* (...) [grifos meus] (JL, p.17).

Este número exagerado de citações da palavra “história” e de suas derivadas, comprova a importância extremada atribuída ao passado da região.

Tabela 8 – Resumo de dados encontrados na edição de 29 de agosto de 2013

Categoria	Nº de textos	Nº de manchetes na capa	Editorias	Ideias
História da cidade	IIII I	I	Política Opinião Turismo Lazer Esporte	Personalismo político. Uso excessivo da palavra memória, forte uso de adjetivos. Uso exagerado do substantivo história. Tradição cultural da cidade, lembranças de pessoas do passado.
Personalidades do município	IIII I	I	Política Opinião(Cartas) Lazer Esporte	Personalismo político. Louvor à valencianos ilustres. Exaltação aos músicos valencianos e a populares de destaque no esporte.
Especificidades de Valença	II		Lazer Esporte	Natureza privilegiada, e diversidade cultural.

*Fonte: edição do *Jornal Local* de 29 de agosto de 2013.

Cores iguais representam o mesmo texto, exceto a cor preta, que representa a unidade de texto.

Total de 10 textos que se enquadram em alguma das três categorias. Das 20 páginas desta edição, 7 possuem textos que se enquadram em alguma das três categorias.

⁴² Paulo Roberto é o proprietário do hotel onde foi instalado o Espaço Cultural Paulo Lamego.

3.13 Edição de 05 de setembro de 2013

Na capa deste exemplar, apenas uma notícia correspondeu à nossa área de pesquisa. A matéria, com a manchete “Cefet lança Engenharia”, foi publicada na primeira página com uma pequena foto, e foi colocada na categoria *especificidades de Valença*.

No corpo da notícia, publicada na contracapa do periódico, é interessante mencionarmos o final do primeiro parágrafo, onde há uma manifestação do entusiasmo com que a informação da implantação do curso Superior de Engenharia de Alimentos na cidade é tratada: “Será o primeiro curso de graduação federal implantado no município, gerando mão de obra especializada e o mais importante: gratuitamente!” (JL, p.20). Vale por em relevo, ainda neste trecho, o uso do ponto de exclamação na frase final, mais um sinal da empolgação com que o autor trata o tema.

É relevante evidenciar também as justificativas apresentadas pelo texto para que fosse implantado no Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) a graduação de Engenharia de Alimentos, mostradas através do depoimento do professor Breno Pereira de Paula, coordenador do curso técnico de Agroindústria do Cefet:

Segundo ele, vários foram os motivos para a implantação do curso na cidade. “Em primeiro, o grande número de pequenas e micro empresas ligadas à agricultura familiar no município. São mais de trinta agroindústrias de pequeno porte. Além disso, o fato de Valença ser a maior bacia leiteira do estado”. Segundo Breno, a existência de diversas e importantes indústrias de alimentos na região (...), e o fato de Valença estar localizada em ponto estratégico com relação aos três estados - Rio, São Paulo e Minas Gerais -, reconhecidamente fortes na industrialização e/ou produção de alimentos, também foi levado em conta na decisão de trazer o curso para cá” (JL, p.20).

Como pode ser facilmente percebido, o *Jornal Local* faz questão de expor as “muitas” qualidades de Valença. Mais uma vez, é a forte necessidade de afirmação das características que o periódico acredita ser de uma identidade “genuinamente” valenciana.

Outra matéria desta edição que despertou nosso interesse, cujo título “CineMúsica 2013 começa hoje!” deixa patente um possível “clima de festa”, também expresso nas legendas das duas fotos da narrativa – “Cultura: dentro de Valença e de graça para quem quer ir” e “Brilho: as crianças de Conservatória participam alegremente nos teatros e musicais –, encaixou-se na categoria *especificidades de Valença* (JL, p.15).

Entretanto, pudemos perceber algo surpreendente, que contradiz o sentimento expresso no título da matéria e nas legendas da foto. Durante o percorrer do texto, houve

apenas uma suave tentativa de valorização do festival, através do uso de expressões como “vale a pena conferir”, ou “exibição do premiado”, para se referir à algum filme ou a outra atração do CineMúsica 2013 (*JL*, p.15).

Há, ainda, mais uma notícia averiguada nesta edição do *JL*. O texto, cujo tema central é o Festival Intercolegial de Artes, a ser realizado em Valença após longos anos de interrupção, foi classificado na categoria *especificidades de Valença*. O mote da narrativa foi enfatizar que estes festivais, que abrangem várias categorias – música, dança, teatro, e poesia –, são uma excelente chance para os novos talentos de Valença. Inclusive, um dos subtítulos da matéria foi denominado justamente “Oportunidade”.

Neste sentido vale a argumentação apresentada por Marcus Palmeira, que já participou do evento em edições antigas: “ ‘(...) Esses festivais são muito legais, porque dali pode (*sic*) nascer excelentes músicos. Lembro da época em que tocamos no colégio e que a galera jogou balas no palco, até dinheiro jogaram, muito legal’ ” (*JL*, p. 20). É a busca do impresso de expor Valença como um “celeiro de jovens talentos”, e uma tentativa também de fomentar o sentimento de pertencimento nos valencianos.

Ainda neste exemplar, há um artigo, do professor José Viriato da Silva, encaixado em duas categorias, a saber, em *história da cidade* e em *personalidades do município*. Deste texto, não podemos negligenciar uma citação, que lembra dois vultos valencianos:

(...) O que eu sei é que Eufrásia Teixeira Leite foi a grande benfeitora de Vassouras, doando tudo quanto podia, a começar pelo hospital e sua própria residência, a Casa da Hera; foi, se assim podemos comparar aos benfeitores de Valença, um pouco de José Fonseca, o grande benemérito, e também de Lea Pentagna, que doou sua bela casa (*JL*, p.16).

Nota-se, neste fragmento do artigo, a ideia existente no imaginário dos valencianos em relação a pessoas como José Fonseca, responsável pelo surgimento da primeira indústria têxtil de Valença, fundador de dois abrigos para crianças, que hoje viraram escola (Escola Municipal Associação Balbina Fonseca) e uma instituição de caridade (Associação Balbina Fonseca), que quando esteve a frente da Santa Casa de Valença, doou quantias consideráveis para melhorar as dependências e o atendimento médico-hospitalar do local, além de sempre colaborar com obras em benefício da comunidade valenciana, como reformas na Catedral, entre outras coisas. Em outras palavras, José Fonseca é tido, para a população valenciana, como um visionário, que pelo amor extremo à sua terra natal, não mediu esforços para auxiliar no progresso econômico de Valença, um verdadeiro exemplo de honestidade e de uma vida dedicada ao auxílio aos menos abastados.

Tabela 9 – Resumo de dados encontrados na edição de 05 de setembro de 2013

Categoria	Nº de textos	Nº de manchetes na capa	Editorias	Ideias
História da cidade	I I I		Opinião Lazer Esporte	Tradição cultural da cidade, lembranças de pessoas do passado.
Personalidades do município	I I I I		Cultura Opinião Lazer Esporte	Beneméritos valencianos nutriam amor extremo à terra natal e muito colaboraram para o desenvolvimento do local. Exaltação aos músicos valencianos e a populares de destaque no esporte.
Especificidades de Valença	I I I I I	I	Educação Cultura(2x) Lazer Esporte	Entusiasmo com de curso de graduação federal na cidade. Louvor à cultura local. Festival Intercolegial de Artes é oportunidade para novos talentos. Natureza privilegiada, e diversidade cultural.

*Fonte: edição do *Jornal Local* de 05 de setembro de 2013.

Cores iguais representam o mesmo texto, exceto a cor preta, que representa a unidade de texto.

Total de 11 textos que se enquadram em alguma das três categorias. Das 20 páginas desta edição, 7 possuem textos que se enquadram em alguma das três categorias.

3.14 Edição de 12 de setembro de 2013

Em relação à primeira página, foi a primeira vez, em nossa pesquisa, que uma matéria da Editoria Esporte ganhou espaço na capa. É importante esclarecer que, apesar de ainda não termos comentado nenhuma notinha desta seção do *Jornal Local*, a página destinada a ela sempre é contada como pertencente a três das categorias de nossa pesquisa, pois esta editoria segue sempre o mesmo padrão, fornecendo rotineiramente notícias que se encaixam em nossas categorias. Neste caso, a foto publicada na capa do periódico foi alusiva

ao time Santa Teresa, participante do Campeonato Riopretano de Futebol Amador⁴³. Vale dizer que o local onde esta foto foi colocada nesta edição é geralmente ocupado por notícia pertencente à Editoria Cultura. Esta foi a única narrativa de nosso interesse publicada na capa desta edição.

Excetuando-se a seção Agenda e a Editoria Esporte, o único texto sobre o qual convém tecer comentários é o artigo de Gilberto Monteiro, intitulado “A FLIVA e nós”. Classificado na categoria *especificidades de Valença*, a narrativa fala sobre o surgimento da Feira Literária de Valença (FLIVA) com entusiasmo, e objetiva incentivar os valencianos a participarem da iniciativa. Logo nos três primeiros parágrafos, tal intenção é demonstrada:

Vem aí a FLIVA – Feira Literária de Valença (...). A notícia não poderia ser melhor e precisamos, todos nós, dar o maior apoio. O apoio tanto se faz quando usamos o talão de cheque como se dá, ao incentivarmos (*sic*). O incentivo vem de cara alegre, do brilho nos olhos, da expressão de contentamento quando recebemos a notícia (*JL*, p. 3).

O texto continua tratando dos benefícios que a realização de uma feira literária pode trazer para a população de uma cidade. E finaliza: “Qualquer cidade deve se orgulhar em participar de um encontro assim, pois, afinal, a Cultura é considerada o melhor antídoto para a violência. Vamos participar! (...)” (*JL*, p.3). É notável, neste trecho, o tom de comemoração. Afinal, Valença está, agora, na lista de municípios provedores deste tipo de evento tão enriquecedor.

⁴³ Rio Preto é uma pequena cidade mineira vizinha à Valença.

Tabela 10 – Resumo de dados encontrados na edição de 12 de setembro de 2013

Categoria	Nº de textos	Nº de manchetes na capa	Editorias	Ideias
História da cidade	I I		Lazer Esporte	Tradição cultural da cidade. Lembranças de pessoas do passado.
Personalidades do município	I I		Lazer Esporte	Valorização de músicos do município e de populares de destaque no esporte.
Especificidades de Valença	I I I	I	Opinião Lazer Esporte	Entusiasmo com a realização da Feira Literária de Valença tentativa de incentivar os valencianos a participarem do evento. Natureza privilegiada, e diversidade cultural.

*Fonte: edição do *Jornal Local* de 12 de setembro de 2013.

Cores iguais representam o mesmo texto, exceto a cor preta, que representa a unidade de texto.

Total de 7 textos que se enquadram em alguma das três categorias. Das 20 páginas desta edição, 4 possuem textos que se enquadram em alguma das três categorias.

3.15 Edição de 19 de setembro de 2013

Ao averiguar a capa, constatamos a publicação de três notícias que podem ser enquadradas em uma de nossas três categorias. A primeira, cuja manchete é “15 anos de Anjos da Serra”, foi acompanhada de uma pequena foto, colocada ao lado direito da logomarca do *Jornal Local*, espaço onde comumente se publicam notícias da Editoria Cultura. Na foto, vêem-se membros do moto clube Anjos da Serra em frente à Catedral de Nossa Senhora da Glória, padroeira da cidade.

Esta narrativa, localizada na contracapa deste exemplar, na Editoria Cidade, foi classificada como pertencente à categoria *história da cidade*. O enfoque dado à matéria, além de ser em relação ao tempo de existência deste grupo, também é, principalmente, alusivo ao aspecto econômico ligado aos encontros promovidos por estes motoqueiros valencianos. Tais fatos já podem ser notados no título do texto – “Anjos da Serra comemora 15 anos” – e em seu subtítulo – “Futuro evento pode movimentar milhões para a cidade”.

No primeiro parágrafo, inclusive, é possível identificar um forte sentimento de exaltação ao grupo Anjos da Serra, e até um certo saudosismo, relativo aos eventos promovidos pelos motoqueiros na cidade, festividade que, atualmente, não é mais realizada:

Há quinze anos nascia em Valença o Moto Clube Anjos da Serra. Com belo nome, brasão e direito a grandes eventos, o acontecimento era marcante para o município com a vinda de centenas de turistas, talvez milhares, que movimentavam a economia local. Grandes bandas da região, talvez as melhores, fizeram apresentações históricas, e no clima de paz e amor, a cidade saía sempre ganhando em meio ao ronco dos motores (JL, p.24).

Novamente, no segundo parágrafo, é retomada a questão da importância econômica dos eventos realizados pelo moto clube para o município:

O fim do parque de exposições de Valença e a ausência de um lugar para a realização do grande evento do clube, pode ter sido um dos fatores que levou alguns dos membros a saírem. O clube não acabou. (...) querem, mais do que nunca, reafirmar os laços com o governo municipal, a fim de trazer à tona mais um evento, almejando investimentos para o município e movimentando a economia do comércio local (JL, p.24).

Vale comentar, por fim, a intenção da narrativa de mostrar o moto clube em foco como uma instituição generosa, preocupada com os menos favorecidos, ou seja, a tentativa de “vender” a ideia de uma “instituição benemerita”.

Ainda na capa, a segunda matéria analisada, no primeiro momento, não pareceu pertencer a nenhuma das categorias de nossa pesquisa. Porém, após a leitura da notícia, que trouxe a manchete na primeira página “Vai começar obra do hospital”, com subtítulo “Operários começaram a preparar imóvel para grande reforma”, percebemos se tratar de texto representante das categorias *história da cidade e personalidades do município*.

É importante dizer que este texto foi colocado no *corpus* de nossa análise em função da apresentação de pontos tangenciais ao nosso tema de pesquisa. Ou seja, a reforma do hospital não diz respeito, diretamente, às categorias *história da cidade e personalidades do município*. Todavia, o nome do hospital em foco é uma homenagem ao “grande benemérito valenciano” José Fonseca, e por tal motivo esta narrativa foi colocada na categoria *personalidades do município*. Ressaltamos, contudo, a constatação de que não foi explicada a origem do nome do hospital, o que nos leva a afirmar que esta narrativa fugiu do padrão seguido pelo discurso do impresso, que procura sempre enfatizar os grandes vultos valencianos.

Sobre esta notícia ainda vale ressaltar a legenda de uma das suas duas fotos, onde se pode ver o prédio do Colégio Estadual Benjamin Guimarães, tombado como patrimônio histórico, cuja reforma já foi tema de matéria do *Jornal Local*, já analisada nesta pesquisa. A legenda – “Bejamin: quase ‘novinho em folha’ ” – apresenta um tom de comemoração pela reforma deste prédio histórico, e foi o fator que nos levou a colocar esta narrativa na categoria *história da cidade*. Vale lembrar que a reforma do prédio do Colégio Estadual Benjamin Guimarães só foi mencionada pelo fato de todos os operários que dela participam serem deslocados, após seu término, para a futura obra do Hospital José Fonseca.

A última – das três notícias localizadas na primeira página – matéria a qual vamos nos ater foi encaixada na categoria *história da cidade*. Com a manchete “Valença agora produz plástico”, a notícia trouxe o subtítulo “Fomos conhecer a empresa que se ergueu no antigo Parque de exposições”, que faz alusão a polêmica criada em torno da empresa em questão, construída num espaço considerado um marco para Valença, o Parque de Exposições Agropecuárias, que foi extinto para dar lugar a fábrica produtora de plásticos. A polêmica se deu, na verdade, em razão da cidade possuir como característica uma tradição de produção leiteira, sendo o antigo parque um local ligado a uma das marcas identitárias valencianas.

Esta narrativa expôs algo inesperado, e até mais que isso, ousamos dizer que exibiu uma certa contradição no discurso do *Jornal Local*, pois, enquanto a maioria das notícias analisadas mostra nostalgia e saudosismo referentes ao passado da cidade, esta matéria critica justamente esta postura “atrasada”. Esta verificação pode ser realizada já no primeiro parágrafo do texto:

O enigma azul no antigo parque de exposições está desvendado. Trata-se da indústria de plásticos Valença Ltda que, ao contrário do que muitos profetas do velho tempo avaliavam, já produz empregando, para tal, cerca de setenta funcionários, em três turnos, ininterruptos, durante os sete dias da semana. Na quinta-feira (12), estivemos em visita à unidade industrial, a convite do consultor e responsável pela implantação da mesma, em Valença, Eduardo Pascarelli. E o que se pôde observar é que o município passou a sediar não só uma fábrica em troca de simples empregos, mas uma indústria com alto padrão de qualidade e imbuída do esforço de implantar, aqui, uma nova cultura voltada para a produtividade, construída no autogerenciamento de seu pessoal (*JL*, p. 12).

Durante toda a narrativa predomina um sentimento de empolgação com a perspectiva de desenvolvimento econômico que a fábrica trará para a cidade. São citados dados e mais dados na tentativa de comprovar a importância da fábrica para o desenvolvimento da economia local, como podemos constatar no segundo parágrafo:

Até o final de 2014, a direção da Plásticos Valença acredita que estará produzindo três mil toneladas por mês de material máster (aditivos e pigmentos para produtos plásticos) em cinco máquinas e filmes flexíveis (lonas plásticas para agricultura e indústrias em geral), por meio de duas máquinas extrusoras de grande porte, que, *totalmente automatizadas*, não demandam grande número de operários para sua operação. Atualmente, cada máquina produz em torno de 1,5 tonelada/hora e há condição de se fazer cem toneladas por dia. *A alta produtividade prevê que o maior impacto deste tipo de fábrica será no potencial e crescente faturamento a ser gerado em Valença.* Pascarelli antecipa que nesta semana está recebendo técnicos italianos para instalar um dispositivo que dará condições para obter *alta qualidade* na fabricação dos filmes agrícolas, ampliando as possibilidades de demanda. Outro investimento é a montagem do setor voltado a masterbatch (matéria prima para a coloração do polietileno) que fornece o pigmento para a obtenção das cores exigidas pela indústria, sobretudo, a de cosméticos. Para tal, a Plásticos Valença está acabando de montar um *moderno* laboratório para as análises e testes. *Esta unidade de masterbatch concorrerá com multinacionais e, por opção da empresa, concentrará a produção em Valença* [grifos meus] (JL, p.12).

Vale ressaltar que, muito provavelmente, a fábrica tenha escolhido colocar em seu nome uma referência a cidade – Plásticos Valença – para tentar se aproximar da população, provocando uma identificação dos valencianos com a empresa. Essa tentativa de provocar um sentimento de simpatia nos valencianos em relação a Plásticos Valença é incorporada pelo discurso do periódico. Evidência patente disso é o trecho encontrado no subtítulo “mão de obra” desta notícia:

Quanto à mão-de-obra, preocupação do início, Pascarelli conta que, hoje, reconhece no valenciano qualidades que facilitam a proposta do autogerenciamento. “O povo daqui é muito bom, cordato e amoroso”, garante. Os primeiros cinquenta funcionários foram contratados e treinados, durante dois anos, em SP, e principalmente, em Valença, nas instalações da outra unidade em Santa Ignácia, e desde então lhes tem sido mostrado a ideia de se autogerir, não tendo chefia vertical onde cada um seja capaz de ser chefe de si mesmo. (...) A estes primeiros cinquenta funcionários, por esta semana, juntam-se mais vinte que estão sendo contratados e, até meados de 2014, deverão ser 130. “De ‘estrangeiro aqui, só eu”, ressalta Eduardo Pascarelli indicando o fato de todos os seus colaboradores diretos e indiretos (...) serem de Valença (JL, p.13).

Por fim, expomos o caráter otimista e comemorativo presente no fechamento da notícia: “Portanto, tudo caminha para o pleno estabelecimento de um dos maiores investimentos que Valença já teve, tanto em produção industrial, quanto em valores pessoais” (JL, p. 13).

Tabela 11 – Resumo de dados encontrados na edição de 19 de setembro de 2013

Categoria	Nº de textos	Nº de manchetes na capa	Editorias	Ideias
História da cidade	I I I I I	I I I	Cidade Economia(2x) Lazer Esporte	Saudosismo. Valorização de prédios históricos. Crítica à visão saudosista, e otimismo com instalação de fábrica na cidade. Tradição cultural da cidade e lembranças de pessoas do passado.
Personalidades do município	I I I	I	Economia Lazer Esporte	Valorização dos músicos do município e de populares de destaque no esporte.
Especificidades de Valença	I I		Lazer Esporte	Natureza privilegiada, diversidade cultural.

*Fonte: edição do *Jornal Local* de 19 de setembro de 2013.

Cores iguais representam o mesmo texto, exceto a cor preta, que representa a unidade de texto.

Total de 9 textos que se enquadram em alguma das três categorias. Das 24 páginas desta edição, 7 possuem textos que se enquadram em alguma das três categorias.

3.16 Edição de 26 de setembro de 2013

Ao verificar a primeira página desta edição, constatamos que somente uma manchete pode ser colocada em uma das nossas categorias. A manchete “Valença comemora com Jorge Vercillo”, não trouxe foto e nem subtítulo, e foi classificada, primeiramente, na categoria *história da cidade*. Afinal, trata de show do cantor Jorge Vercillo, realizado em função do aniversário de Valença, no dia 29 de setembro. E, em segundo lugar, na categoria *personalidades do município*, por falar também da banda valenciana Equilíbrio Natural.

Esta matéria foi publicada na contracapa do periódico e, apesar da manchete da capa “Valença comemora com Jorge Vercillo” e de seu título e subtítulo, respectivamente, “Aniversário de Valença” e “Jorge Vercillo é a atração com show na praça”, não apresentou nenhuma informação histórica sobre a data de comemoração do aniversário da cidade ou outros dados históricos referentes a Valença. Além disso, apesar de falar do show de Jorge

Vercillo na manchete de capa e no subtítulo da matéria, apenas se referiu a este show na primeira parte do primeiro parágrafo, e numa breve menção no segundo parágrafo, preferindo mostrar mais detalhes sobre a banda valenciana que abriria a apresentação de Vercillo.

Cumpramos ressaltar nesta narrativa a busca pela valorização do talento dos artistas valencianos. Como indício desta constatação, destacamos o segundo parágrafo:

A jovem banda valenciana Equilíbrio Natural, que vem realizando bons shows e tem agradado um público diverso na região com seu reggae, fará a abertura da apresentação de Vercillo (...) No repertório, grandes clássicos da música jamaicana, somado às boas canções autorais do conjunto e ainda o reggae nacional (...) (*JL*, p.20).

Seguindo em nossa análise, é importante comentar uma notinha publicada na seção “Parangolés”, de autoria de Gustavo Abruzzini. Com o título “CEBG está lindo”, que já sugere o caráter comemorativo adotado para se falar do assunto, a notinha, encaixada na categoria *história da cidade*, nos lembra da obra de reforma deste prédio histórico, evidenciando que o passado de Valença é tema sempre lembrado, com muito prazer, nas páginas do *Jornal Local*: “Está quase terminada a reforma do Colégio Benjamin Guimarães. Depois de muito sofrimento, a comunidade escolar vai usufruir de um colégio lindo e maravilhoso. Parabéns a todas as partes envolvidas (...) (*JL*, p.3).

Outra notícia examinada é referente a primeira Feira Literária de Valença (FLIVA). O texto, encaixado nas categorias *personalidades do município e especificidades de Valença*, além de buscar enaltecer a cultura local, ressaltou a quantidade de atrações do evento, apresentando um relativa empolgação em seu discurso, fatos que podem ser percebidos logo em seus título e subtítulo, respectivamente, “A Feira Literária de Valença está chegando!”, e “Cidade terá sua 1ª Feira Literária com extensa programação e participação de diversos autores”. Outra prova da intenção de expor a grandiosidade do evento foi a divulgação de toda a programação da FLIVA em um box, que ocupou ¼ da página 11 do impresso.

Em relação à tentativa de valorização da cultura local, ainda chamamos a atenção para o segundo parágrafo da narrativa:

(...) De acordo com o idealizador da Feira, (...) após vários anos fora da cidade, acabou tendo a ideia de lançar a FLIVA a partir da necessidade de criar para Valença um projeto literário de qualidade. “Nós temos aqui uma quantidade enorme de autores, uma produção cultural muito grande, muito extensa. Temos a visão de desenvolvermos esse projeto de uma maneira que qualifique as produções e que leve essas produções para fora de Valença” (*JL*, p.10).

Por fim, vale por em relevo o não aproveitamento do fato de uma das personalidades participantes do evento ser de Valença. Diferente do que ocorre majoritariamente no discurso do *Jornal Local*, não foi destacado o fato do jornalista e autor Edney Silvestre ser filho de Valença. O impresso geralmente tenta evidenciar o quão talentosos são os valencianos, mas isso não aconteceu desta vez.

Há ainda uma notícia que muito nos surpreendeu por tratar de tema ligado à cultura africana, um dos alicerces da identidade valenciana, cultura esta tão esquecida nos textos do *Jornal Local*. É interessante frisar que esta foi a segunda matéria, dos periódicos examinados, que, de alguma forma, referiu-se a herança das manifestações culturais negras presentes na cultura valenciana.

A narrativa em questão refere-se à Noite do Calango, realizada na Casa Léa Pentagna, fundação cultural e filantrópica de Valença. Na verdade, a Noite do Calango é um dos eventos da programação da 7ª Primavera dos Museus, organizada pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), com o tema “Museus: memória e cultura afro-brasileira”.

Durante todo o texto, pertencente à categoria *história da cidade*, quase não se fala de dados específicos da cidade em relação a esta dança, a não ser em duas passagens, sendo a primeira, o terceiro parágrafo da notícia:

De acordo com Dilma Dantas, coordenadora da Fundação Casa Léa Pentagna, a ideia surgiu após o desejo da casa em participar da programação nacional dos museus. “Estava conversando com o Gilberto Monteiro, também coordenador, e então lembramos do professor Jorge Henrique Conceição, o professor Barão, que conhece fazendas e o interior do município. Nos reunimos e fomos dar um passeio por Valença e descobrimos que ainda há muitas participantes do calango”, explicou (*JL*, p.17).

Já a segunda menção a informações relativas ao contexto específico de Valença, ocorre no quarto parágrafo, quando a narrativa expõe nomes de artistas que participarão da Noite do Calango.

De nosso interesse ainda é o segundo parágrafo da notícia, onde, apesar de não falar especificamente de Valença, o texto oferece dados sobre a dança:

Dança e canto de origem africana, o calango lembra os desafios da capoeira e da folia de reis, pois os “cantadores” se desafiam dentro de uma mesma rima, próximo a uma roda, ao som de sanfona e pandeiro. As festas, conhecidas como “bailes de barraca”, ocorrem na zona rural, e têm destaque no Vale do Paraíba Sul Fluminense e em Minas Gerais. Segundo o historiador Adriano Novaes, “têm origem próxima à cultura dos tropeiros” (*JL*, p.17).

Neste trecho, a notícia deveria contemplar, por exemplo, a relevância desta manifestação cultural, ou de forma mais ampla, a relevância da cultura negra de origem africana para a formação da identidade valenciana, ou até mesmo fazer um resgate histórico desta dança no decorrer do tempo de existência de Valença.

Tabela 12 – Resumo de dados encontrados na edição de 26 de setembro de 2013

Categoria	Nº de textos	Nº de manchetes na capa	Editorias	Ideias
História da cidade	I I I I I	I	Cultura (2x) Opinião Lazer Esporte	Pouca importância dada ao aniversário de Valença. Passado da cidade lembrado com entusiasmo, menção à dança originária da cultura negra, tradição cultural da cidade e lembranças de pessoas do passado.
Personalidades do município	I I I I	I	Cultura (2x) Lazer Esporte	Valorização dos músicos do município e de populares de destaque no esporte. Não menção ao fato de conhecido repórter da Rede Globo ser valenciano.
Especificidades de Valença	I I I		Cultura Lazer Esporte	Louvor à cultura local, diversidade cultural. Natureza privilegiada, diversidade cultural.

*Fonte: edição do *Jornal Local* de 26 de setembro de 2013.

Cores iguais representam o mesmo texto, exceto a cor preta, que representa a unidade de texto.

Total de 10 textos que se enquadram em alguma das três categorias. Das 20 páginas desta edição, 8 possuem textos que se enquadram em alguma das três categorias.

3.17 Edição de 03 de outubro de 2013

Sobre a capa deste exemplar do *Jornal Local*, apenas duas notícias são pertinentes a nossa pesquisa. A primeira, com a manchete “Fé na estrada”, e o subtítulo “Eduardo Natal investe em carreira artística e lança CD autoral”, foi classificada na categoria *personalidades do município*.

O *JL* procura ressaltar as qualidades artísticas destes “ilustres valencianos”, além de por em relevo o fato destes serem filhos desta terra, utilizando para este fim uma quantidade considerável de adjetivos e um tom elogioso, como podemos perceber já no primeiro parágrafo desta narrativa:

(...) Nascido em Valença, Eduardo é cantor, compositor, arranjador e tem uma incrível criatividade melódica. Dotado de uma voz que consegue ter duas distintas características especiais (a suavidade das notas com um leve timbre rouco metalizado) é facilmente reconhecido. Finalmente, Eduardo lança seu primeiro trabalho autoral [grifos meus] (JL, p.17).

Em sua busca de convencer o leitor do talento impressionante do artista, o segundo parágrafo diz:

(...) Eduardo diz que seu interesse pela música começou cedo, aos seis anos de idade. Influenciado por sua família de músicos, que se apresentavam em festivais regionais, Eduardo acompanhava de perto ensaios e shows. Começou então a ter aulas de violão e a participar como vocalista da banda formada por seus pais, e desde então, foi notória a liderança e a facilidade que tinha em criar arranjos e a mudar a harmonia vocal das músicas, e sempre com muita personalidade (...). Considerado prodígio pelos professores que o escutaram, Eduardo não demorou muito a se destacar no meio dos outros alunos [grifos meus] (JL, p.17).

Enfim, o texto ainda destaca as parcerias bem sucedidas do músico, mencionando inclusive o grande número de visualizações de um de seus clipes na internet.

A segunda matéria que mereceu destaque na capa desta edição foi classificada na categoria *especificidades de Valença*, e trata do Dia Nacional e Internacional do Idoso. Nesta notícia podemos perceber a intenção de evidenciar a cidade como possuidora de um considerável número de idosos, como podemos constatar já no subtítulo da notícia: “Do estado do Rio de Janeiro, Valença tem maior grupo populacional”. Contudo, apesar da maioria do texto discorrer sobre os aspectos positivos de Valença, no que tange a qualidade de vida fornecida aos idosos, a matéria é finalizada com as dificuldades ainda enfrentadas por esta parte da população.

Tabela 13 – Resumo de dados encontrados na edição de 03 de outubro de 2013

Categoria	Nº de textos	Nº de manchetes na capa	Editorias	Ideias
História da cidade	I I		Lazer Esporte	Tradição cultural da cidade e lembranças de pessoas do passado.
Personalidades do município	I I I	I	Cultura Lazer Esporte	Exaltação aos artistas valencianos. Valorização de populares de destaque no esporte.
Especificidades de Valença	I I I	I	Cidade Lazer Esporte	Cidade com grande número de idosos. Amor à terra natal, natureza privilegiada, diversidade cultural.

*Fonte: edição do *Jornal Local* de 03 de outubro de 2013.

Total de 8 textos que se enquadram em alguma das três categorias. Das 20 páginas desta edição, 5 possuem textos que se enquadram em alguma das três categorias.

Neste momento da pesquisa, após examinarmos e expormos, edição por edição, as informações interessantes para compormos nossas conclusões, é pertinente apresentá-las de modo sintetizado.

3.18 Dados gerais do material esquadrinhado

Com relação ao espaço destinado, nas narrativas do *Jornal Local*, ao assunto que foi objeto de nossa pesquisa, a identidade valenciana, investigada através das nossas categorias de análise, foi possível condensar as informações na tabela a seguir:

Tabela 14 – Dados quantitativos gerais

Exemplar	Total de páginas da edição	Total de páginas que tratam de alguma categoria	Total de textos que se enquadram em alguma das categorias
18 de julho de 2013	20	7	10
25 de julho de 2013	20	9	12
01 de agosto de 2013	20	10	12
08 de agosto de 2013	20	4	8
15 de agosto de 2013	20	8	12
22 de agosto de 2013	20	9	10
29 de agosto de 2013	20	7	10
05 de setembro de 2013	20	7	11
12 de setembro de 2013	20	4	7
19 de setembro de 2013	24	7	9
26 de setembro de 2013	20	8	10
03 de outubro de 2013	20	5	8

**Fonte: edições do Jornal Local de 18 de julho de 2013 a 03 de outubro de 2013.*

Ainda é necessário expor a análise quantitativa de maneira mais específica, ou seja, mostrar os dados relativos às categorias de maneira pormenorizada, para concluirmos quais categorias tem mais espaço no *Jornal Local*:

Tabela 15 – Dados quantitativos em relação às categorias

Categoria	Total de textos nas 12 edições	Total de manchetes nas capas das 12 edições	Total de textos por Editoria
História da cidade	53	10	Lazer (12) Esporte (12) Cultura (6) Opinião (8) Cidade (8) Economia (3) Editorial (1) Política (1) Turismo (1) Memória (1)
Personalidades do município	49	10	Lazer (12) Esporte (12) Cultura (11) Opinião (7) Cidade (3) Economia (2) Memória (1) Política (1)
Especificidades de Valença	41	4	Lazer (12) Esporte (12) Cultura (6) Economia (3) Cidade (3) Educação (3) Editorial (1) Opinião (1)

**Fonte: edições do Jornal Local de 18 de julho de 2013 a 03 de outubro de 2013.*

Já a tabela a seguir expõe, além das ideias encontradas no texto do impresso examinado, o peso, ou melhor, a intensidade da presença destas ideias nas narrativas averiguadas:

Tabela 16 – Dados quali-quantitativos sobre ideias presentes nas categorias

Categoria de análise	Principais ideias encontradas
História da cidade	<p>Tradição cultural da cidade (12x)</p> <p>Lembranças de pessoas do passado (12x)</p> <p>Saudosismo (7x)</p> <p>Tradição e importância histórica da Festa da Glória (4x)</p> <p>Valorização de prédios históricos (3x)</p> <p>Ufanismo (2x)</p> <p>Passado <i>versus</i> presente (2x)</p>
Personalidades do município	<p>Exaltação aos músicos valencianos (12x)</p> <p>Exaltação aos populares destacados no esporte (12x)</p> <p>Benemerência dos artistas (3x)</p> <p>Exaltação aos beneméritos (3x)</p> <p>Homenagem aos beneméritos (2x)</p> <p>Valorização de novos talentos (2x)</p>
Especificidades de Valença	<p>Diversidade cultural (12x)</p> <p>Natureza privilegiada (12x)</p> <p>Louvor à cultura local (5x)</p> <p>Amor à terra natal (3x)</p> <p>Singularidades educacionais de Valença (3x)</p> <p>Valenciano é acolhedor (2x)</p>

*Fonte: edições do *Jornal Local* de 18 de julho de 2013 a 03 de outubro de 2013.

Assim, depois do minucioso trabalho de averiguação, realizado com os 12 exemplares do *Jornal Local*, em busca de rastros sobre qual é a identidade valenciana retratada neste impresso, acreditamos ter argumentos suficientes para manifestar nossas considerações finais.

Considerações finais

A primeira questão importante foi tentar entender o motivo que levou e leva tantas pessoas a escreverem sobre Valença, como demonstramos no capítulo 1 de nossa pesquisa. Acreditamos que o que justifica tal fato é uma forte necessidade de afirmação de uma identidade valenciana, também possível de ser notada na constante busca do *Jornal Local* de apresentar Valença como um lugar possuidor de um passado fenomenal, esplendoroso, cidade de tantas qualidades, com um povo extremamente acolhedor e um plantel de artistas tão magnificamente talentosos. Nesse sentido, sem dúvidas, o *JL* é um fã declarado de Valença, sendo intensamente publicitário em relação ao município em foco. Dito de outra forma, esta busca constante de falar sobre a cidade trabalha, possivelmente, no sentido de preencher uma vazia, uma lacuna, sobre o assunto.

Observamos, pelos contatos estabelecidos com o *Jornal Local* durante a pesquisa, que este periódico concentra, consideravelmente, as decisões nas mãos de seu editor, que também é o dono do impresso. Apenas para corroborar esta conclusão, explicitaremos dois fatos que exemplificam a concentração de poder na figura do editor do *JL*. O primeiro é a constatação de que a grande maioria dos questionários enviados, no decorrer da pesquisa para o *JL*, foram direcionados para o editor responder. Muitos destes questionários, como aquele que tratava das rotinas informativas do periódico, poderiam ser perfeitamente respondidos pelos repórteres, mas isso não ocorreu. O segundo foi a resposta a um email no qual foi sugerida por mim uma pauta para o jornal. A mensagem foi enviada diretamente para um dos repórteres do *JL*, que respondeu dizendo que a sugestão de pauta seria passada para a avaliação do editor. Ou seja, ao que parece, tudo deve passar pelo crivo do editor.

Consideramos que o *JL* é, um característico jornal “familiar”, principalmente pelas suas relações trabalhistas. Chegamos a tal conclusão baseando-nos, em grande parte, nas rotinas informativas do periódico, como, por exemplo, o fato de o *JL* não ter horário fixo de expediente na redação, e nem jornada diária de trabalho pré-determinada. De acordo com Barros, editor do impresso, estes horários são combinados entre ele e os repórteres de maneira informal, tudo embasado numa confiança mútua. Ousamos ainda afirmar que, se comparado aos grandes jornais impressos brasileiros, que trabalham industrialmente, o *Jornal Local* pode ser classificado como um periódico artesanal.

No que tange à linha editorial, julgamos ser o *JL* um jornal híbrido, já que mescla textos noticiaristas e opinativos. Vale dizer que a pretensão inicial do periódico foi ser essencialmente noticiarista, mas este objetivo não se reflete nas páginas do impresso.

Diagnosticamos também um anacronismo no discurso do *Jornal Local*, visto que haveria uma grande defasagem entre a Valença que é exposta constantemente no periódico – a Valença colonial, luxuosa, nobre, símbolo de ostentação e riqueza, própria do tempo pretérito do ciclo do café, no século XIX – e a Valença da atualidade, que passa por dificuldades políticas, econômicas e sociais já há algum tempo. Arriscamos dizer até que o *JL* faz uma ritualização de um passado idealizado, que incide diretamente na sustentação da identidade valenciana conservadora e tradicional.

Baseados nos comentários mais comuns dos leitores do *JL* relatados em entrevista por Barros, editor do periódico, e expostos no capítulo 3 de nossa pesquisa, no item “*Jornal Local*, um jornal ‘de casa’ ”, vamos notar que há grande preocupação com a “ordem” e os serviços públicos de Valença, o que denota um certo conservadorismo do jornal.

Do total de 224 páginas analisadas, apenas 85 páginas evidenciaram textos que puderam ser encaixados em uma de nossas três categorias, o que corresponde a, aproximadamente, 38%. Neste sentido, destacamos as edições de 08 de agosto de 2013 e de 12 de setembro de 2013, já que, em ambas, de 20 páginas, apenas quatro trouxeram algum texto relevante para nossa pesquisa, ou seja, somente 20% do jornal apresentou textos de nosso interesse. Embasados nestes dados e naqueles evidenciados na tabela 14 (dados quantitativos gerais) do capítulo anterior, a conclusão a que chegamos, em relação à nossa pesquisa quantitativa, é que há poucos textos do *JL* que podem ser inseridos nas categorias de análise criadas. Acreditamos que a justificativa para tal fato seja o grande espaço destinado à publicidade neste periódico. Nesse sentido, é interessante lembrar a mudança na diagramação da capa da edição de 08 de agosto de 2013, quando a logomarca do *Jornal Local* foi deslocada do espaço que rotineiramente ocupa em função de anúncio publicitário. Vale lembrar que não quantificamos, das 224 páginas examinadas, quantas foram destinadas à publicidade e quantas se destinaram às narrativas porque estes dois assuntos estão comumente mesclados no *JL*.

Sobre a questão publicitária, ainda é relevante evidenciar o questionamento que fizemos a Barros, editor do *JL*, assim como a resposta deste. Nossa colocação foi “O que determina o espaço destinado aos anúncios? É a demanda dos anunciantes? Há um limite para

cada página em relação ao espaço que será destinado à publicação de anúncios?” Por sua vez, a resposta de Barros foi que este assunto trata da sobrevivência do periódico. O que o *JL* consolidou, segundo ele, foi um veículo de comunicação que presta serviços de informação e veicula as mensagens publicitárias das empresas e instituições que contratam o serviço de que necessitam. Barros ainda relatou que procura não deixar que a demanda dos anúncios atrapalhe na questão do conteúdo do impresso. E, para dar exemplos desta “demanda controlada”, Barros lembra que o jornal começou com doze páginas e, à medida que aumentava a demanda, o número de páginas do jornal também aumentava, até que se chegou ao número atual, que, comumente, é de 20 páginas. Outro exemplo desta “demanda controlada”, de acordo com Barros, é a capa do *JL*, onde só é vendido o rodapé por um preço que valha a pena abrir mão daquele “espaço de vitrine”⁴⁴. Mas, vale ressaltar que, como já salientamos, na capa da edição de 08 de agosto de 2013, a logomarca do *Jornal Local* foi deslocada do espaço que frequentemente ocupa – na parte superior da página – em razão de um anúncio publicitário.

De acordo com os dados evidenciados na tabela 15 (dados quantitativos em relação às categorias) do capítulo anterior, podemos notar que Lazer e Esporte dividem o primeiro lugar no que tange ao *ranking* de editorias do *JL* que se dedicam a expor qual identidade valenciana, das muitas existentes, o impresso examinado “defende”. Neste sentido, vale dizer que estas duas editorias refletem exatamente uma das peculiaridades do *JL* que podemos inferir com nossa pesquisa. É o fato de o periódico revelar uma posição um pouco contraditória. Apesar de, como comprovado em nossas averiguações, o *Jornal Local* possuir um discurso conservador em relação à identidade valenciana forjada em suas páginas, ao adotar uma visão tradicional para definir a identidade valenciana, algumas raras vezes, o discurso do impresso critica “os profetas dos velhos tempos”, que, com sua postura retrógrada, se colocam contra as mudanças nos cenários político, econômico e social valencianos, atravancando assim o desenvolvimento da cidade.

Da mesma forma, enquanto a editoria Lazer apresenta ideias nitidamente baseadas nos clichês que sustentam a identidade valenciana conservadora e tradicional, a editoria Esporte, a nosso ver, é a que melhor expõe a identidade valenciana contemporânea, em suas diversas nuances. Afinal, em todas as edições analisadas, esta editoria tratou do tema esporte com uma angulação completamente local.

⁴⁴ Entrevista realizada por email com Gustavo Abruzzini de Barros, editor do *Jornal Local*, em 28 de agosto de 2013.

Voltando para o *ranking* de editorias que mais trouxeram textos de nossas categorias e, conseqüentemente, que mais abordaram as ideias-força relativas à construção de uma identidade valenciana, constatamos que a editoria Cultura ocupou o segundo lugar. Em terceiro lugar, ficou a Editoria Opinião. A Editoria Cidade ocupou o quarto lugar, Economia, o quinto, e Educação, o sexto. As Editorias Memória e Política dividiram a sétima posição, e, por fim, a Editoria Turismo ficou em oitavo lugar. Cabe mencionar que pode parecer contraditório afirmarmos que o *JL* é um impresso saudosista, e, ao mesmo tempo, a Editoria Memória estar na sétima posição. Todavia, o que podemos inferir; a partir da constatação de que, dos 12 exemplares averiguados, esta Editoria foi apresentada apenas uma vez, na edição de 22 de agosto de 2013; é que a Editoria Memória foi criada para narrar apenas um fato em específico. Na verdade, os textos que trouxeram como ideia-força a questão do sentimento de nostalgia e saudosismo estavam encaixados nas outras Editorias do periódico.

Sobre nossa hipótese inicial, de que o *Jornal Local* segue os padrões já estabelecidos em relação à caracterização da identidade valenciana, podemos inferir – através da correspondência entre as ideias-chave levantadas na bibliografia cânone sobre Valença e as ideias presentes nas narrativas do *JL* – que ela foi confirmada. Todavia, mais do que simplesmente corroborar ou refutar nossa hipótese, respondendo a ela por meio de uma superficial conclusão, baseada no binômio sim ou não, nosso intuito principal foi realizar um estudo mais aprofundado sobre a questão “Qual identidade valenciana, das muitas existentes, é encontrada nos textos do *Jornal Local*?”. Sendo assim, investigamos também de que maneira o *JL* “defendia” uma determinada identidade valenciana, e, para tanto, foi que levantamos as principais ideias presentes nos textos de nossas três categorias.

Como podemos constatar na tabela 16 do capítulo anterior (dados quali-quantitativos sobre ideias presentes nas categorias), nos textos pesquisados do *JL* que se encaixavam na categoria de análise *história da cidade*, tiveram destaque as enunciações “tradição cultural da cidade” e “lembranças de pessoas do passado”, ambas encontradas em todas as edições do *corpus* examinado (12 vezes). Em seguida, descobrimos nesta categoria os recursos discursivos “saudosismo” (7 vezes), “tradição e importância histórica da Festa da Glória” (4 vezes), “valorização de prédios históricos” (3 vezes), “ufanismo” e “passado *versus* presente”, ambos presentes duas vezes no total de 12 exemplares averiguados.

Ainda nos reportando aos mesmos dados da tabela 16, podemos ver que na categoria *personalidades do município* as principais ideias percebidas foram “exaltação aos

músicos valencianos” e “exaltação aos populares destacados no esporte”, que dividiram o primeiro lugar desta gradação, sendo achados, no total, 12 vezes. Após estas ideias, as mais citadas foram “benemerência dos artistas” e “exaltação aos beneméritos” (3 vezes cada uma). Já as enunciações “homenagem aos beneméritos” e “valorização de novos talentos” foram localizadas, duas vezes cada uma. Ao refletir sobre estes dados, concluímos que o *Jornal Local* faz uma repaginação da ideia-força de exaltação aos grandes homens valencianos (beneméritos valencianos), ao usar, agora, como objeto de exaltação, os artistas da cidade. Vale dizer, não só os artistas já consagrados pelo tempo e história do município, mas principalmente os “novos talentos” do cenário artístico valenciano.

No que diz respeito às principais ideias mencionadas na categoria de análise *especificidades de Valença*, a proeminência se deu no que tange às enunciações “diversidade cultural” e “natureza privilegiada”, ambas apresentadas, no total, 12 vezes. Posteriormente, foram desveladas as ideias “louvor à cultura local” (5 vezes), “amor à terra natal”(3 vezes), “singularidades educacionais de Valença” (3 vezes) e “valenciano é acolhedor” (2 vezes).

Se nos atentarmos para algumas das mais citadas ideias-chave trabalhadas no *JL*, a saber, “tradição cultural da cidade”, na categoria *história da cidade*, “exaltação aos músicos valencianos”, na categoria *personalidades do município*, e “diversidade cultural”, na categoria *especificidades de Valença*, perceberemos a busca do impresso por qualificar Valença como uma região que transpira cultura. Ao transpormos esta apreciação para o tema de investigado – a identidade valenciana emergente no *JL* –, concluímos que o periódico intenciona evidenciar em suas narrativas que este forte viés cultural do município já tornou-se tradição, faz parte da história do local, e, portanto, está entranhado nos valencianos, sendo uma de suas características identitárias mais marcantes. Vale assinalar ainda que a Editoria Lazer, que se resume à seção agenda, trabalha muito esta questão da dita diversidade cultural de Valença, ao trazer, de forma exaustiva, as atrações culturais do local, chegando ao ponto de mencionar até as apresentações no estilo “voz e violão” que serão realizadas nos bares e restaurantes da cidade.

É crucial mencionar que percebemos qual a identidade valenciana emergente no *Jornal Local* de maneira mais intensa em seus textos opinativos. Cabe aqui fazer uma ressalva. Apesar de o *JL* afirmar que os textos dos colaboradores não refletem,

necessariamente, a opinião do jornal, segundo consta em seu expediente, é quase certo que não será publicado texto que agrida a opinião do impresso.

Houve ainda algumas outras constatações que merecem ser enumeradas. A primeira delas é que, pelo número de textos destinados a falar sobre a Festa de Nossa Senhora da Glória, podemos concluir que esta é um dos marcos narrativos e históricos mais importantes para a formação da identidade valenciana tradicional, visto que foi tema de considerável número de textos das edições analisadas do *JL*. Nesse sentido, vale salientar ainda que esta comemoração é muito mais relevante do que o próprio aniversário da cidade, assunto pouco abordado no impresso em foco, apesar de ter acontecido em data inserida no período em que realizamos a análise do periódico.

Outro ponto a ser comentado foi o espaço notável dado ao tema educação, no que tange à categoria *especificidades de Valença*. É crucial chamar a atenção para a comprovação de que as singularidades educacionais da cidade estiveram presentes em quantidade idêntica à ideia de amor à terra natal, o que denota que realmente o atributo educacional é uma das características enunciativas definidoras do “valencianismo”. Acreditamos que tal fato se deu devido à importância central da instituição de ensino superior de Valença, a Fundação Dom André Arcoverde (FAA), para a economia local. Afinal, ao lado da Prefeitura Municipal de Valença, esta instituição de ensino é uma das maiores empregadoras da cidade.

Sobre a categoria *história da cidade*, podemos afirmar que foi nos textos pertencentes a ela que percebemos com mais força os conceitos já profundamente arraigados no contexto do *Jornal Local* sobre qual é a identidade valenciana, a saber, uma identidade baseada na dita tradição cultural de Valença, nas lembranças de pessoas do passado, num extremo saudosismo, numa valorização exagerada do tempo pretérito, por meio da glorificação de prédios históricos e de um ufanismo fora da medida, entre outras coisas. Enfim, uma identidade tradicional ao extremo, e, arriscamos dizer, também conservadora.

Na maioria das vezes, como já dissemos, o *Jornal Local* reporta-se ao passado da cidade louvando-o, como se o tempo não tivesse passado. Mas, em atitude contraditória, em raras ocasiões; como na edição de 29 de setembro de 2013, quando trouxe matéria sobre nova indústria de plástico instalada no antigo parque de exposições agropecuárias da cidade, fato que causou polêmica entre os valencianos; critica os “profetas dos velhos tempos”, ou seja, critica as próprias argumentações presentes em seus textos. Deste modo, acreditamos que

o *JL* patina tentando encontrar a vocação perdida de Valença, em outras palavras, fracassa ao procurar apontar saídas para esta questão, perdendo-se no meio do caminho.

Após a análise minuciosa de 12 edições do *Jornal Local*, a compilação dos dados levantados durante a pesquisa, e o aprimoramento das nossas conclusões iniciais, chegamos à conclusão provisória de que a identidade valenciana que emerge das narrativas do *JL* é exatamente aquela que supomos: uma identidade valenciana baseada na tradição e nas ideias clichês sobre a cidade. Ainda convém esclarecer que afirmamos ser esta uma conclusão provisória, em função da alta instabilidade dos padrões do *Jornal Local*, um jornal que ainda não conseguiu estabelecer uma linha editorial que fosse constante durante seus sete anos de existência. Assim, vale lembrar que nossa pesquisa nos revelou mais dúvidas do que certezas, e converteu-se, em certa medida, muito mais em ponto de partida para futuros estudos, do que em um ponto de chegada, um “ponto final”.

Julgamos também ser enriquecedor para nossa pesquisa expor os pontos positivos do *Jornal Local*. Neste sentido, é preciso enfatizar o trabalho inovador que têm sido realizado por toda a equipe do impresso. Afinal, o *JL* rompeu com uma prática de troca de favores entre imprensa e classe/instituições políticas existente durante décadas em Valença. Além disso, a postura ética de seus profissionais, que primam por seguir regras básicas do jornalismo; como a busca por ouvir as várias versões de um fato, ou a rotineira iniciativa de procurar a fonte oficial das instituições, antes de divulgar notícias sobre as mesmas; fazem com que a prestação de serviço realizada por este periódico seja praticada com seriedade e compromisso com seu leitor.

O segundo diferencial do *JL* é o fato deste não se apoiar no tripé violência – sexualidade – entretenimento, fórmula largamente adotada por jornais popularescos para atingir grandes número de vendas. Ao contrário, o *Jornal Local* procura praticar um “jornalismo cidadão”, o que, aliás, como aponta Marialva Barbosa (2007, p.221), é uma das tendências do jornalismo brasileiro praticado principalmente a partir da década de 1980. Na verdade, este “jornalismo cidadão” se apoia na crença de que a ação rotineira da imprensa deve possuir uma utilidade social, servir aos interesses da vida prática dos cidadãos, ajudando-os nas resoluções dos problemas de seu cotidiano.

Há ainda a louvável tentativa do impresso de realizar o chamado jornalismo investigativo que, ainda de acordo com Marialva Barbosa (2007, p. 221), é uma outra tendência da área jornalística surgida a partir de 1980. Vale dizer que este viés investigativo

do *JL* se faz mais presente, majoritariamente, na parte policial do impresso. Porém, temos razões para crer que esta limitação se dá muito por conta da falta de recursos financeiros do periódico, que impede a contratação de mais jornalistas, e leva àqueles que exercem esta função no *JL* a ter que se dedicar a elaboração de grande número de pautas, não sobrando tempo para a função de denúncia. Afinal, como nos relatou o editor do *JL*, nos primeiros anos de vida deste veículo de comunicação, em alguns meses a contabilidade fechou “no vermelho”.

Fundamentados nas entrevistas realizadas nas pesquisas, além das nossas percepções como leitores do jornal e como atores sociais que partilham do mesmo universo ao qual o *JL* está inserido, podemos inferir que, provavelmente, o principal intuito de seus leitores não seja se manter informado sobre o que está acontecendo em Valença, mas sim obter um certo “conforto psicológico”. Afinal, o *Jornal Local* é um jornal “de casa”, feito por “gente nossa”, escrito por pessoas que partilham a mesma rotina de seus leitores, o mesmo cotidiano de uma pequena cidade do interior. Neste sentido, mais uma vez enfatizamos o caráter familiar do *JL*. Porém, ressaltamos que, através da análise realizada, além de outros vestígios descobertos durante a pesquisa, acreditamos ser o *Jornal Local* um impresso voltado, principalmente, para a “elite” valenciana. Portanto, consideramos ser para esta parte da população que o *JL* representa um “membro da família”.

Consideramos como outro fator que trabalha a favor da imagem do *JL* sua capacidade de diagnosticar quais são os principais problemas da cidade. E, além disso, ressaltamos também como mais um ponto positivo do jornal seu talento para, de certa maneira, assumir o papel de vigilante da política local, já que, ao acompanhar de perto os fatos ocorridos nesta área, tem maior embasamento para “cobrar” uma postura correta dos representantes políticos de Valença. Vale salientar ainda que é justamente nas matérias da Editoria Política que o *Jornal Local* demonstra maior criticidade.

Na verdade, vislumbramos que, através de um planejamento estratégico, onde a comunicação seria uma peça fundamental para o sucesso desta iniciativa, a sociedade valenciana pode, e deve, se mobilizar para encontrar vocações novas para o local. O primeiro passo neste sentido, seria a mudança de interpretação do passado de Valença, e nisso o *Jornal Local* teria um papel central, já que, ao começar a divulgar todas as valorações feitas do passado da cidade de maneira diferente, colocaria estas novas ideias em cheque, para serem discutidas no espaço público.

Neste sentido, ainda é interessante mencionar que este trabalho de mudança de mentalidade do povo valenciano em relação à vocação da cidade também deveria ser realizado por outros meios de comunicação capazes de atingir os mais diversos segmentos da sociedade de Valença, visto que, como já expomos, o *JL* tem seu público leitor concentrado nas classes mais abastadas.

O que propomos como elemento estruturador desta inovadora maneira de encarar os velhos tempos do município, é que o passado de Valença seja ressignificado. Em outras palavras, sugerimos que os valencianos, inclusive e principalmente aqueles responsáveis por elaborar as narrativas do *JL*, passem a encarar o passado da cidade não mais com as mesmas ideias de seus conterrâneos que viveram aquela época, mas sim como homens de seu tempo, ou seja, como valencianos do século XXI. Assim, pensamos que a possível saída para o atual atraso político e econômico do município poderia ser tornar o passado “glorioso” do local uma fonte de exploração para o turismo histórico. Mas, vale por em relevo que esta nossa sugestão é apenas uma entre as muitas possibilidades que podem ser pensadas.

Relevante se faz expor que o que sugerimos não é que o município nege seu passado, mas o encare de forma diferente. Dito de outra maneira, Valença, ao encontrar novo rumo a ser seguido, já não mais seria refém de seu passado, e passaria a dar a sua história o seu real e justo valor, e poderia, depois de longos anos de adormecimento, retomar a sua história.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARRUETA, César. **Qué realidad construyen los diarios: una mirada desde el periodismo en contextos periféricos**. 1 ed. Buenos Aires: La Crujía, 2010.

BAHIA, Benedito Juarez. **Dicionário de jornalismo Juarez Bahia: século XX**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBERO, Jesús Martín. Tecnicidades, identidades e alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: Moraes, Denis de (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e cidadania**. Trad. de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6 ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

BARBOSA, Gustavo Guimarães; RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de Comunicação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. Meios de comunicação e usos do passado: temporalidade, rastros e vestígios e interfaces entre Comunicação e História. In: HERSCHMANN, Micael; RIBEIRO, Ana Paula Goulart (orgs). **Comunicação e História: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.

_____. **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

_____. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Jornalistas, “senhores da memória”?** Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5281189434155472217413491799349447635.pdf>. Acessado em: 28.08.2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Gustavo Abruzzini de. **O Poder do sonho: história da Associação Balbina Fonseca**. Valença: Editora Valença, 1998.

_____. **Imprensa Valenciana – do provincianismo da era de barões e coronéis, ao engatinhar do profissionalismo do século XXI**. Valença: Jornal Local, 2012.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Trad. de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

BAUMAN, Zigmunt. **Globalização: As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BENETTI, Márcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (orgs). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

BENETTI, Márcia; LAGO, Cláudia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2 ed. Petrópolis:Vozes, 2008.

BERGER, Peter L, LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 27 ed. Trad. de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2007.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOTTOMORE, Tom, OUTHWAITE, William. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BOURDIN, Alain. **A questão local**. Trad. de Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, Ana Sílvia; ARAÚJO, Denize; BRUNO, Fernanda (orgs). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Sulina, 2007.

BRASIL ESCOLA. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/historiab/direta-ja.htm> . Acessado em 25.08.2013.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades - ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2007.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional**. Coimbra: MinervaCoimbra, 2002.

CANCLINI, Néstor García. **A globalização imaginada**. Trad. de Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.

_____. Culturas Híbridas, poderes oblíquos. In: Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

COUTINHO, Iluska; PORCELLO, Flávio & VIZEU, Alfredo (orgs). **40 anos de telejornalismo em rede nacional: olhares críticos**. Florianópolis: Insular, 2009.

_____. Público, telejornalismo e identidade: uma reflexão sobre as esferas noticiosas e o destinatário da informação televisual. In: LAHNI, Cláudia; PINHEIRO, Marta (orgs). **Sociedade e Comunicação: perspectivas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

DIAS, Cláudia Augusto. **Grupo Focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas**. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/330>. Acessado em: 18. 05.2012.

DICIONÁRIO Informal. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acessado em: 07.2013.

ELEIÇÕES 2012. Disponível em: <http://www.eleicoes2012.info/candidatos-prefeito-valenca-rj/>. Acessado em: 19.08.2013.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os Estudos Culturais**. Disponível na Internet: <<http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias>. Acessado em: 27. 07.2011.

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/pisosalarial.php#MRJ>. Acessado em: 28.05.2013.

FERREIRA, Luiz Damasceno. **História de Valença – (1803-1924)**. 2 ed. Valença: Editora Valença, 1978.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de Conteúdo. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FRANÇA, Vera; MOTTA, Luiz Gonzaga; PAIVA, Raquel; WEBER, Maria Helena (orgs). **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

FRANÇA, Vera Veiga; HOHFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. (orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FUNDAÇÃO Educacional Dom André Arcoverde. Disponível em: <http://www.faa.edu.br/institucional.php>. Acessado em: 31.01.2013.

GUIMARÃES, Elione Silva, GUIMARÃES, Valéria Alves. **Aspectos cotidianos da escravidão em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Funalfa, 2001.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HENRIQUES, Márcio Simeone; WERNECK, Nisia Maria Duarte. (orgs.). **Visões de Futuro: responsabilidade compartilhada e mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE. Censo 2010. **Cidades.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acessado em: 14.01.2013.

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Valença. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/perfil/valenca_rj. Acessado em: 12.08.2013.

IÓRIO, Leoni. **Valença de Ontem e Hoje - 1789-1952 - Subsídios para a História do Município de Marquês de Valença.** 1.ed. Juiz de Fora: Companhia Dias Cardoso, 1953.

JACKS, Nilda. **Audiência Nativa: cultura regional em tempos de globalização.** Intexto. v.2, p. 1-15, UFRGS, 1997.

_____. **Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional.** 3.ed. Porto Alegre : Ed. Universidade/UFRGS, 2003.

JORNAL DA USP ON-LINE. Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2008/jusp831/pag10.htm> . Acessado em: 25.08.2013.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Trad. de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: EDUSC, 2001.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa.** 2ed. São Paulo: Edusp, 2003.

LAMEGO, Paulo. **O Brasil é o Vale.** Valença: Gráfica PC Duboc, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura - um conceito antropológico.** 24 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MAIA, Hemília. Conheça Valença. **Revista Expansão Nacional – Integrando os municípios brasileiros.** Rio de Janeiro. Ano VI, n.80. setembro de 2000.

MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva M. **Técnicas de pesquisa.** S. Paulo: Atlas, 1996.

MARCONDES Filho, Ciro. **Comunicação e Jornalismo. A saga dos cães perdidos.** 2 ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MATHEUS, Leticia Cantarela. Entre o *fax* e o café: usos jornalísticos do tempo. In: BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO, Ana Paula Goulart (orgs). **Comunicação e História – partilhas teóricas.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

MATTELART, Armand. Condições de renovação. In: MATTELART, Armand; NEVEU, Érick. **Introdução aos estudos culturais.** Trad. de Marcos Marcionilo. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2004.

MELO, José Marques de; QUEIROZ, Adolpho (orgs). **Identidade da imprensa brasileira no final do século – das estratégias comunicacionais aos enraizamentos e às ancoragens culturais**. São Bernardo do Campo: Unesco, 1998.

MENEZES, Walter (org). **Catálogo de livros de autores valencianos e afins**. Valença: Autor, 2011.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60-70 em Juiz de Fora**. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora: Funalfa, 2007.

_____. **A imprensa e a memória do lugar: Juiz de Fora (1870/1940)**. In: XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste. Juiz de Fora, 2007.

O'DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

OLIVEIRA, Mônica R. de. **Negócios de Famílias: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira – 1780 – 1870**. São Paulo: EDUSC, 2005.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo** / Raquel Paiva; 2 ed. Ver. E ampl. – Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

PAVAM, Carlos Alberto. **O dilema de mazombo na cobertura do processo de integração continental: projeções sobre as identidades do Brasil e da América Latina nos enquadramentos jornalísticos da *Folha de S. Paulo* e *d'O Estado de S. Paulo***. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acessado em: 01.09.2013.

_____. **Memória e identidade social**. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acessado em: 28.08.2013

PRADO, José Luiz Aidar; SOVIK, Liv(orgs). **Lugar global e lugar nenhum: ensaio sobre democracias e globalização**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lúcia Maria Alves (orgs.). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Nuestra América: reinventar um paradigma subalterno de reconhecimento e redistribuição; Entre Próspero e Caliban: colonialismo e inter-identidade**.

In: **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. Vol 4. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

SILVA, Camila Carvalho Gomes da. **Estudo de Caso: A Assessoria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Valença**. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação Lato Sensu - Especialização em Comunicação Empresarial - na Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.

_____. **A identidade valenciana no *Jornal Local***. In: 2º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia. Vila Velha, 2012.

_____. **A identidade sul-fluminense no RJTV 2ª edição**. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Bauru, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TJADER, Rogério da Silva. **Uma Pequena História de Valença**. Valença: Editora Valença, 2003.

_____. **Visconde do Rio Preto: o esplendor de Valença**. Valença: Duboc, 2004.

TRAQUINA, Nelson. A problemática da AIDS: acontecimento, notícias e “estórias”. In: **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

TRINTA, Aluizio Ramos. Televisão e formações identitárias no Brasil. In: LAHNI, Cláudia; PINHEIRO, Marta (orgs). **Sociedade e Comunicação: perspectivas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Disponível em <http://www.unisinos.br/portal>. Acessado em: 05.02.2013.

ZAGHETTO, Ismair. **Machado Sobrinho: o guerreiro da utopia**. Juiz de Fora: Fundação Educacional Machado Sobrinho, 2009.

Periódicos

JORNAL LOCAL. Valença, RJ. Edições: de 18 jul. 2013 a 03 out. 2013.

Material em suporte eletrônico

BARROS, Gustavo Abruzzini de. **Informações sobre *Jornal Local*.** Mensagem recebida por: cacgs@oi.com.br. em set. 2011.

_____. **Informações sobre leitores do *Jornal Local*.** Mensagem recebida por: cacgs@oi.com.br. em fevereiro. 2013.

_____. **Informações sobre *Jornal Local*.** Mensagem recebida por: cacgs@oi.com.br. em 28. agosto.2013.

FONSECA, Alexandre. **Conceituação de “banzo imperial”.** Mensagem recebida via rede social em 06. agosto. 2013.

REIS, Marcelo. **Informações sobre pesquisa no *Jornal Local*.** Conversa telefônica com a autora da dissertação em 22. out. 2013.